

Promover (Re)Encontros com Sentido:

**Uma experiência de intervenção junto de crianças em situação de acolhimento
e seus progenitores**

CARLA SOFIA SILVA PINTO

Relatório de Estágio apresentado ao Instituto Superior de
Serviço Social do Porto para obtenção do grau Mestre em
Intervenção Social na Infância e Juventude em Risco de
Exclusão Social

Professora Doutora Elsa Marques

ISSSP

Setembro de 2018

Promover (Re)Encontros com Sentido:

**Uma experiência de intervenção junto de crianças em situação de acolhimento
e seus progenitores**

CARLA SOFIA SILVA PINTO

Relatório de Estágio apresentado ao Instituto Superior de
Serviço Social do Porto para obtenção do grau Mestre em
Intervenção Social na Infância e Juventude em Risco de
Exclusão Social.

Professora Doutora Elsa Marques

ISSSP

Setembro de 2018

Resumo

O presente relatório resulta de uma experiência de estágio realizado numa Casa de Acolhimento do distrito do Porto que acolhe 11 crianças em situação de risco ou perigo, com idades compreendidas entre os 0 e os 10 anos. Procura-se neste trabalho refletir acerca de uma intervenção que foi realizada, entre o mês de novembro e março de 2018, junto de um grupo de seis das crianças acolhidas e respetivas famílias.

Tendo em conta as fragilidades diagnosticadas no momento das visitas das famílias às crianças, procurou-se implementar um plano de ação cujo principal objetivo era contribuir para que a interação entre as crianças e seus familiares constituísse um momento de qualidade, quer em termos educativos, quer no que respeita ao aprofundamento dos laços entre ambos.

O planeamento da intervenção realizada passou por procurar responder às seguintes questões: Como transformar o período das visitas num momento rico em aprendizagens e interações gratificantes entre pais e filhos? Como tornar as visitas dos pais aos seus filhos institucionalizados, momentos de expressão de afetos positivos e, conseqüentemente, de reforço dos seus laços de vinculação? Como contribuir para que esses mesmos progenitores desenvolvam o sentimento de que são capazes de auxiliar os filhos a adquirir aprendizagens importantes para o seu desenvolvimento?

Ainda que o acolhimento residencial seja uma resposta que se pode prolongar no tempo, consideramos que a permanência nesse regime não constitui o projeto de vida mais adequado para uma criança. Com efeito, não basta procurar resolver os problemas que surgem no imediato, mas projetar as crianças no futuro, o qual, para muitas delas, passará pela reintegração familiar.

O trabalho realizado permitiu-nos concluir que o investimento nos momentos de visita dos familiares às crianças é uma dimensão a priorizar na intervenção em contexto de acolhimento. Apesar do trabalho desenvolvido na Casa de Acolhimento onde estagiámos ter proporcionado oportunidades de aprendizagem para todos os atores envolvidos (famílias, técnicos e crianças), assim como a troca de afetos positivos entre familiares e crianças, durante o período de visita, consideramos que existe, ainda, um longo caminho a percorrer no que respeita ao investimento que deve ser feito entre a referida Casa de Acolhimento e as famílias biológicas. Sabendo que as competências parentais são indissociáveis das oportunidades sociais que os progenitores têm acesso, não se pode esperar que as suas competências educativas sejam distintas das que conduziram à retirada das crianças sem que exista um investimento profundo na mudança das suas condições de vida e nos estímulos a que estão submetidos.

Palavras-chave: Acolhimento Residencial; Casas de acolhimento; Famílias; Crianças; Envolvimento Parental.

Abstract

The present report results from an internship carried out in a shelter home in the Oporto district, sheltering 11 children in dangerous or risk situations, between the ages of 0 and 10. It is sought in this report to reflect on an intervention that was carried out, between November 2017 and March 2018, with a group of six of the sheltered children and their respective families.

Considering the fragilities diagnosed during the families' visits to the children, it was sought to implement a plan of action, the main objective of which being to contribute to improve the interaction between the children and their families so as to turn this into a quality moment, both from the educational aspect, as well as in terms of deepening families ties.

The planning of this intervention sought to respond to the following questions: How to transform the visitation period into a moment rich in learning and rewarding interactions between parents and children? How to turn the visits of the parents to their institutionalized children into moments of expression of positive affections, and consequently, of reinforcing family bonds? How to contribute to the development by the progenitors of the feeling that they can help their children acquire knowledge important to their development?

Even though residential sheltering is a solution that can be prolonged over time, it is considered that permanence in that regime does not constitute the most adequate life project for a child. Thus, it is insufficient to solve momentary problems, but is necessary to project the children in the future, where, for most of them, this will be their reintegration in the family.

The work carried out allowed us to conclude that the investment in family visits is a dimension to prioritize in interventions within a shelter context. Although the work developed in the Shelter Home where the internship was carried out provided learning opportunities for all the players involved (families, technicians and children), as well as the exchange of positive affections between families and their children during the visitation period, we considered that there is a long way to go as regards the investment that has to be made by both the said Shelter Home and the biological families. Knowing that parental competences are inseparable from the social opportunities parents have access to, one cannot expect their educational competencies to differ from those that led to the withdrawal of children without a deep investment in changing their living conditions and the stimuli to which they are subject.

Keywords: Residential Sheltering; Shelter Home; Families; Children; Parental Involvement.

Agradecimentos

A elaboração do presente relatório é o culminar de um percurso académico que representa, não só empenho e esforço pessoal, mas também o contributo de várias pessoas significativas. Por este motivo é um prazer enunciar cada uma delas e proceder ao reconhecido agradecimento.

À Professora Elsa Montenegro pelo tempo disponibilizado, o incentivo manifestado nos encontros que mantivemos, a confiança depositada e a mão profissional e amiga a cada pequena conquista. Pelo reconhecimento do esforço e dedicação, pelo apoio constante e incondicional e pela magnífica viagem proporcionada que me fez ser e crescer tranquilizando-me, sempre, nos momentos de maior dúvida e incerteza.

À Orientadora Cármen Sousa pelo apoio prestado na orientação deste trabalho, pela partilha do saber e votos de confiança depositados ao longo da realização do projeto.

Ao Educador Artur pela abertura e confiança, pelo carinho e motivação nos momentos de maior receio. Um obrigada gigante pela orientação, a ajuda sincera e amiga desde o início desta etapa. À Psicóloga, Dra. Sílvia pela partilha de conhecimentos, preocupações e sorrisos, pelas palavras de conforto e carinho ao longo da realização deste trabalho.

A todas as minhas amigas, que me acompanharam neste percurso, pela amizade autêntica que mostraram em todos os momentos. Ao Bruce, pelo apoio incondicional.

À minha família, em particular, à minha prima, Sandra Pimpão, pelas palavras de carinho e conforto manifestadas ao longo de todo o percurso.

Devo um especial agradecimento aos meus pais e irmão pelo amor, a confiança e a educação transmitida, que me faz ser quem sou e lutar pela concretização dos meus sonhos e objetivos. Expresso-lhes, ainda, a minha gratidão por todos os sacrifícios que fizeram para que eu pudesse ter oportunidade de seguir este caminho.

À minha querida tia, quase mãe, Maria José, pelo apoio e disponibilidade permanente, o carinho, o amor e a preocupação constante durante todo o meu percurso académico. E, por fim, à minha avó, o meu anjo da guarda no céu, por ter sido sempre o meu grande pilar, por me conceder a força suficiente para enfrentar todos os desafios e acreditar, com o coração, que se estivermos bem, o que vier será sempre bom.

às (minhas) crianças, que pisam um chão que treme, para que cresçam fortes e floresçam.

Eu irei continuar a crescer, acrescida, com vocês no coração!

Índice

Tema	Página
Introdução	1
I – Procedimentos Metodológicos	6
1. Delimitação do objeto de estudo/intervenção	6
2. A metodologia de projeto: reflexões sobre o caminho percorrido	8
II - Um olhar sobre a realidade residencial de crianças institucionalizadas numa Casa de Acolhimento do distrito do Porto	13
1. Enquadramento Institucional	13
1.1. Da missão aos objetivos da Casa de Acolhimento Nossa Senhora da Misericórdia	13
1.2. Procedimentos do Acolhimento das crianças em situação de risco e/ou perigo	15
1.3. A estrutura física e a organização do espaço residencial	18
2. Uma aproximação empírica às práticas dos profissionais: que condições socializadoras são garantidas às crianças?	21
2.1. A Casa de Acolhimento Nossa Senhora da Misericórdia: uma Casa de Afetos?	21
2.2. Entre a estabilidade dos vínculos afetivos e a consistência na imposição de regras e limites	26
2.3. A participação das crianças acolhidas nos processos de tomada de decisão	27
2.4. Acesso a bens culturais: necessidades educativas e o respeito pelos direitos fundamentais	29
3. Do Amor institucional ao amor familiar: que pontes se constroem?	31
4. Reflexões sobre a prática do profissional de Serviço Social na Casa de Acolhimento: que desafios?	39

III - Caracterização diagnóstica das crianças da Casa de Acolhimento	49
1. Breves elementos de caracterização sociodemográfica das 11 crianças residentes	49
1.1. Um retrato psicossocial do grupo intervencionado	51
IV - Projeto de Ação: uma intervenção educativa centrada na relação entre a família e a criança	62
1. Objetivos Gerais e Específicos	63
2. Delineação das estratégias de ação e dos critérios de avaliação considerados	64
3. Conceção e execução das atividades: que avaliação?	66
V - Considerações Finais	85
Referências Bibliográficas	90
Anexos	93

Lista de Tabelas	Página
Tabela 1 – Caraterização do grupo de crianças	52
Tabela 2 – Caraterização do grupo de famílias	53
Tabela 3 – Objetivos gerais e específicos	64
Tabela 4 – Critérios de avaliação	66

Lista de Siglas

CA – Casa de Acolhimento

ECGV – Equipa de Gestão Centralizada de Vagas

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

EMAT – Equipa Multidisciplinar de Assessoria aos Tribunais

CASA – Caraterização Anual da Situação de Acolhimento

PI – Processo Individual

PSEI – Plano Socioeducativo Individual

CAFAP – Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

RSI – Rendimento Social de Inserção

Introdução

“A vida de uma criança é, de facto, um tesouro. Não só pela sua riqueza e as diferentes dimensões que lhe estão subjacentes, mas também pela necessidade que existe de o preservar.

Um tesouro é algo valioso que deve ser tratado como amor, carinho e atenção. É algo que perdura no tempo, transmite-se de geração em geração e tem que ser descoberto todos os dias.

A vida de uma criança é isso mesmo: um tesouro, e os pais, educadores e interventores sociais têm um papel fundamental na sua preservação”

(Veiga, 2011, p.7).

O presente trabalho resulta da experiência de estágio pré-profissionalizante realizado numa Casa de Acolhimento (CA) do distrito do Porto¹ no âmbito do programa de Mestrado de Intervenção Social na Infância e Juventude em Risco de Exclusão Social promovido pelo Instituto Superior de Serviço Social do Porto (ISSSP). O período de observação, apropriação e ação direta no referido contexto decorreu entre o início do mês de novembro de 2017 e o final do mês de março de 2018 e perfaz um total de 550h.

A nossa ação centrou-se num conjunto de crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 10 anos de idade que, em algum momento, estiveram expostas a situações de risco e/ou perigo no meio familiar de origem. Incidiu, de modo particular, num grupo de seis crianças, entre os três e os nove anos e respetivos familiares que as visitam, semanalmente, na CA. No que respeita ao projeto de vida, a Equipa Técnica prevê que cinco das crianças regressem ao meio familiar de origem e uma seja encaminhada para adoção. Todas elas se encontravam acolhidas há cerca de um ano, à exceção daquela que se prevê a adoção, que se encontrava institucionalizada há quatro anos.

À medida que fomos conhecendo a realidade institucional, fomos nos apercebendo de algumas manifestações das fragilidades existentes no que respeita à relação entre a CA, a criança e a família biológica, nomeadamente: o pouco envolvimento parental no quotidiano das filhas; a inexistência de um espaço físico promotor de uma interação de qualidade entre a família e a criança; o desconhecimento dos progenitores face às competências que se espera que as crianças adquiram na faixa etária em que se encontram; a presença de conflitos entre

¹ A Casa de Acolhimento Nossa Senhora da Misericórdia é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) sem fins lucrativos, pertencente à Santa Casa da Misericórdia de Gaia. Localiza-se na Rua Almeida Costa nº151, freguesia de Santa Marinha e exerce atividade enquanto Casa de Acolhimento desde 1999.

crianças, motivados pela ausência de supervisão e orientação técnica durante os momentos de visita. Fomos, ainda, dando conta das interações marcadas por escassas trocas emocionais entre os pais e os seus filhos, assim como a quase ausência de estímulos considerados importantes para o desenvolvimento da criança, designadamente ao nível cognitivo, do código linguístico utilizado, da exploração do meio, da motricidade global e do conhecimento sobre o mundo.

Sabendo que as competências parentais são indissociáveis das oportunidades sociais que os progenitores têm acesso, como esperar que as competências educativas dos pais sejam distintas das que conduziram à retirada das crianças sem existir um investimento profundo na mudança das suas condições de vida e nos estímulos a que estão submetidos? Como poderão os pais elevar as suas competências parentais, sem serem submetidos a uma nova realidade objetiva?

A presença continuada na instituição e o acompanhamento do quotidiano das crianças permitiu-nos constatar que a intervenção com a família biológica tem sido uma dimensão descurada institucionalmente, sendo mesmo esta lacuna assumida pelos profissionais que nela trabalham. A CA aqui em estudo tem centrado a sua intervenção junto das crianças, privilegiando um acompanhamento de proximidade, a construção de laços de afeto e o seu desenvolvimento psicossocial. No entanto, uma intervenção centrada única e exclusivamente na transformação da realidade subjetiva da criança, sem proporcionar aos progenitores oportunidades de elevarem as suas competências parentais e sem um investimento profundo na mudança das suas condições de vida e nos estímulos a que são submetidos, não garante a continuidade do trabalho realizado pela CA, após a reintegração da criança no seio familiar de origem.

Partindo de uma análise e reflexão cuidada sobre as questões elencadas, alicerces de toda a ação, considerámos fundamental elaborar um plano de intervenção com o objetivo de contribuir para que o período das visitas dos familiares às crianças constituísse um momento de aprofundamento dos laços entre eles. A sua concretização exigiu o desenvolvimento de atividades, não só no sentido de promover experiências de afeto entre progenitores e os seus filhos, mas também de acompanhamento, orientação e transmissão de princípios de aprendizagem que auxiliassem os progenitores a ir ao encontro das necessidades educativas e emocionais dos filhos.

O presente relatório constitui um instrumento de reflexão sobre as etapas percorridas ao longo da realização do estágio, avaliando, em particular, as ações implementadas junto das crianças e seus familiares durante o período de visitas.

Optou-se por apresentar os contributos teóricos que fomos aprofundando para realizarmos este trabalho à medida que descrevemos o caminho metodológico e de conhecimento/intervenção realizado. A compreensão da realidade institucional e o conhecimento científico dos fenómenos sociais exige que nos inteiremos, com alguma profundidade, dos contributos que os diferentes autores de referência nos fornecem sobre a temática do acolhimento residencial de crianças e jovens em situação de risco e/ou perigo. Porém, considerámos mais produtivo e enriquecedor apresentar os contributos teóricos em diálogo permanente com os dados empíricos obtidos no decurso da investigação. Assim, a revisão do estado da arte muniu-se do contributo de alguns autores que se dedicam ao estudo dos fatores de risco e proteção para as crianças (Bonfenbrenner, 1989; Magalhães, 2004; Sousa, 2005) das repercussões psíquicas do abandono, negligência e maus tratos em crianças e adolescentes (Strecht, 1997; Bowlby, 1969); das necessidades básicas das crianças e dos tipos de cuidados fundamentais ao seu desenvolvimento saudável (Brazelton e Greenspan, 2002; Ausloos, 2003; Mesquita, 2013; Canhão, 2007; Baumrind, 1971; Pereira e Alarcão, 2010; Erickson, 1976; Piaget, 1972); do acolhimento residencial de crianças e jovens (Gomes, 2010; Teixeira, 2009; Veloso, 2014).

Importa, ainda, referir o recurso ao Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento de crianças e jovens (CASA) e à Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, nº142/2015, enquanto documentos fundamentais para a realização deste trabalho.

Quanto à estrutura, o presente relatório encontra-se dividido em cinco capítulos, interligados entre si. O primeiro capítulo faz referência aos procedimentos metodológicos utilizados no decorrer do processo de investigação, desde a definição e pertinência do objeto de estudo à metodologia, instrumentos e procedimentos de recolha de dados. Este capítulo espelha, ainda, o modo como decorreu o processo de investigação, de forma a que o leitor perceção a linha de pensamento que lhe esteve subjacente - desde a fase de integração e apropriação do contexto institucional à conceção e implementação do plano de ação. Nele são apresentadas algumas das questões que conduziram o nosso olhar sobre as dinâmicas da realidade institucional, a saber: Que intervenção a CA faz com as famílias das crianças que acolhe? Como se processam os momentos de visita entre os progenitores e os seus filhos (horários, atividades realizadas, espaços, supervisão e orientação técnica, privacidade)?

Apesar dos esforços que algumas Casas de Acolhimento têm vindo a realizar no sentido de proporcionar às crianças experiências de vida tão próximas, quanto possível, às familiares, garantindo os cuidados adequados à satisfação das suas necessidades, exercício dos seus direitos, bem como as condições necessárias à promoção da sua educação e bem-estar, existem,

no seu funcionamento, algumas fragilidades. Neste sentido e partindo de um olhar sobre a realidade da CA procurámos demonstrar, no segundo capítulo, quais as condições e práticas profissionais inerentes ao seu funcionamento. Este capítulo encontra-se dividido em 4 subcapítulos.

No primeiro subcapítulo, propomo-nos caracterizar a CA Nossa Senhora da Misericórdia, em estreita articulação com os contributos fornecidos pela revisão bibliográfica sobre a temática do acolhimento residencial de crianças em situação de risco ou perigo. A descrição dos diferentes espaços espelha o modo como a CA se encontra organizada ao nível da estrutura interna e externa.

O segundo subcapítulo, “Uma aproximação empírica às práticas dos profissionais: que condições socializadoras são garantidas às crianças?”, incide na abordagem às condições de socialização promovidas pela CA, nomeadamente, as dinâmicas e práticas organizacionais que possibilitam às crianças crescer num ambiente de tipo familiar, vivenciando experiências de proximidade e afeto.

O terceiro subcapítulo, intitulado “Do Amor institucional ao amor familiar: que pontes se constroem?” retrata a relação existente entre a CA, as crianças e a família biológica, dando conta de potencialidades e fragilidades inerentes que influenciam a qualidade dos momentos de interação entre progenitores e crianças, essencialmente, durante o período de visita.

Por último, o quarto subcapítulo apresenta as “Reflexões sobre a prática do profissional de Serviço Social na Casa de Acolhimento: que desafios?”, bem como na relação de interdependência e colaboração que o Assistente Social estabelece com os outros profissionais.

O terceiro capítulo deste trabalho incide na caracterização das crianças acolhidas na CA, mais concretamente, em questões relativas ao seu processo de promoção e proteção (projeto de vida, entidade executora da medida aplicada) e características individuais (faixa etária, escolaridade, acompanhamentos e terapias). Caracteriza, ainda, as famílias que as visitam, no que respeita às suas condições objetivas e subjetivas de vida e às particularidades inerentes à realidade de cada uma. Esta caracterização é fundamental, essencialmente, quando se trabalha com famílias que, por circunstâncias sociofamiliares ou pessoais, colocaram a criança numa situação de perigo e nos deparamos com o preconceito (quase) generalizado que lhes atribui culpa e responsabilidade da situação de acolhimento. É esta naturalização dos problemas e consequente rotulação que remete, tantas vezes, os progenitores para uma situação de inferioridade e de vergonha social, limitando-os no exercício da sua parentalidade (Teixeira, 2009). Assim, a análise de qualquer situação, exige que a situemos num contexto mais amplo (ao nível macro), sem descurar a influência das condições objetivas e subjetivas de vida,

tantas vezes, pautadas por histórias de vida com handicaps e ruturas sucessivas, onde a carência de modelos relacionais consistentes e a falta de meios de acesso a recursos e oportunidades, conduzem a situações de vulnerabilidade (afetiva, social e económica) que, por sua vez, comprometem e/ou comprometeram o desempenho saudável das funções parentais.

Consideramos, por isso, que a estimulação e envolvimento parental são questões a ser priorizadas pelos colaboradores das instituições ao longo do acolhimento. É na interação com as crianças que os pais se tornam permeáveis à descoberta e ao desenvolvimento de competências que os promovem enquanto educadores, tornando-se, por isso, fundamental implica-los no quotidiano da criança, através da elaboração de programas estruturados que promovam a sua participação nos cuidados, educação e na tomada de decisões relativamente a vida dos seus filhos. Importa, ainda, criar condições que lhes permitam compreender a importância do brincar, do toque e do elogio como meios de reforço positivo, no sentido de fomentar na criança, confiança e segurança nas suas capacidades.

O quarto capítulo deste relatório procura demonstrar o projeto desenvolvido durante a realização do estágio, através da descrição, detalhada, das etapas inerentes ao plano de ação implementado, nomeadamente: os objetivos gerais e específicos; as estratégias de ação; os critérios de avaliação, bem como a conceção, execução e avaliação das atividades concretizadas.

Para concluir, o quinto capítulo “Considerações Finais” apresenta uma análise crítica à experiência de estágio, bem como aos resultados obtidos face às expectativas iniciais. São ainda apresentadas algumas pistas de ação futura, no sentido de contribuir para a melhoria da dinâmica e funcionamento das Casas de Acolhimento.

Importa salientar que, ao longo do trabalho e de forma a salvaguardar a privacidade e a confidencialidade dos dados, serão utilizados nomes fictícios para identificar as crianças e os seus familiares.

I. Procedimentos Metodológicos

1. Delimitação do objeto de estudo/intervenção

Qualquer investigação tem como ponto de partida uma situação social que se pretende compreender melhor e/ou alterar. Conhecer os problemas prioritários da instituição que abriu as portas à realização do nosso estágio foi, assim, o nosso primeiro passo. Não seria, quanto a nós, um procedimento ético impor um projeto de ação, a priori, sem conhecer as necessidades, preocupações, vontades, problemas e constrangimentos vivenciados pelos atores que davam vida à instituição. Tal como Bourdieu (1993) tão bem alertou, “a imposição da problemática²” é um risco que os investigadores não estão longe de correr, à medida que avançam com o processo de conhecimento. É fundamental tomar cuidado para evitar que isto se suceda, sob pena das ações postas em prática se tornarem desadequadas e produzirem um resultado inverso àquele que se pretende atingir.

O dia a dia na instituição e a nossa presença contínua no quotidiano das crianças acolhidas, foi-nos permitindo apreender, de perto, um problema com o qual, de certa forma, já tínhamos sido confrontadas, enquanto assistente social, num outro contexto institucional de acolhimento de crianças em risco e perigo: o problema da incipiência, ou mesmo, inexistência de um trabalho centrado nas famílias a quem são retiradas as crianças. Referimo-nos, por outras palavras, à ausência de um investimento sério e rigoroso na reunião de condições objetivas de existência das famílias e, em simultâneo, desenvolvimento de disposições e competências parentais. Efetivamente, o contacto e apropriação da realidade da CA permitiu-nos constatar a inexistência de um trabalho efetivo junto das famílias (mesmo daquelas a quem estava previsto a reintegração familiar da criança) essencialmente, nos momentos específicos das visitas dos familiares às crianças.

A inexistência de um espaço físico na CA que fosse propício a uma interação cuidada e de qualidade entre a família e a criança, a ausência de supervisão e orientação técnica durante o período de visitas (tantas vezes, por isso, confinados a momentos de ingestão excessiva de doces dados pelos pais), o pouco envolvimento parental no quotidiano dos filhos e o

² De acordo com Bourdieu (1993) por vezes, os grupos sobre os quais incide uma investigação não recusam planos de ação que lhe são impostos, mesmo que desajustados à própria realidade. Muitas vezes, acontece o que o autor designa por “imposição da problemática” por parte do investigador, que aborda temas sobre os quais os indivíduos não têm competência, nem encontram qualquer significado. Ninguém está livre da influência da imposição de intervenções, ingenuamente, egocêntricas ou desatentas e do efeito contrário que as respostas e reações deslocadas dos indivíduos podem produzir na interpretação do investigador, convicto, por vezes, de um fenómeno que ele próprio produziu, sem saber.

desconhecimento dos progenitores face às aquisições que se espera que as crianças adquiram na faixa etária em que se encontram são algumas das manifestações mais evidentes do problema atrás enunciado. Com base neste diagnóstico surgiram as seguintes interrogações: Como poderão os pais elevar as suas competências parentais, sem serem submetidos a uma nova realidade objetiva? Sabendo que as competências parentais são indissociáveis das oportunidades sociais que os progenitores têm acesso, como esperar que as competências educativas dos pais sejam distintas das que conduziram à retirada das crianças sem existir um investimento profundo na mudança das suas condições de vida e nos estímulos a que estão submetidos?

Ainda que o problema em questão nos parecesse prioritário em termos de superação, a opção por concebermos uma intervenção dirigida aos pais e centrada na sua relação com os filhos durante o período das visitas que lhes eram permitidas por lei, prendeu-se também com a curta duração do estágio profissionalizante. Efetivamente, dado o curto período que tínhamos, sem margem de manobra para intervenções mais continuadas e profundas, como seria importante efetuar, consideramos que investir nos momentos de visita dos progenitores às crianças seria a opção mais sensata.

O planeamento da intervenção passou, pois, por procurar responder às seguintes questões: Como contribuir para que o período das visitas (com a duração média de duas horas) seja um momento rico em interações gratificantes entre pais e filhos? Como tornar as visitas dos pais aos seus filhos momentos de expressão de afetos positivos e, conseqüentemente, de reforço dos seus laços de vinculação? Como contribuir para que os progenitores desenvolvam o sentimento de que são capazes de auxiliar os filhos a adquirir aprendizagens importantes para o seu desenvolvimento?³

A nossa ação incidiu num grupo de seis crianças com idades compreendidas entre os três e os nove anos de idade e nos elementos da família biológica que as visitam, semanalmente, na CA. A seleção das famílias e crianças foi definida tendo em consideração o projeto de vida “reintegração no seio familiar de origem” ainda que, tenha sido incluída no grupo intervencionado uma criança que se prevê o “encaminhamento para adoção”⁴.

³ De acordo com Bandura (1986) as crenças de auto-eficácia são um “*juízo das próprias capacidades de executar cursos de ação exigidos para se atingir certo grau de performance*” (p. 391). Refere-se à percepção pessoal que o indivíduo tem sobre as suas próprias capacidades (inteligência, habilidades, conhecimentos). Contudo, não se trata de possuir ou não tais capacidades, mas de acreditar que as possui e pode executar uma determinada ação – expectativa.

⁴ Esta criança fez parte do nosso grupo intervencionado por receber, ainda, visitas da progenitora. De acrescentar que o Tribunal considerou não se terem esgotado as tentativas de recuperação deste elemento e, por isso, foi-lhe dada uma última oportunidade de reorganizar a sua vida e proposto um trabalho e acompanhamento intensivo por parte de um Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental (CAFAP).

2. A metodologia de projeto: reflexões sobre o caminho percorrido

Quando se inicia o processo de investigação, o investigador deve obrigar-se a escolher, rapidamente, um primeiro fio condutor tão claro quanto possível (Quivy e Campenhoudt, 1998).

A nossa opção, em termos metodológicos, recaiu sobre a metodologia de projeto por considerarmos ser a mais adequada para quem queria, como nós, não apenas compreender a relação que existe entre a CA, famílias e crianças acolhidas, mas também contribuir para influenciar a qualidade dos momentos de interação entre os progenitores e as crianças no decorrer dos momentos de visita na própria instituição. O desejo de conhecer mas, sobretudo, de intervir levou-nos a percorrer um caminho assente numa metodologia que estabelece conexões dinâmicas entre o diagnóstico e a intervenção.

De acordo com Guerra (2002) um projeto de intervenção pode ter início de diversas formas, ainda que a mais tradicional seja a identificação e definição dos problemas, seguida do planeamento de ações e estratégias pertinentes que poderão conduzir ao que se espera alcançar. Independentemente do ponto de partida da investigação, a metodologia por nós utilizada, metodologia de projeto, assenta no pressuposto de que qualquer objetivo de intervenção é construído com base no conhecimento da realidade. Contudo, a compreensão da realidade e o conhecimento científico dos fenómenos sociais inerentes é um processo complexo que exige que nos inteiremos, com alguma profundidade, dos contributos (conhecimentos teóricos e metodológicos) que os diferentes autores de referência nos fornecem sobre o tema (Guerra, 2002).

Apesar de cada contexto institucional ter dinâmica e regulamento próprio, importa referir que os conhecimentos, por nós, adquiridos ao longo do percurso académico e profissional e a familiaridade existente com o sistema de acolhimento e a lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, em muito, contribuíram para a análise da realidade institucional, partindo de uma perspetiva mais global e integrada.

Atendendo às principais fases de uma metodologia de projeto⁵, procurámos, em primeiro lugar, realizar um *diagnóstico* da realidade social, considerando os diferentes atores sociais envolvidos, a identificação de potencialidades e obstáculos existentes, principais áreas de questionamento, dinâmicas de mudança e fontes potenciais de recursos. Nesta fase, a

⁵ De acordo com Guerra (2002,p.128) as principais etapas de elaboração da metodologia de projeto são: identificação dos problemas e diagnóstico; Definição de objetivos; Definição de estratégias; Programação das atividades; Preparação do plano de acompanhamento e de avaliação do trabalho; Publicitar os resultados e estudo dos elementos para a prossecução do projeto.

pesquisa documental e a observação participante assumiram um papel fundamental enquanto técnicas privilegiadas de recolha de informação.

Ao longo das primeiras duas semanas de estágio (fase de integração e de adaptação ao contexto institucional) dedicamos grande parte do tempo à leitura e análise de documentos organizacionais internos (processos de promoção e proteção das crianças e outros documentos relevantes), à observação das dinâmicas sociais e conversas informais com os elementos da Equipa Técnica, Educativa e outros colaboradores - informadores privilegiados, essenciais ao conhecimento e compreensão da realidade da CA.

À medida que a dinâmica institucional foi sendo apropriada e a familiaridade com as rotinas da CA aumentou, a sensação de novidade e estranheza, sentida inicialmente, foi esvanecendo. O acompanhamento das crianças nas atividades diárias - apoio ao estudo, idas à piscina, celebração de aniversários⁶, atividades recreativas⁷ - e a partilha de espaços comuns contribuíram, em muito, para que tal acontecesse. A possibilidade de participar nas reuniões da Equipa Técnica e Educativa, acompanhar as profissionais em diligências inerentes aos processos de promoção e proteção (visitas domiciliárias, elaboração parcial de relatórios, reuniões com a escola e a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens) e os momentos de interação com as crianças e famílias favoreceram, igualmente, o processo de integração.

Sendo um dos pressupostos inerentes à metodologia utilizada, a investigação de carácter prático (Gomez *et al.*, 1996 cit por Coutinho, 2011) com implicação e participação ativa dos atores intervenientes procurámos, através do contacto com a realidade, desvendar e compreender os significados das ações e interações sociais entre crianças, cuidadores e famílias, contextualizando-as.

No mês de janeiro de 2018, já com um conhecimento mais aprofundado sobre as dinâmicas da CA, tornou-se mais clara a forma como o *plano de ação* poderia ser conduzido e concretizado. Após a definição do universo de análise e os objetivos gerais e específicos a atingir, foram delineadas e discutidas com a Equipa Técnica - essencialmente, o educador social (elemento essencial durante todo o processo) – as estratégias e atividades a desenvolver com cada família, partindo do pressuposto que são realistas e ajustadas às características do grupo às quais se destinam. De facto, a exequibilidade⁸ foi o critério primordial que norteou o planeamento da nossa ação.

⁶ Anexo I - Registo fotográfico da celebração de aniversário

⁷ Anexo II - Registo fotográfico de atividades recreativas

⁸ Quivy e Campenhoudt (1998) a exequibilidade exige que o investigador seja realista, assegurando-se que os conhecimentos e recursos lhe permitirão obter elementos de resposta válidos, imprescindíveis à concretização do projeto de investigação.

Importa referir que, ao longo do processo, tivemos o cuidado de não ser demasiado ambiciosos, certificando-nos que os conhecimentos e recursos pessoais, temporais e técnicos disponíveis eram suficientes para a execução da investigação. Todo o trabalho foi realizado com conhecimento, anuência e articulação com a Equipa Técnica que considerou pertinente a área de intervenção selecionada. De facto, ainda que a definição das prioridades da intervenção seja da competência dos responsáveis pelo planeamento, deve ser um processo tão participado quanto possível - pois só com base na troca de opiniões, surgirá uma opção mais concertada (Guerra, 2002).

A avaliação do projeto foi realizada de forma sistemática, o que permitiu obter um feedback contínuo sobre o plano de ação implementado. Para além disto, constituiu um importante instrumento de reflexão sobre as ações desenvolvidas, permitindo a sua adaptação às necessidades que foram surgindo. Dada a dificuldade em mensurar a subjetividade inerente às ações humanas, a avaliação das atividades concretizadas exigiu a definição de alguns critérios.

Importa salientar que, ao longo de todo o processo, foi nossa preocupação planear cuidadosamente todas as ações a desenvolver, sob pena de serem cometidos erros e negligências que poderiam comprometer o desenvolvimento do trabalho.

Tratando-se de uma investigação com uma grande componente qualitativa, em que o conhecimento se constrói numa relação constante com a prática, torna-se, por vezes, difícil manter a objetividade que se considera desejável. Efetivamente, durante a elaboração do relatório fomos nos apercebendo que o facto de assumirmos um papel participante ao longo do processo de investigação, dificultou a imparcialidade e distanciamento crítico que se considera fundamental na análise da informação recolhida. Assim, não podemos deixar de referir a dificuldade que, tantas vezes, sentimos em nos afastarmos dos procedimentos diários adotados pela CA – e por nós interiorizados - e em questionar a sua adequabilidade ao contexto.

O planeamento de qualquer investigação/intervenção pressupõe a definição das técnicas e instrumentos de recolha e análise de dados mais adequadas aos objetivos que se pretendem atingir. Nesta pesquisa foram utilizadas fontes documentais⁹ e não documentais¹⁰. Todavia, por se tratar de um projeto elaborado com base na análise das dinâmicas e interações sociais do contexto da CA, privilegiamos a observação participante enquanto técnica primordial no

⁹ Documentos escritos ou não escritos que nos servem de apoio à recolha de informação sobre os fenómenos sociais, quer sejam estes qualitativos ou quantitativos (ex. arquivos, imprensa, filmes, fotografia, estatísticas, correspondência, entre outros).

¹⁰ Observação participante e não participante.

processo de recolha de informação. Assim, foi possível participar e observar diversos momentos institucionais, entre os quais destacamos:

- as rotinas das crianças, nomeadamente, nos horários das refeições e da higiene pessoal, no apoio ao estudo, idas à piscina, celebração de aniversários e outras épocas festivas;
- o período de visitas dos familiares;
- as reuniões da Equipa Técnica e Educativa e no acompanhamento das diligências inerentes aos processos de promoção e proteção.

O facto de assumirmos um papel ativo nas dinâmicas sociais da CA e partilharmos vivências, perspetivas e opiniões com as crianças e colaboradores, permitiu-nos conhecer e compreender o significado que atribuem às situações que ocorrem nos vários momentos do seu quotidiano.

O registo das informações recolhidas através da técnica de observação participante foi efetuado num diário de bordo (sob notas de campo descritivas e reflexivas) - um caderno de registo das situações, ações e atividades desenvolvidas no percurso do estágio, bem como das sensações do momento, pensamentos e reflexões pessoais que íamos realizando. Esta base documental de análise permitiu-nos, numa fase posterior e em retrospectiva, interpretar e reviver os momentos com maior nitidez.

No processo de recolha de dados, o importante não é apenas recolher informação, mas organizá-la de forma a poder aplicar-lhe, posteriormente, o tratamento adequado. Assim, é fundamental construir instrumentos que permitam recolher e produzir a informação prescrita pelos objetivos. Assim, os acontecimentos observados durante a realização das atividades desenvolvidas no período de visita dos familiares às crianças foram registados no Plano Individual de Intervenção em Contexto de Visita¹¹ – documento, por nós elaborado, onde constam os dados de identificação da criança, os objetivos gerais e específicos da intervenção, as ações/atividades planeadas e o grau de satisfação com as mesmas. Este plano, integra uma tabela destinada à monitorização de cada sessão, preenchida após a sua realização.

De destacar, ainda, o recurso a um guião de observação¹² relativo às condições objetivas de vida das famílias das crianças acolhidas e à dinâmica das visitas na CA. Este documento foi elaborado com base nos objetivos da intervenção e constituiu um importante fio condutor do projeto.

Ainda que a observação participante se afigure enquanto técnica, não documental, privilegiada no processo de recolha de dados, a pesquisa documental foi essencial durante todo

¹¹ Anexo III – Planos Individuais de Intervenção em Contexto de Visita

¹² Anexo IV – Guião de Observação

o processo, essencialmente, na fundamentação das questões inerentes ao acolhimento residencial e à importância de se desenvolverem cuidados que promovam as condições efetivas do bem-estar das crianças.

II. Um olhar sobre a realidade residencial de crianças institucionalizadas numa Casa de Acolhimento do distrito do Porto

1. Enquadramento Institucional

1.1. Da missão aos objetivos da Casa de Acolhimento Nossa Senhora da Misericórdia

A designação de “acolhimento institucional”, ainda associada a um carácter histórico, assistencialista e caritativo¹³ foi, recentemente, substituída pelo termo “Acolhimento Residencial” referenciado na atual Lei de Proteção de Crianças e Jovens. Segundo Quintães (2009), esta alteração vai de encontro ao facto de se considerar que a existência de pequenas unidades de acolhimento com cariz familiar e terapêutico responde, de forma mais adequada, às necessidades das crianças.

A medida de acolhimento residencial surge como a última das respostas¹⁴ legalmente previstas para assegurar a promoção e proteção dos direitos das crianças. Esta medida visa afastar a situação de perigo em que as crianças ou jovens se encontram, colocando-os ao cuidado de uma entidade que disponha de instalações, equipamentos e recursos humanos adequados à satisfação das suas necessidades básicas (art. 49º, nº1, lei nº 142/2015).

Se há uns anos atrás o acolhimento era destinado, maioritariamente, a crianças e jovens vítimas de abandono, desproteção familiar e social, atualmente, o perfil das crianças acolhidas é bastante diversificado (Veloso, 2014). De facto, os motivos que ocasionam o acolhimento têm vindo a alterar-se ao longo do tempo. O que era, inicialmente, uma necessidade económica e moral tornou-se, nos últimos anos, um aglomerado de causas, entre elas situações de negligência parental, maus tratos físicos e psicológicos, abuso sexual, crianças e jovens adolescentes que apresentam problemas de comportamento, saúde mental e consumo de

¹³ Inicialmente a institucionalização assumia um papel assistencial e caritativo, na medida em que se destinava a proteger as crianças orfãs e/ou em situação de abandono (Ribera, 1996 cit por Quintães, 2009). Podemos considerar que nesta altura, o modelo das instituições aproximava-se ao conceito de *instituição total* enunciado por Goffman (1968), sendo caracterizando-se por estruturas de grandes dimensões que acolhiam um elevado número de crianças num regime de funcionamento fechado à comunidade. Os cuidadores apresentavam poucas qualificações e as práticas adotadas não tinham em conta a individualidade e especificidade de cada criança, limitando-se à satisfação das necessidades básicas (Goffman, 1968).

¹⁴ Tendo em conta o superior interesse da criança, a promoção do seu bem-estar e desenvolvimento saudável, a lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo prevê a aplicação de medidas com objetivo de afastar o perigo. Estas medidas podem ser executadas em meio natural de vida ou em regime de colocação. A modalidade incrementada em meio natural de vida compreende as medidas de apoio junto dos pais ou de outro familiar; a confiança a pessoa idónea; e o apoio para autonomia de vida. Por outro lado, a modalidade em regime de colocação, consiste no acolhimento familiar ou residencial; a confiança a pessoa selecionada para adoção, a família de acolhimento ou a instituição com vista a futura adoção (art.35º, alínea e) f) g) lei nº142/2015).

estupefacientes (Gomes, 2010). Neste sentido, é legítimo afirmar que o perfil destas crianças e adolescentes, pautado por dificuldades nas relações interpessoais com adultos e pares, exige, cada vez mais, respostas de acolhimento terapêuticas e especializadas. Todavia, importa salientar a impossibilidade de dissociar as variáveis inerentes às problemáticas da infância das condições de vida das crianças, famílias e das (des)oportunidades da estrutura e sistema social de cada sociedade.

Atualmente, diferentes fatores de desfavorecimento recaem sobre muitas famílias, essencialmente, daquelas provenientes de contextos frágeis onde a pobreza e exclusão social subsistem se reproduzem a um ritmo acelerado. Familiarizados, tantas vezes, com experiências de precariedade e carência económica que impossibilitam o acesso aos padrões de consumo considerados norma, os indivíduos vêem-se numa situação de fragilidade e privação, com impacto direto nas vivências das suas crianças. Sendo certo que as dificuldades nas relações entre pais e filhos ocorrem em qualquer ambiente social será, sem dúvida, mais incisivo nestes contextos onde hábitos disfuncionais se reproduzem e afetam o exercício do papel parental, comprometendo a capacidade de providenciarem aos filhos os cuidados e a educação que seria desejável (Santos; Santos, & Ribeiro, 2011).

Apesar da medida de acolhimento residencial ser, por vezes, considerada como a melhor resposta às situações de risco e perigo, atualmente, verifica-se uma maior aposta na aplicação de medidas de promoção e proteção em meio natural de vida. De acordo com o Relatório CASA de 2016 e à semelhança dos anos anteriores, mantém-se a tendência de diminuição do número de crianças em situação de acolhimento. Assim, em 2006, encontravam-se acolhidas 15.016 crianças e jovens enquanto que em 2016 este número baixou para 10.688, ou seja, verificou-se um decréscimo de 4.328 crianças e jovens em situação de acolhimento, mais concretamente, 29%. Todavia, em Portugal, ao contrário de países como a Irlanda e o Reino Unido (nos quais as crianças se encontram, maioritariamente, em famílias de acolhimento), este número continua a ser elevado e o acolhimento residencial considerado a única garantia da promoção e proteção dos direitos de 8.175 crianças e jovens, num total de 10.688¹⁵, no ano de 2016. Esta resposta social assenta num modelo de intervenção socioeducativo que prevê três modalidades distintas em termos organizacionais, nomeadamente:

- a) Casas de acolhimento para resposta em situações de emergência;
- b) Casas de acolhimento para resposta a problemáticas específicas e necessidades de intervenção educativa e terapêutica evidenciadas pelas crianças e jovens a acolher;

¹⁵ Este total integra as 8.175 crianças em situação de acolhimento e 2.513 que cessaram o acolhimento no mesmo ano.

c) Apartamentos de autonomização para o apoio e promoção de autonomia dos jovens (artigo 50º, lei nº142/2015).

A Casa de Acolhimento Nossa Senhora da Misericórdia, instituição onde estagiámos, corresponde à modalidade enunciada na alínea b). É uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) sem fins lucrativos, pertencente à Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova de Gaia. Até ao ano de 2013, a CA desenvolveu a sua atividade numa habitação de carácter familiar sita na freguesia da Aguda. Todavia, por se tratar de uma residência antiga com sinais visíveis de grande desgaste - no que respeita às condições de segurança, habitabilidade e conforto - no mês de dezembro do mesmo ano, transitou para as instalações do complexo social Almeida e Costa, onde se encontra atualmente. Este complexo é constituído por mais três valências – Lar Almeida e Costa, Creche e Jardim de Infância e Residência Sénior.

Embora a estrutura arquitetónica das instalações atuais não tenha sido construída com o objetivo de acolher crianças em situação de risco e perigo, uma vez que durante onze anos (2000-2011) funcionou como Centro de Atividades de Tempos Livres, foram realizadas reestruturações físicas no sentido de responder, de forma adequada, às necessidades desta população.

A CA Nossa Senhora da Misericórdia é uma resposta social destinada ao acolhimento residencial de crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 6 anos que, por circunstâncias sociofamiliares particulares, se encontram em situação de perigo no seio familiar de origem. O seu principal objetivo consiste em proporcionar estruturas e experiências de vida tão próximas, quanto possível, às familiares de forma a garantir os cuidados adequados à satisfação das suas necessidades, exercício dos seus direitos, bem como as condições necessárias à promoção da sua educação, bem-estar e desenvolvimento saudável (art. 2º e 3º, Nossa Senhora da Misericórdia, 2017).

O trabalho desenvolvido na CA procura respeitar as diretrizes estabelecidas no Compromisso da Misericórdia, na Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, bem como nas Recomendações Técnicas da Segurança Social para as Casas de Acolhimento e no Regulamento Interno da instituição.

1.2. Procedimentos do acolhimento das crianças em situação de risco e/ou perigo

De acordo com o Regulamento Interno da CA, são vários os procedimentos que devem ser seguidos antes do acolhimento da criança. Quando sinalizada uma situação de perigo, cabe à Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) ou Tribunal articular com o Instituto de

Segurança Social, concretamente, a Equipa de Gestão Centralizada de Vagas (EGCV) responsável por selecionar uma Casa de Acolhimento com vaga disponível, onde seja possível integrar a criança. Mediante parecer favorável da Equipa Técnica da CA ao pedido de acolhimento efetuado pela EGCV a criança é acolhida na instituição. A preparação deste momento é da responsabilidade conjunta da Equipa Técnica e da entidade que propôs a sua admissão (Tribunal ou CPCJ), responsável por disponibilizar informação sobre a criança – a sua história familiar, processo jurídico, documentos legais importantes, dados de identificação, escolaridade e estado de saúde global – de forma a obter um retrato detalhado da situação. Após a integração, procede-se a receção dos documentos e pertences da criança, ao preenchimento da ficha de admissão e à elaboração do processo individual de acompanhamento, onde são traçadas as orientações relativas à definição e concretização do seu projeto de vida.

A partir do momento em que a criança é retirada do seu meio familiar e colocada numa CA, dá-se um corte abrupto com a rede de relações construída até aí. Esta rutura faz com que, maior parte das vezes, a admissão em CA constitua um momento de grande tensão e, por isso, deverá ser planeada e efetuada com o máximo de sensibilidade (Quintães, 2009).

De acordo com o artigo 9º do Regulamento Interno da CA, a receção é um momento decisivo para a adaptação da criança, devendo ser-lhe demonstrado o sentimento de que é esperada e proporcionar-lhe o maior número de referências positivas. A forma como esta fase ocorre, pode gerar sentimentos de maior tristeza e frustração (quando as necessidades e especificidades da criança não são atendidas) ou, pelo contrário, constituir um período de apoio, conforto e segurança a um ser que há muito não dispõe de um ambiente com estas características. Neste sentido, aquando da integração, a equipa técnica informa e sensibiliza os restantes colaboradores e crianças para a chegada de um novo elemento, de modo a minimizar o medo e a angústia sentida e a criar condições para que a admissão se efetue num ambiente acolhedor e favorável à sua integração (Nossa Senhora da Misericórdia, 2017).

No que respeita ao momento de admissão das crianças na CA, foi-nos possível acompanhar a integração de dois bebés recém-nascidos. Uma das crianças integrou a CA com quatro dias de vida, fruto de uma gravidez indesejada sendo que, aquando do parto, a progenitora manifestou vontade que esta fosse encaminhada para adoção. A outra criança foi acolhida com sete dias de vida, resultado de uma gravidez não vigiada e paternidade desconhecida. A progenitora foi a favor da intervenção da CPCJ e da aplicação da medida de acolhimento da criança na CA, onde já se encontra acolhido, desde o nascimento, um outro filho (atualmente, com 4 anos de idade). Em nosso entender e no que respeita à integração da criança no contexto institucional - à exceção dos acolhimentos que ocorrem em situação de

emergência - este momento deverá ser, sempre que possível, preparado e efetuado com o acompanhamento dos progenitores ou elementos da família biológica, de forma a minimizar o medo e insegurança sentidos pela criança que integra um meio que lhe é completamente desconhecido.

Cada criança, enquanto ser único e incomparável, apresenta necessidades, especificidades e histórias de vida diferentes. Ora, por este motivo, reage também de forma diferente perante as dificuldades que enfrenta. Este é um aspeto a ser tido em conta durante todo o processo de acolhimento, materializando-se a partir do momento da sua integração através da abertura de um Processo Individual (PI).

O PI é um documento onde constam registos atualizados sobre o percurso histórico e evolutivo da criança no contexto da CA. Este, para além de incluir o Plano Socioeducativo Individual (PSEI) e todos os documentos inerentes ao processo de promoção e proteção - necessários à execução da medida de acolhimento - pressupõe o desenvolvimento de um plano de intervenção individualizado que ajude a criança a reforçar competências e ultrapassar as suas dificuldades (Carvalho, 2013). Este plano é executado tendo em consideração o seu percurso vital, a medida de promoção e proteção aplicada, bem como uma avaliação do seu desenvolvimento ao longo do acolhimento. Apesar da avaliação deste plano ser efetuada pela Equipa Técnica, com periodicidade trimestral, tendo em conta o (in)cumprimento dos objetivos previamente estabelecidos, consideramos que seria mais adequada se partisse da análise de uma grelha de registo¹⁶ onde fosse possível objetivar as evidências, ou seja, registar e medir a frequência dos momentos em que as estratégias são postas em prática e as competências trabalhadas com as crianças.

A equipa técnica reuniu com objetivo de efetuar a avaliação e atualização dos PSEI. Foram abordadas as várias dimensões do desenvolvimento das crianças – física, cognitiva, social e emocional - identificadas as necessidades e discutidas estratégias e ações de melhoria.

Ao longo da reunião, refletimos sobre a evolução das diferentes crianças, verificando se os objetivos definidos nas diferentes dimensões foram atingidos e se as estratégias implementadas se revelam adequadas. Os objetivos que os elementos da Equipa constatarem terem sido, aparentemente, alcançados foram substituídos por outros e aqueles que não foram atingidos pelas crianças, mantiveram-se no novo PSEI. Apesar deste Plano integrar várias dimensões do desenvolvimento, o enfoque desta reunião incidiu na dimensão social. Esta, inclui o projeto de vida da criança que passa pela (re) integração familiar ou acolhimento residencial permanente. Nesta dimensão, refletimos sobre a possibilidade de prorrogação ou alteração da medida de

¹⁶ Anexo V – Modelo de Grelha de Registo de Evidências

promoção e proteção das crianças, tendo em conta as necessidades identificadas, a sua situação atual e a potencialidade de mudança das suas famílias.

A atualização dos PSEI tem como objetivo verificar a evolução das crianças ao longo do acolhimento, uma vez que são definidos, monitorizados e, ainda que de forma superficial, avaliados os objetivos que, de acordo com a idade e características, estas atingiram e/ou devem atingir.

(nota de campo - 10 de janeiro de 2018)

1.3. A estrutura física e a organização do espaço residencial

De acordo com Fischer (1992), qualquer organização se manifesta no local e no edifício que ocupa. Ou seja, a sua localização, estrutura, organização e condições de funcionamento são indicadores limitadores ou potenciadores do seu desenvolvimento. Dada a sua natureza, a CA é um tipo de organização que assume um grande poder sobre as crianças que nela residem, moldando-as de acordo com os princípios e valores que defende.

Nos termos da lei e por constituírem uma resposta a curto termo, as Casas de Acolhimento devem garantir que o acolhimento se concretize num ambiente tão semelhante quanto possível ao de uma habitação familiar, organizando-se em unidades de dimensão reduzida que favoreçam uma relação afetiva, uma vida diária personalizada e promovam a integração das crianças na comunidade (art. 53º, lei nº142/2015). Este cuidado é visível desde o momento de admissão, altura em que a criança conhece as instalações da nova casa, o quarto onde irá pernoitar e lhe são providenciadas roupas, calçado, produtos de higiene, material escolar, entre outras coisas, necessárias ao seu quotidiano.

Sendo constituído apenas por um piso rés-do-chão, o edifício comporta os espaços necessários à dinâmica do quotidiano residencial, encontrando-se organizado por áreas funcionais específicas, a saber: a área de convívio, área de refeição, a área técnica, área de visitas, área de estudo, área dos quartos, área de cuidados de higiene e saúde e área de vigilância. Possui, ainda, na zona exterior um parque infantil onde as crianças brincam nos dias de sol, andam de bicicleta e realizam atividades que exigem espaço para a sua concretização.

As áreas de convívio e refeição são locais de uso coletivo, espaços privilegiados de sociabilidade, onde as crianças passam parte significativa do seu tempo após a chegada da escola e pré-escolar. O refeitório é o espaço onde realizam as refeições principais e a sala de convívio onde brincam, veem filmes e programas televisivos. Em ambos os locais existem materiais com o tamanho e dimensão adequada à faixa etária das crianças.

A área técnica é composta por dois gabinetes. O gabinete da Equipa Técnica designado gabinete médico e constituído por duas secretárias, correspondentes aos dois elementos da equipa - Educador e Psicóloga. Neste espaço, para além de algum material lúdico e pedagógico, existe um armário com a caixa de primeiros socorros, medicamentos e outros produtos de foro clínico. Junto a este situa-se o gabinete da Diretora Técnica, constituído por uma secretária e uma mesa onde, regularmente, reúne com colaboradores, profissionais ou familiares das crianças que necessitam de pedir informações, esclarecer dúvidas e/ou conversar sobre assuntos de teor pessoal. No seu interior existe um armário onde se encontram armazenados os processos de cada uma das crianças acolhidas, bem como documentos internos importantes, referentes à dinâmica da Casa de Acolhimento.

A área dos quartos, zona de descanso das crianças, é constituída por um berçário, quatro quartos duplos, um quarto triplo e dois quartos individuais para vaga de emergência, com capacidade para acolher 19 crianças distribuídas em função da idade, sexo, parentesco e funcionalidade. Por acolher um número significativo de crianças e não ser possível garantir que cada uma tenha o seu próprio quarto existe a preocupação, por parte das colaboradoras desta Casa, em fazer uma divisão de forma a que o número de crianças por quarto não seja elevado. Neste sentido, apesar de partilhado, cada quarto tem capacidade máxima de três crianças de forma a que se respeite, dentro do possível, a privacidade de cada uma delas. Os equipamentos e a decoração destes espaços são personalizados tendo em conta as características e os interesses das crianças que colaboram na sua reorganização.

Por vezes, as crianças necessitam de permanecer sozinhas e procuram encontrar um espaço para a sua intimidade. O quarto é identificado pelas duas crianças mais velhas como um espaço de refúgio, zona de conforto psicológico - para onde se dirigem quando sentem necessidade de estar sozinhas, ouvir música ou pensar, longe do barulho das outras crianças.

Junto a esta área funcional encontra-se a área de estudo, local onde as crianças estudam e realizam os trabalhos de casa; a área de vigilância (sala e quarto de vigilância) que permite que as funcionárias observem as crianças durante a noite; uma zona de armazenamento de calçado e a área de higiene e saúde, constituída por três casas de banho onde as crianças fazem a sua higiene diária. Todas as crianças da CA têm liberdade para circular dentro das áreas funcionais, desde que não perturbem ou desrespeitem o horário de descanso das outras crianças.

No interior da CA não existe lavandaria própria, uma vez que o local onde se processa a lavagem e o tratamento da roupa é comum às diferentes valências do complexo. De uma forma geral, as cuidadoras sabem a quem se destina cada peça de roupa, porém, existe especial cuidado quando se tratam de peças oferecidas pelos familiares. Nestas circunstâncias, as peças de roupa

são identificadas, com linha de cor branca, para evitar que se percam ou que sejam utilizadas por outras crianças.

Com o objetivo de manter a comunicação, essencialmente, na passagem de turno, esta CA possui um livro de Registo de Ocorrências e um livro de Recados – meios de comunicação consultados, diariamente, pela Equipa Técnica e Educativa - onde os colaboradores registam recados, incidentes e ocorrências que surgem durante o dia.

Em termos gerais, quer a estrutura da CA, quer a forma como o espaço físico se encontra organizado, para além de oferecer condições promotoras da sociabilidade e autonomia, permite a reinterpretção de aprendizagens que algumas das crianças adquiriram no contexto familiar, trabalhando atitudes e modos de vida convencionais. Para além dos espaços interiores e exteriores convém, igualmente, analisar a quantidade e a qualidade dos recursos materiais existentes, para aferir o seu grau de adequação ao trabalho que a organização tem que desenvolver para que os seus objetivos orientadores sejam alcançados.

No que respeita aos recursos materiais, a IPSS dispõe de viatura própria - carrinha de 9 lugares - para transportar as crianças à escola e realizar outras deslocações que se revelem necessárias - quer para atos médicos, quer para locais de lazer. Todavia, estas encontram-se sujeitas à disponibilidade do motorista do complexo social que divide o seu tempo com as restantes valências e nem sempre consegue conciliar todas as tarefas, o que constitui um obstáculo ao bom funcionamento da CA.

Sendo do conhecimento geral que é extremamente necessário a existência de alguém habilitado que assegure o transporte das crianças da CA e esta função exige uma licença específica será que a Misericórdia não poderá proporcionar a um dos colaboradores da CA a possibilidade de a adquirir sem custos para o mesmo?

Os recursos financeiros materializam-se no apoio económico por parte do Instituto e Segurança Social, sendo as suas finanças complementadas por receitas que advém de eventos, ofertas e donativos.

De salientar a importância da articulação e as parcerias existentes entre a CA e as entidades do exterior com quem este organismo celebra protocolos de cooperação, no sentido de melhor atingir os seus objetivos e satisfazer as necessidades educativas, sociais e culturais das crianças. Neste momento, a BoomAcademy é o único parceiro no âmbito do desporto, na medida em que oferece às crianças a possibilidade de participar em aulas de dança e atividade de combate Muay Thai sem qualquer custo de mensalidade. Contudo, neste momento, não existem crianças a frequentar estas modalidades. Importa referir que, duas das crianças mais velhas frequentaram a academia, durante algum tempo, todavia, não mostraram grande

entusiasmo pelas modalidades praticadas, preferindo frequentar a natação. No entanto, o protocolo existente entre a Santa Casa da Misericórdia e a Câmara Municipal que permitia que as crianças frequentassem, gratuitamente, as aulas de natação não foi renovado. Por não ser possível, atualmente, à Santa Casa da Misericórdia suportar a mensalidade de todas as crianças, apenas quatro (que se encontram a aprender a nadar) frequentam, uma vez por semana, a aula de natação. Por se tratar de uma modalidade de interesse para a maior parte das crianças, a CA reúne esforços (através de angariação de fundos em pequenos eventos) no sentido de permitir a ida destas à piscina, durante o período das férias de Natal, Páscoa e Verão.

2. Uma aproximação empírica às práticas dos profissionais: que condições socializadoras são garantidas às crianças?

Como o título deste subponto anuncia, iremos agora proceder a uma análise das práticas dos profissionais que dão vida à CA, tendo em consideração as sete condições socializadoras defendidas por Brazelton e Greenspan (2002) no seu livro “A criança e o seu mundo”.

Interessa-nos, pois, entender em que medida os profissionais desta instituição procuram criar condições com vista à satisfação de um conjunto de necessidades fundamentais da primeira e segunda infância, a saber: a necessidade de relações afetivas contínuas; a necessidade de proteção física, de segurança e disciplina; a necessidade de experiências adaptadas às diferenças individuais; a necessidade de experiências adequadas ao desenvolvimento; a necessidade de estabelecer limites, de organização e expectativas; a necessidade de comunidades de apoio estáveis e de continuidade cultural; e a necessidade de proteger para o futuro.

2.1. A Casa de Acolhimento Nossa Senhora da Misericórdia: uma Casa de Afetos?

Ao longo do tempo, foram vários os autores (Spitz, 1965; John Bowlby, 1969; Erikson, 1976; Ana Freud, 1943) que revelaram a importância das relações afetivas no desenvolvimento das crianças e que o êxito da fase da primeira infância depende, essencialmente, de cuidados afetivos adequados que lhes permitam sentir segurança e estabilidade. Assim, quando existem relações ricas, profundas e afetivas, as crianças crescem, revelando maior capacidade de expressar os seus sentimentos, refletir sobre os seus desejos e relacionar-se, de forma positiva, com outras crianças e adultos (Brazelton e Greenspan, 2002)

A teoria da vinculação de Bowlby explica, de forma evidente, como se constroem as primeiras relações de afeto cuja qualidade varia em função dos cuidados prestados e do modo

como são experienciados pela criança. Uma vinculação segura pressupõe a presença consistente e responsiva do cuidador, o que contribui para a construção de modelos internos de vinculação, a partir das expectativas positivas que constrói em relação a si e aos outros e do sentimento de segurança e confiança. Assim, as crianças cujas figuras de vinculação se assumem como base segura, revelam maior capacidade, curiosidade e motivação para explorar o mundo que as rodeia (Bowlby, 1969, 1973, 1980). Pelo contrário, quando os padrões de funcionamento parental não proporcionam os cuidados emocionais necessários ao desenvolvimento saudável da criança, a vinculação torna-se insegura, comprometendo o seu desenvolvimento intelectual e cognitivo. As crianças necessitam, por isso, de *relações afetivas contínuas* e a satisfação desta necessidade implica a existência de um ambiente relacional caloroso e responsivo ao longo da sua infância.

Brazelton e Greenspan (2002) consideram que *“as relações emocionais afetivas são as bases primárias mais importantes para o desenvolvimento intelectual e social”* (p.28). Segundo os autores, a pior coisa que pode acontecer na vida de uma criança é sentir que não é amada ou sentir insegurança em relação à pessoa que dela cuida. De facto, dada a importância das relações primárias, as crianças preferem permanecer junto de uma mãe ou um pai negligente - e não perder essa relação primária - do que serem levadas para um meio desconhecido.

A infância é uma fase de especial importância no processo de desenvolvimento de qualquer criança, onde as relações afetivas estabelecidas com as figuras de vinculação assumem um papel fundamental, uma vez que constituem as bases de suporte, sólido ou frágil, determinantes da construção da sua identidade.

Quando as crianças integram um contexto de acolhimento residencial, este torna-se o seu ambiente predominante, local onde desempenham papéis e funções e desenvolvem relações recíprocas de afeto e poder (Siqueira e DellÁglio, 2010 cit. por Amaral & Martins, 2014). É assim que se explica que os profissionais que com elas interagem, enquanto figuras de orientação e suporte, assumam um papel fundamental.

A CA dispõe de uma equipa técnica pluridisciplinar, constituída por três profissionais com áreas de formação distintas - Serviço Social, Psicologia Clínica e Ciências da Educação - a quem cabe o diagnóstico da situação da criança, bem como a definição e execução do seu projeto de vida. Já a equipa educativa integra nove auxiliares de ação direta que desempenham as suas funções, organizando-se, em turnos rotativos com duas folgas semanais - também elas rotativas. Apesar de nem todas as colaboradoras terem formação profissional direcionada para as funções de acompanhamento socioeducativo realizam o seu trabalho, proporcionando às crianças momentos de afeto, aprendizagem e estimulação da sua autonomia.

Encontrávamo-nos na época de celebração do magusto, ao redor de uma mesa, a colaborar no corte das castanhas. As crianças mais novas, sentadas junto a nós, participavam no processo, descascando, manualmente, o fruto sempre que a auxiliar o solicitava. Desta forma, a colaboradora procurava promover a autonomia das crianças e o desenvolvimento da motricidade fina, uma vez que, segundo a mesma, não é saudável para as crianças terem uma rotina centrada em programas de televisão e, por isso, torna-se fundamental proporcionar-lhes experiências diversificadas.

Terminada a atividade e em conjunto, procedemos à identificação das cores e dos animais, com recurso a uma coleção de cartas que contém, representadas, as figuras dos diferentes animais.

(nota de campo – 8 de novembro de 2017)

A qualidade do trabalho desenvolvido pelos recursos humanos em contexto de acolhimento residencial é fundamental para o seu bom funcionamento. Na CA, foi possível observar a articulação permanente que existe entre os colaboradores, bem como a relação de horizontalidade e coesão que mantêm. Os cuidadores cooperam entre si desempenhando as funções que lhes competem, descritas no regulamento interno da CA. Porém, embora lhes seja dada margem de liberdade para propor alterações na intervenção realizada, qualquer proposta de mudança deve ser analisada e discutida com os elementos da Equipa Técnica.

Depois de prepararem as crianças mais novas e as deixarem no pré-escolar, uma das auxiliares colocou música e, num ambiente mais descontraído, iniciou a arrumação dos quartos das crianças com a ajuda da outra colaboradora. Este trabalho, diário, é realizado por ambas as cuidadoras que se ajudam, mutuamente, nas várias tarefas, nomeadamente: no aperfeiçoamento das camas feitas pelas crianças mais velhas; fazendo as camas e berços das crianças mais novas; na arrumação da roupa lavada no respetivo local; e na colocação da roupa suja no saco para a lavandaria. A certa altura, ouvindo o choro de um bebé, uma das auxiliares dirigiu-se ao quarto, enquanto a outra terminou as tarefas que estavam a realizar.

(nota de campo – 27 de novembro de 2017)

Da observação realizada, foi possível constatar que, no cômputo geral, o funcionamento institucional potencia a estimulação das crianças para o seu desenvolvimento global. O clima organizacional - enquanto atmosfera psicológica e social ligada ao grau de satisfação e compromisso dos colaboradores – é, visivelmente, positivo refletindo-se no comportamento e relação interdependente que todos estabelecem entre si.

Importa referir que o facto de se tratar de uma valência pertencente à Santa Casa da Misericórdia exige que, por vezes, determinados assuntos sejam analisados e aprovados pelos

elementos da Mesa Administrativa, tais como a admissão das crianças na CA e a realização de eventos, essencialmente, aqueles que visam a angariação de fundos. Contudo, as decisões são tomadas tendo em consideração e em consonância com a perspetiva e opinião dos elementos da CA que ponderam e discutem, previamente, as situações em equipa, procurando ter em conta o superior interesse da criança.

A Equipa Técnica reuniu no sentido de fazer um ponto de situação relativamente aos processos das crianças acolhidas e conversar sobre a organização dos eventos e atividades previstas para os meses seguintes. A reunião centrou-se no evento de angariação de fundos, designado “Apresentação de Tunas” e previsto para 07 de dezembro de 2017.

Foram analisados todos os procedimentos necessários à concretização do evento, nomeadamente, os produtos alimentares, o valor a cobrar pelo bilhete, a divulgação, os recursos (materiais e humanos) necessários, possíveis patrocínios e as autorizações a obter por parte dos elementos da Mesa Administrativa. Após reflexão, concluiu-se que o início de dezembro não seria a melhor altura para a realização do evento, uma vez que coincidiria com o período de férias de alguns colaboradores e que necessitaríamos do apoio e a colaboração de todos. Foi proposta outra data, todavia, o evento acabou por não se realizar.

(nota de campo - 13 de novembro de 2017)

A Equipa Técnica reuniu com o objetivo tomar uma decisão relativamente ao pedido de admissão de uma criança na CA. A informação disponível referia que a criança apresentava limitações de natureza física, devido a malformações. Os progenitores da criança são residentes no concelho de Gaia e, por isso, a EGCV considerou que a CA seria a resposta mais adequada à situação apresentada, uma vez que facilitaria o contacto entre a família e a criança.

No sentido de obter informação mais detalhada sobre o histórico clínico da criança, a Equipa Técnica articulou com o Hospital que a acompanha, tendo constatado que a situação exigiria deslocações frequentes às unidades de saúde para a realização de consultas e terapias, bem como o acompanhamento em diversas especialidades e cuidados redobrados na CA.

Após apurada reflexão e tendo em conta a inexistência de recursos logísticos que garantissem a resposta adequada às necessidades do bebé (o motorista que assegura o transporte das crianças da CA é comum às restantes valências e não conseguiria assegurar o transporte da criança às várias terapias e consultas) a Equipa Técnica deu parecer negativo ao pedido de admissão. No entanto, esta decisão só foi tomada após o parecer negativo emitido pelos membros da Mesa Administrativa.

(nota de campo - 16 de janeiro de 2018)

De acordo com Strecht (1997) só a existência de um meio capaz de promover relações afetivas estáveis, permitirá a prestação de cuidados suficientemente adequados às necessidades básicas das crianças. Tais necessidades que, segundo Canhão (2007), vão muito para além do

cuidado pessoal, da saúde (física e mental) e da alimentação, mas abarcam necessidades de ordem superior que se prendem com a promoção do desenvolvimento emocional e comportamental da criança (a qualidade da vinculação afetiva); da identidade (auto-imagem da criança como ser individual e valorizado, a auto-estima positiva, o sentimento de pertença e aceitação por parte dos outros significativos); do relacionamento familiar e social e do desenvolvimento da sua capacidade de autonomia.

Na CA Nossa Senhora da Misericórdia, o afeto é extremamente valorizado por todos os colaboradores. Este facto foi observado durante a permanência neste contexto, através dos momentos de carinho que ocorrem ao longo do dia, nos quais as auxiliares mimam as crianças que pedem colo e afeto e estão atentas aquelas mais introvertidas que apresentam dificuldade em manifestar, espontaneamente, esta necessidade.

Em casas de acolhimento de crianças de tenra idade é comum surgirem situações de doença (gripes e viroses) que as deixam mais frágeis e, por isso, com maior necessidade de carinho, aconchego e atenção. Durante a realização do estágio, foi possível acompanhar alguns destes momentos e constatar o afeto e preocupação sentida pelas auxiliares nos cuidados prestados, como é possível constatar no exemplo que se segue:

Anabela encontrava-se na sala de convívio a descansar devido a uma indisposição quando, repentinamente, começou a vomitar. Neste momento, uma das auxiliares que se encontrava por perto correu para si e segurou-lhe a cabeça, pedindo que respirasse e confortando-a com as palavras “*não te preocupes, eu estou aqui*”. Permaneceu com ela no sofá, acariciando-lhe a face. Logo após o incidente e dando-se conta da situação, outra auxiliar aproximou-se solicitou álcool e desinfetou a roupa da criança e as suas mãos.

(nota de campo - 13 de novembro de 2017)

À semelhança do que sucede nas famílias biológicas, é hábito das crianças desta Casa cumprimentarem todos os cuidadores sempre que chegam do exterior (escola, pré-escola ou outro local), assim como dos colaboradores, que se despedem das crianças antes de irem embora. Este pequeno gesto de carinho, para além de manter a proximidade entre crianças e colaboradores, fomenta a confiança e o sentimento de pertença a uma mesma “família”.

O afeto é, igualmente, visível no momento das refeições que se realizam num ambiente de diálogo, convívio e partilha. As cuidadoras acompanham e educam as crianças, auxiliando aquelas que não conseguem alimentar-se de forma autónoma – geralmente as mais pequenas – e delegando a responsabilidade de executar tarefas simples às crianças mais velhas, tal como podemos constatar através do seguinte exemplo:

Pouco antes da hora de jantar, a auxiliar de serviço solicitou a uma das crianças mais velhas que preparasse a mesa para a refeição. A criança realizou esta tarefa com agrado, chamou os colegas para a mesa e antes de se sentar no seu lugar, auxiliou as colaboradoras na distribuição da sopa. Durante a refeição as cuidadoras acompanharam as crianças mais pequenas, auxiliando aquelas que apresentam mais dificuldade em se alimentar autonomamente.

(nota de campo - 05 de dezembro de 2017)

Ainda que o respeito pelo ritmo, especificidade e necessidade de cada criança seja considerado fundamental na intervenção, na prática, o rácio cuidador-criança (2 cuidadoras para 11 crianças) não permite, muitas vezes, a resposta atempada às necessidades de todas as crianças.

Nos horários de maior agitação, geralmente, na hora do banho, após a chegada da escola, dado o número das crianças acolhidas e a necessidade de controlo e supervisão constante, torna-se difícil dar-lhes o acompanhamento individual que seria desejável. Para suprir esta limitação e atendendo a que nesta CA existem crianças com características diversas - algumas¹⁷ das quais a necessitar de apoio individual permanente – seria, de todo, importante a existência de mais recursos humanos.

2.2. Entre a estabilidade dos vínculos afetivos e a consistência na imposição de regras e limites

Analisando o ser humano numa perspetiva sistémica e tendo por base a perspetiva ecológica do desenvolvimento humano¹⁸, o contexto social, familiar e extra familiar da criança revela-se fundamental para o seu desenvolvimento individual (Bronfenbrenner, 1989). As crianças que vivem em situação de acolhimento residencial são influenciadas pela heterogeneidade e diversidade de situações características desses locais, inclusive com as mudanças (entradas e saídas) de crianças e adultos com quem interagem e estabelecem, tantas vezes, ligações afetivas significativas. Neste sentido, os cuidadores que lidam, diariamente, com as crianças assumem um papel fundamental na sua educação, constituindo-se modelos de referência, quer em termos de aquisição de regras e valores, quer atitudes e comportamentos.

¹⁷ Duas crianças recém-nascidas e uma portadora de deficiência.

¹⁸ Bronfenbrenner (1989) define o desenvolvimento humano como *"o conjunto de processos através dos quais as particularidades da pessoa e do ambiente interagem para produzir mudanças nas características da pessoa no seu curso de sua vida"* (p.191)

Sendo eles quem as acompanham e cuidam, têm o dever de lhes propiciar um ambiente seguro, garantindo harmonia e estabilidade.

Ainda que desempenhem as suas funções em regime de turnos rotativos, a equipa de cuidadores da CA Nossa Senhora da Misericórdia tem-se mantido estável ao longo dos anos. Esta estabilidade constitui uma mais valia, dado que, mudanças contínuas dos prestadores de cuidados afetam o desenvolvimento da criança, assim como a sua capacidade de criar novos vínculos (Gomes, 2010). Efetivamente e de acordo com Strecht (1997), a presença continuada dos adultos significativos é essencial no processo de superação da descontinuidade de relações e na construção positiva de imagens compensatórias que atenuam o sofrimento psicológico das crianças.

A imposição de regras e limites é fundamental para garantir a harmonia do funcionamento residencial, parte essencial de um relacionamento seguro. Crianças com percursos de vida pautados por experiências negativas apresentam, muitas vezes, dificuldades de autocontrolo e regulação emocional, necessitando, por isso, de limites claros, coerentes e consistentes. Os colaboradores realizam um esforço por manter a coerência e consistência na imposição de regras e limites, não admitindo situações de violência e desrespeito das crianças para com os adultos e pares e vice-versa. Todavia, quando se tratam de orientações gerais, tais como a não permanência na zona de descanso durante o horário da sesta das crianças mais novas, tomar banho logo que chegam da escola ou, ainda, não brincar no espaço exterior em dias de chuva, existe flexibilidade na sua aplicação, ou seja, as cuidadoras não as implementam de forma rígida existindo espaço e oportunidade de negociação.

Durante o período de férias de natal, as crianças passam mais tempo na CA.

A sala de estudo, situada próxima da zona dos quartos é o local onde, habitualmente, as mais velhas utilizam o computador para jogar e ouvir música. Durante a hora da sesta das crianças mais novas é exigido que as restantes façam silêncio. Por este motivo, não lhes é permitido permanecer na sala de estudo durante esse período. No entanto, durante as férias e, por terem apresentado bom comportamento durante o dia, foi-lhes permitido jogar e ouvir música, desde que o fizessem de modo a não perturbar o descanso dos colegas.

(nota de campo – 21 de dezembro de 2017)

2.3. A participação das crianças acolhidas nos processos de tomada de decisão

Na CA procura-se que as crianças participem em questões relacionadas com o seu projeto de vida consultando-as, individualmente, em determinadas situações: quando a família

biológica efetua pedido ao Tribunal para a ida da criança a casa no período de férias e/ou épocas festivas ou, ainda, quando a adoção se torna uma possibilidade e é necessário perceber a abertura e receptividade, por parte da criança, a esta nova situação. Contudo, a autonomia e responsabilidade em situações do seu quotidiano poderá ser mais estimulada.

As situações de conflito, tão comuns em crianças de tenra idade, são ocasiões privilegiadas para promover a assunção de responsabilidades. Nestas situações, será importante estimular o seu envolvimento no processo de resolução do conflito, responsabilizá-las, dando-lhes oportunidade de refletir sobre o seu comportamento e consciencializar-se da necessidade de agir no sentido contrário - adotar uma atitude positiva. No entanto, dadas as características da CA, nomeadamente, a diversidade de situações que surgem e o número insuficiente de recursos humanos, nem sempre se verifica a intervenção individual e terapêutica que seria desejável.

Os irmãos Anabela e João encontravam-se no gabinete da Equipa Técnica a brincar – João ouvia música no computador, enquanto a irmã brincava com a bola insuflável.

Apesar de, inicialmente, terem supervisão adulta, a necessidade de atender a uma solicitação urgente deixou as crianças sozinhas, por instantes. Quando regressamos ao gabinete, a bola estava rasgada (com um corte à superfície) e nenhuma das crianças assumia a responsabilidade. Após conversarmos um pouco sobre a situação, Anabela questionou “*quem fez vai ficar de castigo?*” “*qual vai ser o castigo?*”(sic)¹⁹, confessando, de seguida, ter sido a autora do estrago. Contudo, quando questionada, referiu não saber o porquê de ter tomado aquela atitude.

A criança foi, por nós, advertida sobre o seu comportamento incorreto e, no sentido de a responsabilizar, achámos por bem, perguntar-lhe “*qual é o castigo que achas que mereces por teres rasgado a bola?*”. Anabela permaneceu em silêncio. Entretanto, um elemento da Equipa Técnica entrou no gabinete e apercebendo-se do que tinha acontecido solicitou à criança para se dirigir à sala de estar e pensar um pouco sobre a situação.

(nota de campo – 26 de março de 2018)

Todas as crianças necessitam de tempo para viver a infância com amor e alegria e crescer num ambiente harmonioso e saudável que lhes permita a construção de memórias positivas. Quando o acolhimento constitui o único garante da sua proteção, cabe aos profissionais e cuidadores que lidam, diariamente, com as crianças a responsabilidade social e humana de proporcionar condições para o seu desenvolvimento saudável.

As crianças acolhidas nesta IPSS necessitam de um acompanhamento contínuo de todas as colaboradoras no sentido de estimular as dimensões que se encontram menos desenvolvidas, através de atividades e dinâmicas criativas. Afinal, a criança reconstrói a sua história a partir da

¹⁹ sic – advérbio utilizado em citações.

relação que estabelece com quem passa a conviver, portanto, o seu desenvolvimento e bem-estar dependerá da construção da relação com o educador e os outros significativos (Secretaria de Direitos Humanos, 2010).

2.4. Acesso a bens culturais: necessidades educativas e o respeito pelos direitos fundamentais

A educação assume papel fundamental no desenvolvimento da criança, sendo, por isso, fundamental assegurar os meios necessários à sua formação escolar, através de um plano que possibilite ultrapassar as suas dificuldades e instituindo hábitos e métodos de estudo, que permitam desenvolver e potenciar as suas competências.

No que à escolaridade diz respeito, as crianças são integradas em equipamento social consoante a sua faixa etária e capacidades. Para além da frequência das atividades letivas, contam com o apoio de uma voluntária que se disponibiliza, duas vezes por semana, para as acompanhar na realização dos trabalhos escolares. Recebem, ainda, algum apoio ao estudo por parte das auxiliares e do Educador Social que desenvolve, durante as férias letivas, algumas atividades práticas tendo como objetivo a aquisição e consolidação de conhecimentos que as crianças abordam nas aulas. Apesar de serem envidados alguns esforços no sentido de promover o desenvolvimento do projeto educativo das crianças a supervisão e apoio prestado revela-se insuficiente.

Importa referir que o facto da atividade laboral da Equipa Técnica terminar por volta das 18h, impossibilita que estes acompanhem as crianças na realização dos trabalhos de casa e no apoio ao estudo. Perante esta condicionante e na sequência das dificuldades manifestadas pelas crianças acolhidas em contexto escolar, iniciámos o acompanhamento individual ao estudo a duas crianças nas áreas onde estas revelavam maior dificuldade. Tentamos, com este apoio, através de sínteses e fichas de exercício²⁰, promover a autonomia das crianças na realização das tarefas escolares, inculcando hábitos e rotinas de estudo diário.

Para garantir um acompanhamento escolar adequado, é fundamental a articulação entre a CA e os professores e educadores dos estabelecimentos de ensino que os alunos frequentam. Este trabalho é realizado através de reuniões periódicas (uma por período) entre a CA e as educadoras – no caso das crianças mais pequenas – e os Professores – no caso das crianças que

²⁰ Anexo VI – Sínteses e Fichas de Exercício

já frequentam a escola primária. Para além disto, a caderneta escolar e o livro do pré-escolar são meios que permitem o contacto permanente entre a escola e a instituição.

A Diretora Técnica reuniu com a Professora de educação especial que acompanha, semanalmente, uma das crianças - com necessidades educativas especiais - no sentido de elaborar o seu Programa Educativo Individual. Trata-se de uma criança que apresenta sintomatologia associada à perturbação do espectro autista sem ter, ainda, diagnóstico efetuado.

A Professora procurou inteirar-se do percurso de vida da criança, o seu comportamento na CA, as atividades pelas quais demonstra maior interesse e entusiasmo e aquelas que a deixam mais aborrecida. Deu, ainda, conhecimento da evolução da criança, referindo que esta se encontra mais integrada na turma e a agitação psicomotora que manifestava, inicialmente, diminuiu. Embora mantenha uma boa relação com os adultos, apresenta alguma dificuldade no relacionamento com os pares. Sempre que é contrariada faz birra, contudo, ao contrário do que acontecia anteriormente, já não se auto-agride nem bate com a cabeça na parede.

A Diretora Técnica manifestou a sua satisfação pela evolução da criança nos últimos tempos, informando a Professora sobre o acompanhamento que esta irá iniciar na especialidade de terapia da fala e ocupacional.

(nota de campo - 06 de novembro de 2017)

Na sequência de uma reunião entre a Diretora Técnica e a Professora de Jéssica conversámos sobre as dificuldades que a criança apresenta à disciplina de Matemática e Português. Apesar de se verificar uma ligeira melhoria desde janeiro de 2018 - altura em que começou a receber apoio, diário, ao estudo na CA - no que respeita à gramática, continua a manifestar dificuldades ao nível da interpretação do texto. A Diretora Técnica referiu que, segundo a professora, Jéssica é uma criança que apresenta grandes dificuldades de atenção/concentração, pouca motivação para a escola, necessitando, por isso, de ser estimulada e incitada a desenvolver o gosto pela leitura e pela aprendizagem.

(nota de campo - 14 de fevereiro de 2018)

Importa, ainda, salientar que a carência de recursos económicos da CA e a perda de parcerias, ao longo dos anos, tem dificultado a oferta diversificada de atividades extracurriculares relevantes para o seu desenvolvimento. Contudo, sempre que possível e, principalmente, durante o período de férias são organizadas algumas saídas ao exterior como idas ao cinema, ao circo, à piscina e ao teatro.

Subjacente à dinâmica de funcionamento da CA encontra-se o respeito pelos direitos das crianças - base na qual assenta toda a intervenção realizada pelas equipas de profissionais.

O respeito pela individualidade e dignidade pessoal são princípios que norteiam o trabalho desenvolvido pelos cuidadores que atuam num regime semi-aberto e democrático, favorecendo uma relação afetiva do tipo familiar.

As crianças mais velhas têm liberdade para escolher, diariamente, a forma como se vestem e penteiam. Ainda que maior parte da roupa que utilizam seja doada por elementos da comunidade, sempre que existe a possibilidade de adquirir calçado ou vestuário em loja, as crianças acompanham os elementos da Equipa Técnica e escolhem as peças que, dentro do orçamento, mais lhe agradam.

As crianças mais novas, por apresentarem menor autonomia, recebem maior apoio das cuidadoras, que as auxiliam/asseguram a sua higiene pessoal, o momento do vestir e calçar e personalizam os penteados, tendo em conta as características e gostos pessoais de cada uma. Por vezes, quando há maior disponibilidade, as auxiliares proporcionam às crianças momentos de satisfação, prestando-lhes cuidados no tratamento das unhas e divertindo-as com pinturas faciais.

Todo o cuidado e preocupação por parte das cuidadoras, vai ao encontro do objetivo que se mantém no projeto da Casa para o ano de 2018: construir um lugar de sorrisos, um espaço onde cada qual se reveja enquanto criança.

3. Do Amor institucional ao amor familiar: que pontes se constroem?

Apesar de constituir uma resposta de acolhimento que se pode prolongar, a permanência em contexto institucional não deve ser percecionada como uma medida sem limites temporários. A CA não é, nem nunca será, o projeto de vida mais adequado para uma criança.

A articulação entre as Casas de Acolhimento e as famílias biológicas – contextos de socialização privilegiados destas crianças – é fundamental no reforço dos vínculos (re)estabelecidos com a criança merecendo, por isso, preocupação particular. De facto, as Casas de Acolhimento, enquanto entidades privilegiadas no contacto com as famílias – uma vez que mantêm com estas contactos regulares - apresentam maiores possibilidades de desenvolver com estas planos de acompanhamento e intervenção educativa. Tal intervenção pressupõe, não só a ajuda dos Técnicos na (re)definição dos papéis e funções parentais, mas também a compreensão das circunstâncias que facilitam ou dificultam o exercício da parentalidade (Teixeira, 2009).

Compete às Casas de Acolhimento valorizar as relações familiares quando estas se revelam promotoras do bem-estar da criança. É importante apostar nas relações paterno-filiais, envolvendo as famílias nas rotinas da criança, assim como, desenvolver um modelo de apoio e

articulação familiar através de uma ação intencional e sistemática. A par disto, o trabalho realizado, diretamente, com a criança é fundamental. Os profissionais devem orientar a sua intervenção, tendo como objetivo o reforço da rede de relações familiares, para que as possibilidades de mudança se tornem efetivas.

Na CA, as visitas dos familiares são realizadas mediante marcação prévia com a equipa técnica, ajustando-se os dias da semana e os horários à disponibilidade das famílias, em concordância com a medida de promoção e proteção aplicada. Tendo em consideração o superior interesse da criança, sem prejuízo do normal funcionamento do contexto, a Equipa Técnica tem legitimidade para acordar qualquer outro regime de visitas que se mostre adequado ao incremento dos laços afetivos com familiares e amigos.

As visitas ocorrem numa sala, de dimensões reduzidas, situada junto ao Gabinete Técnico - o que permite à Diretora Técnica visualizar a interação da criança com os familiares. Apesar de pouco acolhedora, existe, no seu interior, alguns brinquedos aos quais as crianças podem recorrer durante a visita.

Uma vez que em determinados dias da semana ocorrem duas visitas em simultâneo e não existe, para além da sala de visitas, outro espaço adequado para a realização das mesmas, o hall de entrada funciona, igualmente, como espaço de visita. Embora exista, no seu interior, alguns elementos de decoração, é um local pouco luminoso e vazio, inadequado ao fim a que se destina. Na impossibilidade de criar um espaço adequado à realização das visitas, consideramos ser fundamental a transformação do hall de entrada num local mais acolhedor, agradável e propício à interação família-criança. Tratando-se de um espaço aberto e de passagem, dá azo a situações de conflito entre crianças que se cruzam durante o período de visita, tal como podemos verificar no exemplo que se segue:

Tiago recebeu a progenitora na sala de visitas. A certa altura, deixou a sua mãe e correu para o hall de entrada onde decorria a visita dos familiares de Lara.

A criança observou a amiga a brincar com um carro telecomandado e pediu-lhe que a deixasse brincar, por alguns instantes. Lara emprestou-lhe o brinquedo, todavia, rapidamente, o quis de volta. Tiago não cedeu, resistindo em devolver o carro à amiga. Esta situação destabilizou a visita dos familiares de Lara e a confusão instalada, exigiu a nossa intervenção.

(nota de campo - 20 de fevereiro de 2018)

Na CA as crianças recebem visita dos familiares, em média, duas vezes por semana, por um período de duas horas. Os familiares gerem a visita sem supervisão e controlo constante, sendo a monitorização presencial realizada através da passagem dos Técnicos e cuidadores pelo

exterior da sala e das conversas que se ouvem nos gabinetes. Os alimentos são permitidos, assim como a utilização do telemóvel, a captação de imagem e as chamadas com pessoas externas. Os presentes podem ser oferecidos em qualquer época do ano e os familiares têm liberdade para circular por algumas zonas da Casa e contactar com as outras crianças.

Alguns familiares passam a visita centrados no telemóvel, descurando a interação com a criança e a ausência de controlo ao nível da alimentação faz com que as crianças ingiram doces²¹ em demasia e percam o apetite na hora das refeições principais.

Uma das auxiliares dirigiu-se ao gabinete técnico, informando a Equipa que Laura vomitou, após a visita dos familiares. A criança ingeriu doces - chocolates, rebuçados e um bolo - em quantidade excessiva, que lhe provocaram a má disposição.

(nota de campo – 15 de novembro de 2017)

No início da visita da progenitora à criança, foi solicitada a sua colaboração na realização de uma atividade de pintura. Esta atividade requeria alguma destreza manual que Tiago, de apenas 4 anos, ainda não possui.

Durante a visita, foi possível constatar que a progenitora manteve a sua atenção centrada no telemóvel, não se verificando qualquer intenção em auxiliar ou motivar a criança na realização da atividade. Nesta sequência, e dada a falta de estímulo por parte da progenitora, Tiago acabou por desistir e desaparecer da sala durante alguns momentos. Quando a progenitora o chamou, esta regressou, todavia, solicitou-nos ajuda para a realização da atividade proposta.

(nota de campo - 08 de março de 2018)

Tal como acontece, esporadicamente, durante uma visita à criança, a progenitora de Tiago pô-lo a falar, via telefone, com uma pessoa externa, aparentemente, com a sua avó materna - que não se afigura um familiar presente.

Habitualmente, a progenitora cria na criança falsas expectativas quanto ao seu regresso a casa e aos brinquedos e bens materiais ilusórios, supostamente, oferecidos pela madrinha e avó materna. Face ao exposto e sendo estas as únicas referências que tem dos restantes familiares – com quem não mantém qualquer vínculo e ligação afetiva – Tiago aproveita estas circunstâncias para pedir muitos brinquedos, manifestando dificuldade em conversar sobre

²¹ De acordo com Benavente et. al (1987) um dos argumentos que procuram contribuir para a explicação dos excessos presentes na vida das classes populares prende-se com o “hedonismo do imediato” que se traduz na disposição, frequente, para viver o presente, sem grandes preocupações a médio e longo prazo, entregando-se a formas de prazer imediatos e consumos, aparentemente, exagerados e despropositados, tendo em conta a escassez de recursos disponíveis. Os prazeres imediatos que, rapidamente, se extinguem, refletem a descarga das tensões quotidianas e a necessidade que o indivíduo tem de, por momentos, esquecer, contrabalançar ou melhor suportar as carências e preocupações sentidas. As guloseimas consumidas pelas crianças são exemplos disso mesmo (Benavente et. al, 1987).

outros assuntos e responder às questões que lhe são dirigidas. Durante a conversa telefónica, a progenitora pediu, insistentemente, à criança que repetisse a frase “gosto muito de ti, beijinhos”, mesmo sem esta perceber com quem se encontrava a falar.

No início desta visita, Tiago correu para junto da sua mãe, procurando ver o que esta trazia no saco de que se fazia acompanhar. É habitual a criança permanecer junto da progenitora enquanto come as bolachas e doces que esta lhe dá, regularmente, dispersando logo de seguida.

(nota de campo - 13 de março de 2018)

Apesar dos progenitores serem alertados pela Equipa Técnica e Educativa para o cuidado a ter com a alimentação durante o período de interação com a criança é frequente, no final de cada visita, entregarem às cuidadoras da CA alguns alimentos, nomeadamente, bolachas, doces e sumos para que as crianças consumam posteriormente.

Durante a visita dos familiares de Lara, um elemento da Equipa Técnica reparou na quantidade excessiva de doces que a progenitora dava à criança e alertou-a para o facto desta não se alimentar, devidamente, na hora da refeição. Face a esta recomendação, a progenitora entregou a uma das cuidadoras os pacotes de ice tea e pães de chocolate para a sua filha consumir, no dia seguinte.

(nota de campo-09 de novembro de 2017)

Com base no acompanhamento efetuado ao longo das visitas, foi possível constatar que a maior parte das famílias apresentam um desconhecimento face às competências que se espera que os seus filhos adquiram na faixa etária em que se encontram não demonstrando, por este motivo, iniciativa em estimular a aprendizagem e promover o seu desenvolvimento. Acresce a dificuldade que alguns elementos manifestam em auxiliar as crianças na realização de tarefas escolares, como podemos verificar pelo exemplo que se segue:

João manifestou vontade de realizar os trabalhos da escola durante a visita do progenitor e avó paterna. A certa altura, a criança deparou-se com uma dúvida e pediu ajuda à família. Dado que a avó não o conseguiu esclarecer, pediu ao filho que o ajudasse na realização do exercício. Todavia, este referiu *“oh mãe, eu que quase não andei na escola .. como é que eu sei?”*(sic). Ao apercebermo-nos desta situação, dirigimo-nos ao local onde se encontrava a criança e auxiliamo-la, tentando envolver o progenitor na realização do exercício, de forma a que se sentisse capaz de ajudar o filho.

(nota de campo - 06 de dezembro de 2017)

Do exemplo apresentado, podemos inferir que o progenitor de João apresenta reduzidas habilitações académicas. Parece-nos que o facto de estar pouco familiarizado com a cultura escolar (revela sérias dificuldades na leitura e escrita) e a incapacidade que sente em prestar apoio ao filho, o impede de adotar uma postura mais ativa na interação com o João, nomeadamente, durante a realização dos trabalhos de casa. Em nossa opinião seria, de todo, importante que, nestas situações, um dos colaboradores da CA acompanhasse o progenitor, promovendo a sua participação no processo de aprendizagem da criança e uma atitude mais otimista na relação consigo próprio.

João, de apenas 9 anos, é uma criança que apresenta sérias dificuldades de aprendizagem (teve uma retenção ao longo do seu percurso escolar) que se devem, em grande parte, à ausência de acompanhamento e estimulação por parte da família, quando ainda se encontrava em meio natural de vida.

Enquanto agente de socialização privilegiado, a família assume uma importância fundamental no desenvolvimento de todas as crianças e o meio social do qual provêm condiciona, fortemente, o modo como ocorre a aprendizagem (e, conseqüentemente, o êxito escolar). Efetivamente, o acesso ao conhecimento começa muito antes da entrada na escola: é muito antes de aprender a ler e a escrever, que a criança - através do processo de socialização primária – adquire aprendizagens, entre elas, as competências de linguagem que lhe permitem comunicar com os outros.

A explicação sociológica das desigualdades sociais em contexto escolar, remete-nos para as “Teorias da Reprodução” de Bourdieu e Passeron (1970, 1964), cuja análise permite esclarecer os mecanismos, através dos quais, a escola reproduz as desigualdades sociais preexistentes à entrada do aluno no sistema educativo. Embora seja oferecido a todos a possibilidade de alcançar o sucesso escolar, este só se realiza, plenamente, entre aqueles que herdaram, do seu meio social, os recursos culturais capazes de acompanhar as exigências das práticas pedagógicas veiculadas pelas instituições de ensino.

Parece-nos, igualmente, pertinente evocar os contributos de Bernstein, um dos autores que analisou as diferentes formas de comunicação, explicando a relação existente entre o sucesso escolar e o código linguístico dos alunos oriundos de meios socioculturais distintos. Este autor, concluiu que as diferentes classes sociais utilizam um código linguístico distinto, que produz variações no discurso. Assim, distingue duas modalidades de comunicação: o

código elaborado²² - mais utilizado pelos grupos sociais favorecidos e veiculado pela escola – e o código restrito²³ – maioritariamente utilizado pelas classes sociais desfavorecidas (Neves & Morais, 1996).

No decorrer do processo de socialização, as crianças que adquirem códigos linguísticos elaborados, revelam maior capacidade de responder às exigências da educação formal: não por serem mais capazes, mas pelo seu código comunicacional ser idêntico ao veiculado pela escola. Pelo contrário, aquelas oriundas de meios desfavorecidos apresentam maiores dificuldades: não por apresentarem défice no seu discurso, mas pelo facto de existir uma dissonância entre a sua linguagem e a utilizada na cultura escolar. A vantagem é, sempre, do grupo de alunos oriundo das famílias que usam o mesmo tipo de código comunicacional da escola, pois vivem-na como um prolongamento do meio familiar.

Face ao exposto e segundo Bourdieu e Passeron (1964), para filhos de pais menos escolarizados (afastados da cultura socialmente dominante) “*a aquisição da cultura escolar é aculturação*” (p. 40), pois exige que a criança se afaste da sua cultura original e incorpore uma nova cultura, até então desconhecida.

Importa, ainda, salientar outra situação que consideramos ser de extrema importância que se prende com a necessidade de desmistificar ideias preconcebidas evidenciadas por algumas famílias em contexto de visita, nomeadamente, questões que dizem respeito ao funcionamento (in)apropriado das Casas de Acolhimento e às fragilidades do sistema de Segurança Social, ultimamente, veiculadas e reforçadas pelos meios de comunicação social.

Em contexto de visita dos familiares de Lara, a tia materna demonstrou o seu descontentamento face à forma como as casas de habitação social são distribuídas. Segundo a mesma é incompreensível a não atribuição de habitação social condigna à sua irmã que lhe permita reorganizar-se e receber Lara, quando tem conhecimento de indivíduos “*traficantes de droga*” (*sic*) que beneficiam desse apoio.

No sentido de clarificar o modo como se processa a seleção das famílias para aquisição de habitação social, explicámos-lhe que a procura é superior à oferta e a ordem das listas de espera tem que ser respeitada. Nas situações mais urgentes, as pessoas são encaminhadas para albergues ou apoiadas, pela câmara, no arrendamento de habitação.

²² O código elaborado, compreende um discurso mais complexo, no qual as crianças generalizam e expressam ideias abstratas com facilidade. As frases são, gramaticalmente, complexas, com sequência, e o vocabulário diversificado (utilização variada de adjetivos, pronomes e advérbios).

²³ O código restrito está fortemente vinculado ao meio familiar e cultural. A linguagem é simples e incompleta, os significados restritos e o vocabulário pouco elaborado (uso limitado de adjetivos e advérbios) (Neves & Morais, 1996)

Este agregado apresenta dificuldades socioeconómicas e encontra-se a residir numa ilha (T1) com fracas condições habitacionais. Contudo, tem existido, por parte desta família um esforço grande no sentido de encontrar uma habitação com as condições necessárias para receber a criança acolhida. Neste sentido, os progenitores têm feito algumas poupanças com o objetivo de poderem assegurar o pagamento de uma renda.

Ao longo da visita, a tia materna partilhou, ainda, a experiência vivida, em criança, em duas Casas de Acolhimento, referindo que a passagem por estas não a ajudou a crescer melhor, antes pelo contrário, lhe deixou marcas de tristeza e revolta.

Por sua vez, e partilhando da mesma experiência enquanto criança acolhida, a progenitora de Lara refere que *“as Doutoradas recebem dinheiro por tirarem as crianças aos pais e depois levam-nas para as instituições para serem maltratadas”* (sic), acrescentando que a sua filha nunca foi maltratada enquanto esteve em casa.

Referiu, ainda, que *“as instituições não querem saber de nós, só destas pequenitas. Não quiseram saber de mim, aos 14 anos já tava na minha mãe outra vez!”* (sic).

Mais uma vez e perante este discurso, tentamos desmistificar a perceção que esta família tem relativamente ao funcionamento das CA. Explicámos-lhe que existem procedimentos que têm que ser respeitados. O Instituto da Segurança Social financia as CA que gerem o dinheiro de acordo com as necessidades da instituição e onde existem cuidadoras a quem compete assegurar o cuidado das crianças.

Embora a comunicação social veicule situações graves de abuso que merecem ser punidas, não podemos generalizar. Nos últimos anos, tem existido uma evolução, sobretudo, no que respeita à abertura das CA ao exterior – comunidade e família - e à qualidade dos serviços prestados.

Apesar da progenitora ter uma imagem negativa das CA, tem consciência que a sua filha é bem tratada na CA Nossa Senhora da Misericórdia.

(nota de campo – 21 de novembro de 2017)

A realidade do acolhimento residencial de crianças e jovens suscita, ainda, algumas reservas aos profissionais que com elas trabalham. De facto, dependendo do seu grau de conhecimento e da capacidade para lidar com situações emocionais complexas (que provocam grande desgaste profissional), os profissionais revelam ou ocultam preconceitos e estereótipos que, inevitavelmente, influenciam o modo como apreendem e interpretam a realidade - o que tem, consequentemente, implicações na sua prática

Na fase inicial do diagnóstico da realidade residencial, conversámos com um dos elementos da Equipa Técnica sobre a intervenção e acompanhamento que poderia ser efetuado às famílias, em contexto de visita. Apesar deste elemento considerar importante e pertinente o acompanhamento personalizado a cada agregado, alertou-nos para o facto do perfil das famílias ter mudado ao longo do tempo. Referiu que, há uns anos, os progenitores aderiam e participavam nas atividades promovidas pela Equipa, solicitavam ajuda e orientação para

reorganizar a sua vida. Contudo, atualmente *“acham que sabem tudo e dificilmente aderem”*(sic), veem o Técnico como inimigo e resistem à intervenção.

(nota de campo - 05 de dezembro de 2017)

Ausloos (2003) refere que aquilo que os profissionais, tantas vezes, designam de famílias resistentes não é mais do que a incapacidade que apresentam em ver o seu potencial de mudança. Segundo o autor, a maior parte das vezes, a resistência das famílias à intervenção resulta de hábitos instaurados e/ou do receio que têm em serem confrontadas com um novo fracasso. Neste sentido, na intervenção dos profissionais deve estar subjacente o pressuposto de que as famílias nem sempre são resistentes, mas sim prudentes e necessitam de tempo para encontrar as próprias soluções para os seus problemas (Ausloos, 2003). Neste sentido, torna-se fundamental que as equipas de profissionais acreditem no potencial de mudança das famílias e estructurem a sua atuação, colocando em evidência as competências destas.

Sendo o acolhimento residencial uma área de grande desgaste profissional, dadas as situações multiproblemáticas com as quais os colaboradores das CA têm que lidar, não teremos de pensar, também, no tipo de acompanhamento que estes devem receber?

De acordo com Brazelton (2002), os profissionais que trabalham em instituições de acolhimento residencial facilmente atingem um ponto de esgotamento. Para evitar estas situações, seria fundamental a presença de um orientador que os aconselhasse e auxiliasse na resolução dos próprios problemas, avaliando o seu desempenho ao longo do tempo.

A realidade de outros países, nomeadamente de França, mostra-nos que a presença de um elemento externo que oriente os profissionais, assume um papel fundamental no modo como estes lidam com as situações complexas com que se deparam diariamente. De acordo com informações recolhidas numa visita a Saint-Étienne, mais concretamente, à Association de sauvegarde de l'enfant à l'adulte (Sauvegarde42), realizada no mês de outubro de 2017, foi possível constatar que a presença e acompanhamento deste elemento orientador – através de momentos de partilha, diálogo e reflexão – fornece aos profissionais maior apoio e segurança nas decisões que tomam, por vezes, tão difíceis e complexas. Para além disso estes são acompanhados, mensalmente, em consultas de psicologia e psicoterapia, o que em muito os auxilia a lidar mais facilmente com as situações de tensão e stress.

Em nosso entender, para além desta orientação externa contínua, seria, ainda, fundamental a realização de reuniões regulares com colegas de outras instituições, no sentido

de se proporcionarem momentos de diálogo, troca de experiências e preocupações que ajude a encontrar soluções conjuntas, (re)definindo e melhorando as práticas implementadas.

4. Reflexões sobre a prática do profissional de Serviço Social na Casa de Acolhimento: que desafios?

O trabalho de proteção de crianças e jovens requer o máximo de cooperação, não só das instituições públicas competentes neste âmbito e dos profissionais que com eles trabalham, mas também da população em geral, das próprias crianças e das suas famílias. Efetivamente, a nenhum profissional isolado pode ser atribuída a responsabilidade do diagnóstico e proteção de uma criança em situação de perigo. Esta deve ser partilhada para que possam ser implementadas medidas de intervenção o mais adequadas possível.

Na área do acolhimento residencial o profissional de Serviço Social encontra-se responsável pelo desenvolvimento de todas as ações que dizem respeito ao processo de promoção e proteção das crianças. O seu principal objetivo consiste em avaliar a situação sociofamiliar de cada criança, contribuir para o seu desenvolvimento saudável e o desenvolvimento da sua família, promovendo a interação familiar e social. A sua efetivação exige ações que vão muito para além da elaboração de relatórios e informações dirigidas ao Tribunal, mas um acompanhamento personalizado e efetivo às famílias e crianças que se encontram em situação de risco ou perigo.

Na CA Nossa Senhora da Misericórdia, a Assistente Social exerce as suas funções procurando ter em vista o superior interesse da criança. Contudo, o facto de esta assumir, em simultâneo, o cargo de Diretora Técnica exige acumulação de funções e responsabilidades inerentes. Enquanto representante da organização e com a função de supervisionar e garantir o bom funcionamento da CA, o seu quotidiano pauta-se, sobretudo, por questões administrativas, relacionadas com gestão de pessoal, recursos humanos e materiais necessários à dinâmica residencial. A esta compete, ainda, cumprir e fazer cumprir o regulamento interno da CA, assim como a responsabilidade de elaborar, implementar e atualizar o Plano de segurança, higiene alimentar e limpeza das instalações.

Uma vez que as refeições da CA são confeccionadas em cozinha comum às diferentes valências da Santa Casa da Misericórdia e o seu número varia, diariamente, cabe à Diretora Técnica a requisição prévia dos almoços e jantares. Compete-lhe, ainda, efetuar as encomendas (ao departamento de logística da Sede da Santa Casa da Misericórdia) de bens alimentares, produtos de higiene e outros artigos essenciais ao funcionamento da CA.

No que respeita à gestão dos recursos humanos é esta quem corrige as anomalias existentes ao nível do sistema de ponto e elabora as escalas de horário do pessoal de acordo com o horário padrão definido superiormente. É, também, quem promove reuniões periódicas com os colaboradores da Casa e administra o fundo de maneio que lhe é atribuído para pequenas aquisições indispensáveis ou urgentes.

Ainda que as equipas estejam em contacto quase que permanente, para que a cooperação seja efetiva, são realizadas reuniões semanais - entre a Equipa Técnica - e mensais - com todos os colaboradores - no sentido de refletir e perceber as necessidades sentidas, apresentar e discutir propostas de melhoria em termos de intervenção e cursos de formação que se revelem pertinentes ao desenvolvimento de competências profissionais. Estes momentos, enquanto espaços de comunicação privilegiados, revelam-se fundamentais à promoção da harmonia entre os colaboradores e bom funcionamento da organização.

A Equipa Técnica reuniu no sentido de fazer o ponto da situação de alguns processos, dando prioridade ao caso de três irmãos que se encontram acolhidos.

Todos os elementos presentes partilham da opinião que a progenitora das crianças não constitui uma alternativa ao acolhimento, uma vez que apresenta inúmeras fragilidades e tem-se revelado pouco assídua, conflituosa e nada colaborante com os serviços – quer Equipa Técnica da CA, quer Gestora de Caso da Equipa Multidisciplinar de Assessoria aos Tribunais.

Relativamente ao progenitor, José, embora este seja uma figura presente na vida dos filhos, com quem mantém uma forte ligação afetiva, encontra-se numa situação de precariedade socioeconómica e habitacional que não lhe permite, neste momento, receber as crianças. José reside com a sua mãe e irmão mais velho numa habitação social de dimensões reduzidas. Contudo, encontra-se a reunir esforços no sentido da sua autonomização, perspetivando adquirir uma habitação social com espaço suficiente para receber as crianças. Foi, ainda, referido que apesar do carinho e afeto que este manifesta pelos filhos, apresenta algumas limitações cognitivas, usufruindo, por esse motivo, de uma pequena pensão de invalidez.

A Equipa Técnica refletiu sobre a possibilidade deste pai ser uma alternativa à situação de acolhimento dos filhos, tendo concluído que a curto prazo e sem retaguarda familiar, não constitui uma resposta adequada. Por sua vez, a avó paterna, apesar de ser considerada uma pessoa idónea, apresenta uma idade avançada e não se sente capaz de assumir, sozinha, os cuidados das três crianças. Perante esta conjuntura, a Equipa Técnica refletiu sobre o projeto de vida das duas crianças mais velhas que se encontram na faixa etária dos 7 e 9 anos e apresentam atraso de desenvolvimento significativo e dificuldades ao nível da aprendizagem. Estes fatores poderão ser um obstáculo à promoção de uma medida de adoção.

A irmã mais nova (com 3 anos) mantém com os irmãos uma grande ligação afetiva, no entanto, tem ainda grandes possibilidades de ter um projeto de vida alternativo, nomeadamente, a adoção. Os Técnicos conversaram sobre as várias alternativas ao acolhimento das três crianças,

projetando no futuro o que seria melhor para elas. No entanto, várias questões se colocaram, tais como: Como irão lidar as crianças, caso seja promovida apenas a adoção da irmã mais nova? Neste caso, como poderá ser mantido o contacto entre os três irmãos, sem pôr em causa a confidencialidade e privacidade da criança mais nova e sua família adotiva? Pelo contrário: investindo no regresso das três crianças ao seio familiar de origem, não estaremos, nós, a comprometer o seu futuro em prol da ligação afetiva com o progenitor?

(nota de campo - 13 novembro 2017)

Os elementos da Equipa Técnica reuniram-se com a equipa educativa para conversar sobre algumas competências que, no âmbito dos PSEI, poderiam trabalhar com as crianças e outros assuntos relevantes sobre o funcionamento da CA.

A primeira questão abordada prendeu-se com o encerramento da CA no dia de Natal e a necessidade de distribuir, pelas colaboradoras da CA, as crianças que não estão autorizadas a passar o Natal com a família biológica. Foi dada a possibilidade das crianças mais crescidas escolherem com quem querem passar esta época festiva. Relativamente aos bebés, a distribuição foi feita de acordo com a disponibilidade das colaboradoras.

De seguida, conversámos sobre a necessidade de existir maior controlo das peças de roupa, essencialmente, aquelas que são oferecidas pela família biológica. Para evitar extravios de pertences, ficou definido que compete à Equipa Técnica receber todo o calçado e vestuário oferecido pelos familiares e, logo que possível, entregá-los às auxiliares responsáveis.

Foi, ainda, referida a importância de sensibilizar os progenitores para o facto do local onde se processa a lavagem da roupa ser comum às diferentes valências e, por esse motivo, as peças poderem danificar-se ou serem trocadas.

Finalmente, foi reforçada a importância de existir comunicação entre as Equipas, principalmente na mudança dos turnos.

(nota de campo -17 de novembro de 2017)

Dada a escassez de tempo não foi possível, nesta reunião, abordar as competências que, no âmbito dos PSEI, poderiam ser trabalhadas com as crianças. Sendo este um dos assuntos fundamentais é, de todo, importante que se proporcionem, com regularidade, outros momentos onde possam ser discutidas estas questões. No entanto, dada a organização da Equipa Educativa que trabalha por turnos rotativos, as reuniões obrigam a que algumas colaboradoras se desloquem à CA fora do seu horário laboral, o que provoca alguns constrangimentos e descontentamento. É importante que sejam encontradas alternativas, no sentido de agilizar os momentos de reflexão entre Equipas, através de reuniões com grupos mais pequenos, sempre que possível, durante o período laboral. Será, ainda, fundamental a elaboração de um documento onde constem as competências a trabalhar com cada uma das crianças e que esse trabalho possa ser monitorizado através do preenchimento de uma grelha de observação.

Para além das funções já mencionadas, é a Diretora Técnica que, em conjunto com os dois elementos da Equipa Técnica - Educador e Psicóloga - seleciona os pedidos de acolhimento efetuados pelas entidades competentes em matéria de infância e juventude, emitindo parecer favorável ou desfavorável, tendo em conta os critérios pré-estabelecidos²⁴. Assume, ainda, a gestão dos casos das crianças acolhidas, efetuando as diligências necessárias e inerentes ao acompanhamento dos processos de promoção e proteção, nomeadamente, a resposta às solicitações do Tribunal, visitas domiciliárias, reuniões interinstitucionais e atendimentos às famílias.

Sem descurar a importância da burocracia inerente à organização e funcionamento dos contextos institucionais e aos processos de promoção e proteção, o seu excesso exige que a Assistente Social dedique grande parte do seu tempo ao tratamento de questões e procedimentos burocráticos que se confinam ao espaço “de gabinete”, deixando muito pouco tempo disponível para a relação com as crianças e famílias. Por este motivo, dada a acumulação de funções e a escassez de tempo, o acompanhamento direto das crianças e famílias fica, em parte, comprometido.

Não será, porém, que competiria ao Assistente Social fomentar relações positivas e afetivas com as crianças? E até que ponto o trabalho de “re-construção” dos laços entre a criança e a sua família de origem não deveria ser um foco particular de atenção e investimento do assistente social?

Em contexto de acolhimento residencial, a visita dos familiares à criança constitui um momento privilegiado para promover a sua interação, reforçar vínculos e trabalhar competências parentais no sentido de alcançar mudanças e melhorias nos cuidados prestados. Todavia, qualquer intervenção necessita de um plano conjunto - estruturado e personalizado - adequado às necessidades e potencialidades de cada criança e família.

Apesar de não existir o investimento que, quanto a nós, seria desejável no trabalho de competências parentais durante o período de visita dos familiares às crianças, a Assistente Social informa as famílias sobre a evolução do projeto de vida previsível para a criança, contribuindo para que estas sejam ouvidas e envolvidas, nos graus possíveis e desejáveis de cooperação, nas decisões e atividades significativas para elas. Na CA, tanto os progenitores como outros familiares têm oportunidade de acompanhar as crianças às consultas médicas no Centro de Saúde ou Hospital, participar na celebração do seu aniversário e em atividades promovidas pela CA, pela escola ou pré-escolar.

²⁴ Este parecer depende de fatores como a existência de vaga, a idade da criança, o sexo, o seu quadro clínico e a análise comparativa dos pedidos em lista de espera (se aplicável).

Durante a visita dos familiares à criança e em conversa com a tia materna sobre a consulta de rotina que Lara teria no centro de saúde, nesse mesmo dia, foi-nos solicitada a possibilidade de ser esta a acompanhar a sobrinha, uma vez que a progenitora necessitava de realizar análises ao sangue.

Conversamos com a Diretora Técnica sobre esta solicitação que referiu não existir qualquer problema na ida da tia à consulta com o Educador e a criança.

(nota de campo – 14 de novembro de 2018)

As progenitoras de duas crianças foram convidadas a participar no almoço de natal dos filhos, promovido pelo pré-escolar. A Diretora Técnica da CA acompanhou-as às instalações do equipamento social, no sentido de facilitar a sua integração.

Após o almoço, uma das progenitoras permaneceu com a criança na CA, durante algum tempo, mostrando satisfação pelo momento passado com a sua filha no pré-escolar.

(nota de campo - 13 de dezembro de 2017)

No dia do aniversário de João, os colaboradores da CA organizaram uma festa para celebrar esta data, procedendo à decoração do espaço e preparação dos bolos, sumos e outros doces. Recebemos na CA a progenitora e os irmãos de João que foram convidados para a festa e partilharam o espaço com as restantes crianças e colaboradores.

(nota de campo - 18 de dezembro de 2017)

João, Anabela e Laura receberam a visita da sua irmã mais velha, Petra, que se encontra em situação de acolhimento numa outra CA. Uma vez que a visita decorreu no período da manhã e se aproximava a hora do almoço, a Diretora Técnica sugeriu a possibilidade da irmã almoçar com as crianças. Os quatro irmãos puderam partilhar deste momento, em conjunto. Todavia, a presença (pouco habitual) desta irmã suscitou alguns comportamentos de desafio e oposição por parte de um dos irmãos que se recusou a comer e não respeitou as orientações dadas pela auxiliar que se encontrava de serviço.

(nota de campo – 21 de dezembro de 2017)

Todos os anos, a CA realiza a sua festa de Natal, na qual estão presentes colaboradores, membros da direção, voluntários e familiares das crianças. A festa inicia com uma atuação das crianças, geralmente, uma peça de teatro e termina com um lanche oferecido pela Santa Casa da Misericórdia, durante o qual é possível os familiares usufruírem de algum tempo com as suas crianças.

Durante o mês de dezembro, as crianças, o educador da CA e alguns elementos da Sede da Santa Casa, prepararam um pequeno teatro intitulado de *“Uma Noite muito feliz”* a apresentar

no dia da Festa de Natal. Todos os familiares foram convidados a estarem presentes, neste dia, para assistirem ao espetáculo realizado e usufruírem de algum tempo com os filhos durante o lanche oferecido, após a atuação.

As crianças mostraram-se satisfeitas com a presença dos familiares, com quem interagiram durante o tempo que estiveram na Sede.

(nota de campo – 19 de dezembro de 2017)

As particularidades da CA, enquanto espaço onde residem crianças cuja história de vida foi marcada por vicissitudes e ruturas de índole diversa, exigem equipas de profissionais qualificados que trabalhem em conjunto, partilhando saberes e conhecimentos, mediante um plano estruturado de acordo com as necessidades e características das crianças. Este plano exige complementaridade de funções dos vários elementos da Equipa Técnica e Educativa que, apesar das divergências que, por vezes, surgem, enquanto equipa, não pode esquecer que a sua atuação se vai repercutir na criança e, por isso, é extremamente importante refletir sobre as consequências que dela advém (Ferreira, 2001).

Dada a complexidade do trabalho a desenvolver em contexto institucional, não é possível abordar as funções do Assistente Social dissociadas das exercidas pelos restantes elementos da Equipa Técnica, dado que o superior interesse da criança exige a complementaridade de saberes e competências dos diferentes profissionais. Por este motivo, o papel do Assistente Social será apresentado, de forma mais detalhada, neste trabalho, como fazendo parte integrante e em estreita ligação com a Equipa Técnica.

As visitas domiciliárias são, geralmente, realizadas por dois elementos da Equipa Técnica de forma a garantir a segurança - sobretudo quando o agregado reside em contextos sociais problemáticos - e permitir obter mais que uma perspetiva sobre a mesma situação. Quando a deslocação a meio natural de vida se efetua a pedido do Tribunal, ou antecede uma tomada de decisão relativamente à possibilidade das crianças passarem fins de semana ou épocas festivas em casa dos familiares, a Assistente Social ou outro elemento da Equipa Técnica conversa e informa a família acerca do parecer que será, posteriormente, emitido em relatório ou informação social.

Importa referir que, quer em contexto de visita domiciliária, quer em contexto de atendimento são identificadas, com o agregado, as principais dificuldades, potencialidades e oportunidades de mudança no sentido de promover alterações e contribuir para a resolução de problemas e disfunções existentes. Quando o regresso ao meio natural de vida não se afigura como o projeto de vida mais adequado são, igualmente, exploradas com a família outras

alternativas, tais como a possibilidade de apoio junto de outro familiar, pessoa idónea ou o encaminhamento para adoção.

A transparência na comunicação entre a equipa e as famílias foi observada, em várias ocasiões, durante a realização do estágio. Em contexto de visita domiciliária realizada a 24 de novembro de 2017 com vista à emissão de parecer acerca da possibilidade de três das crianças acolhidas passarem as férias de Natal no agregado familiar da avó paterna, verificou-se abertura e sinceridade entre as Técnicas e a família. Para além do feedback contínuo, as Técnicas partilharam com a avó algumas das suas preocupações no sentido de, em conjunto, encontrarem alternativas adequadas à situação em causa.

A mesma transparência e clareza se verificou, em contexto de acolhimento, quando surgiu a necessidade da Equipa Técnica comunicar à família biológica de uma das crianças a proposta da aplicação da medida “encaminhamento para adoção”. Nesta ocasião foi analisado, com a progenitora, o seu percurso de vida, bem como a postura adotada perante os serviços, o que fundamentou o parecer emitido.

A Diretora Técnica abordou a progenitora de Tiago para lhe transmitir a medida que iria propor no debate judicial. Referiu que a equipa técnica tinha reunido e refletido sobre o seu percurso de vida ao longo dos 4 anos que a criança se encontra acolhida, mencionando a postura de acomodação; as mentiras relativamente ao desconhecimento da sua gravidez, emprego e habitação que dizia vir a adquirir; e a resistência manifestada perante a intervenção dos serviços, nomeadamente do CAFAP que objetivava um acompanhamento mais profundo e um plano de treino de competências parentais, ao qual esta deixou de comparecer.

A progenitora mostrou-se, aparentemente, surpreendida quando lhe foi transmitido que já há dois anos não efetuava descontos, atribuindo a culpa ao seu patrão. Referiu, ainda, que não aceitava a adoção do seu filho e, por isso, não daria consentimento à aplicação dessa medida. Apontou os padrinhos da criança como alternativa, admitiu algumas mentiras, afirmando que seria na semana seguinte que iria iniciar atividade profissional e realizar a mudança para a nova habitação.

(nota de campo – 28 de março de 2018)

A complexidade e multidimensionalidade das situações exigem dos profissionais uma grande capacidade de gestão emocional, sobretudo, quando existe a probabilidade da mensagem que pretendem transmitir despoletar sentimentos dolorosos e reações negativas por parte dos familiares. Neste sentido, torna-se imprescindível que os profissionais se mantenham unidos, capazes e motivados para implementar novas estratégias, organizar e otimizar o seu trabalho (Gomes, 2010).

A Equipa Técnica reuniu com a progenitora de Jéssica para lhe comunicar a impossibilidade de continuar a visitar a filha, dada a decisão decretada pelo Tribunal, “encaminhamento para adoção”.

A progenitora, em lágrimas, recusou-se a aceitar tal decisão, referindo que toda a sua vida lutou pela filha e não fazia sentido que esta fosse adotada por um casal que não ama.

Os Técnicos explicaram à progenitora que também eles não concordaram com esta decisão, todavia quando o juiz decreta a adoção de uma criança as visitas dos familiares deixam de se realizar. Contudo, no caso em questão, isto não aconteceu pelo vínculo existente entre mãe e filha e a baixa probabilidade de uma criança de 10 anos vir a ser adotada.

De seguida, esclareceram a progenitora sobre todos os procedimentos realizados, desde a decisão judicial à seleção dos casais adotivos.

Como referido, anteriormente, ao contrário do Tribunal, os elementos da Equipa Técnica deram parecer desfavorável relativamente à adoção desta criança. Por este motivo, esta situação abalou, seriamente, os três elementos da Equipa que partilharam a dor da progenitora e mostraram-se disponíveis para apoiá-la naquilo que fosse necessário.

(nota de campo – 26 de dezembro de 2017)

A elaboração de relatórios e informações sociais dirigidas ao Tribunal constituem outra das responsabilidades dos elementos da Equipa Técnica. Segundo o artigo 108º da lei nº142/2015 de 8 de setembro, o juiz utiliza como meios de obtenção da prova a informação ou o relatório social sobre a situação da criança e do seu agregado familiar. Estes dois documentos reúnem informação atualizada relativa à situação sociofamiliar, psicológica, pedagógica, clínica da criança, bem como observações que se revelem pertinentes para análise da situação em causa. São, geralmente, solicitados pelo Tribunal de 6 em 6 meses (data de revisão da medida de acolhimento residencial) ou sempre que seja necessário.

Compete, ainda, à Assistente Social e à Equipa Técnica acompanhar o processo de saída das crianças da CA, quando se encontram reunidas as condições para a concretização do seu projeto de vida. Independentemente do projeto de vida definido - quer regressem à família biológica, integrem uma nova família ou transitem para outro contexto de acolhimento - são criadas condições para que a saída decorra de uma forma tranquila. Esta mudança exige a articulação entre a CA, as famílias e/ou outras entidades e serviços de acompanhamento (Equipas Atendimento e Acompanhamento Social, Escolas, Centros de Saúde, Centros Familiares de Acompanhamento e Aconselhamento Parental), realizada através de contactos telefónicos e reuniões interinstitucionais, no sentido de garantir que tudo decorre com celeridade e da melhor forma possível.

Durante a realização do estágio foi possível acompanhar o processo de transição de duas crianças que regressaram ao meio familiar de origem, concretamente, para junto da progenitora.

A Diretora Técnica da CA reuniu com a Gestora do Processo, na CPCJ, a pedido da progenitora de duas crianças que se encontravam na CA. Esta reunião contou com a presença de ambas as Técnicas e progenitores e realizou-se com o objetivo de reavaliar a situação, uma vez que já se encontravam reunidas as condições para que as crianças regressassem ao seio familiar de origem.

Foi possível constatar que, apesar dos progenitores não viverem em conjunto, mantêm uma relação cordial - o que facilitou o acordo entre ambos no que respeita à regulação das responsabilidades parentais, sobretudo, o regime de visitas. Ambas as Técnicas consideram que, efetivamente, a progenitora reúne as condições necessárias para receber as crianças no seio familiar e, por isso, a medida de promoção e proteção das crianças será alterada para “apoio junto da mãe” de forma a permitir algum apoio e acompanhamento, pelo período de 6 meses.

Dada a proximidade da época natalícia, a Diretora Técnica solicitou aos progenitores a possibilidade das crianças permanecerem na CA até ao dia 20 de dezembro, a fim de participarem na festa de natal a realizar no dia 19 do mesmo mês - o que mereceu concordância de ambos.

Todos os elementos presentes conversaram, abertamente, sobre algumas questões, nomeadamente, a mudança de escola das crianças, o abono de família e outras alterações inerentes à vivência da nova realidade.

(nota de campo - 20 de novembro de 2017)

Durante o período da manhã e já com os pertences reunidos, os irmãos Rui e Diogo esperavam, ansiosamente, pela mãe que os levaria de regresso a casa. Quando esta chegou, juntamente com o seu companheiro, as crianças abraçaram-nos. A despedida da CA foi marcada por lágrimas e abraços entre os adultos, crianças e cuidadores.

A progenitora agradeceu a todos os colaboradores da CA por tudo o que fizeram pelos filhos e estes felicitaram-na por ter conseguido reorganizar a sua vida e reunir as condições necessárias para voltar a receber as crianças, mostrando-se disponíveis para apoiar no que for possível.

(notas de campo – 20 de dezembro de 2017)

A promoção e proteção dos direitos da criança não pode ser reduzida a uma prática profissional standardizada. É necessário reconhecer a importância de uma intervenção individualizada consonante com as necessidades de cada criança (Cansado, 2008).

Da análise efetuada, podemos concluir que, a responsabilidade do diagnóstico e proteção de uma criança/jovem em perigo não poderá ser atribuída a nenhum profissional isolado. Esta,

deve ser partilhada para que possam ser implementadas medidas de intervenção adequadas com vista à remoção do perigo. Efetivamente, só a articulação e complementaridade de saberes dos diferentes profissionais e o respeito pelas funções, valores e responsabilidades de cada um, permitirá obter uma resposta adequada, eficaz e humana (Magalhães, 2004).

III. Caracterização diagnóstica das crianças da Casa de Acolhimento

1. Breves elementos de caracterização sociodemográfica das 11 crianças residentes

A CA Nossa Senhora da Misericórdia tem capacidade para acolher 15 crianças, cumprindo os requisitos exigidos pela lei relativamente ao número que se considera desejável para uma CA de crianças em risco. Atualmente, no seu interior residem, temporariamente, 11 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 10 anos de idade, cuja medida de promoção e proteção aplicada consistiu em “acolhimento residencial”. Todas elas são de nacionalidade portuguesa e provêm de diferentes zonas do distrito de Porto.

Numa fase inicial, no que respeita à distribuição das crianças por género, verificava-se um equilíbrio numérico entre o sexo masculino (5) e feminino (5). Todavia, de novembro de 2017 a janeiro de 2018, a Casa acolheu mais três crianças – duas do sexo masculino e uma do feminino - e duas crianças do sexo masculino regressaram à família biológica, ficando com um total de 11.

Os motivos que estiveram na origem do acolhimento inserem-se, maioritariamente, na categoria de negligência e abandono parental. De acordo com Quintães (2009), de forma geral, existe uma correspondência direta entre a negligência parental, a disfuncionalidade e a carência económica, social e cultural que, efetivamente, se constata nos agregados familiares das crianças acolhidas na CA.

A multiplicidade de problemáticas a que as crianças estiveram sujeitas no contexto familiar e as consequências que daí advêm são notórias no seu quotidiano dentro do espaço organizacional. A ausência de supervisão e acompanhamento parental e a exposição a situações de negligência grave contribuíram para que algumas das crianças apresentassem atrasos em vários domínios do seu desenvolvimento, nomeadamente, dificuldades ao nível da linguagem, autonomia e socialização com adultos e pares.

De acordo com informações recolhidas junto da Equipa Técnica foi possível constatar que três das crianças acolhidas estão referenciadas para diagnóstico de défice cognitivo, problemática já identificada numa das crianças da Casa. Trata-se de uma criança que apresenta sintomatologia associada à Perturbação do Espectro Autista²⁵ sem ter existido, ainda, diagnóstico. Esta criança necessita de um ambiente que responda às suas necessidades, cuidadores com formação adequada, terapias e tratamentos de estimulação apropriados à sua

²⁵ Estereotipias, agitação psicomotora, atrasos a vários níveis.

problemática, as quais a instituição não detém. Todavia, existe um esforço por parte da equipa Técnica e Educativa em prestar os cuidados necessários, procurando estratégias e orientações externas adequadas à problemática.

No que respeita a acompanhamentos externos, duas das crianças usufruem de acompanhamento, bissemanal, na especialidade de Terapia da Fala e Terapia Ocupacional.

Relativamente à escolaridade das crianças da CA, foi possível verificar que maior parte integra um estabelecimento de ensino - à exceção dos três (3) bebés.

Uma vez que esta Casa se destina ao acolhimento de crianças dos 0-10 anos e a maior parte se encontra na faixa etária entre os 3 e os 5 anos de idade, quatro (4) das crianças frequentam o pré-escolar no equipamento social Almeida e Costa e uma (1) no pré-escolar de outro agrupamento, onde é acompanhada no âmbito do ensino especial e usufrui de terapia ocupacional e terapia sensorial com cães. Os três (3) alunos que frequentam o 1º ciclo estão inseridos em turmas de ensino regular.

Da análise efetuada foi possível constatar que a relação entre a idade e o nível de instrução não evidencia uma taxa elevada de insucesso escolar. No entanto, as crianças que frequentam o 1º ciclo apresentam graves problemas ao nível da aprendizagem – a que frequenta o 4º ano encontra-se na eminência de reprovar e duas (uma do 1º e outra do 2º ano) estão referenciadas para usufruir de acompanhamento no âmbito do ensino especial, a iniciar no próximo ano letivo.

A escolaridade é uma das áreas onde as crianças apresentam maiores dificuldades. De acordo com dados dos estudos nacionais, as crianças em situação de acolhimento têm, em média, qualificações escolares mais baixas do que os pares da sua idade. Esta desvantagem é, em grande parte, explicada pelo meio de origem do qual provêm, geralmente, caracterizado por situações de carência, ausência de acompanhamento, estimulação e supervisão parental e falta de assiduidade registada durante o seu histórico escolar (Jackson e Cameron, 2012 cit. por Martins, 2015).

No que concerne à entidade executora da medida de promoção e proteção aplicada verifica-se que, na maioria dos casos (8), o Tribunal é a entidade responsável pela aplicação e acompanhamento da medida de “acolhimento residencial”. Os restantes três (3) estão sob tutela da CPCJ.

Gomes (2010) define projeto de vida como aquilo “*que se perspetiva que, num futuro próximo, venha a ser concretizado na vida de cada criança ou jovem, na sequência do plano de intervenção concertado que com eles está a ser desenvolvido*” (p. 109). No que a esta dimensão diz respeito, foi possível verificar que se perspetiva que quatro (4) das crianças

(re)integrem a família nuclear, uma (1) a família alargada, cinco (5) sejam encaminhados para adoção e uma (1) transite para regime de acolhimento permanente. Este último dirigido a crianças cujo grau de dependência não permite equacionar a sua autonomização após a maioridade.

1.1. Um retrato psicossocial do grupo intervencionado

O projeto de intervenção envolveu seis das onze crianças acolhidas e os elementos da família que as visitam, semanalmente, na CA. A seleção das famílias foi definida em reunião com a Equipa Técnica, tendo em consideração o projeto de vida de cada criança e a importância de promover a interação e o reforço dos laços familiares.

Ainda que a intenção inicial da nossa investigação/intervenção incidisse apenas nos agregados familiares das crianças que recebem visitas na CA e se perspetiva o regresso ao seio familiar de origem, após reunir com a Equipa Técnica, achou-se por bem incluir no universo de análise uma das crianças que se perspetiva a adoção uma vez que, também ela, recebe visitas da sua progenitora. De salientar que o Tribunal considerou não se terem esgotado as tentativas de recuperação deste elemento e, por isso, foi-lhe dada uma última oportunidade de reorganizar a sua vida e proposto um trabalho e acompanhamento intensivo por parte de um CAFAP.

A nossa intenção, parte do pressuposto de que para se reorganizarem e (re)assumirem as suas funções parentais, as famílias necessitam de uma intervenção profunda e contínua sendo, por isso, essencial e pertinente todo o trabalho que procure elevar as competências parentais, sobretudo, nos casos em que se prevê o regresso da criança ao meio familiar de origem.

Consideramos fundamental munir os progenitores de competências que lhes permitam socializar os filhos de forma saudável, sem esquecer que essas competências também estão dependentes das suas condições materiais de vida.

Tabela 1 – Caraterização do grupo de crianças

Criança	Género	Idade	Escolaridade	Projeto de Vida
Lara	Feminino	3 anos	Pré-escolar	Reintegração na família nuclear
Tiago	Masculino	4 anos	Pré-escolar	Adoção
Noa	Feminino	4 anos	Pré-escolar	Reintegração na família nuclear
João	Masculino	9 anos	2º ano	Reintegração na família nuclear
Anabela	Feminino	7 anos	1º ano	Reintegração na família nuclear
Laura	Feminino	3 anos	Pré-escolar	Reintegração na família nuclear

Fonte: Elaboração Própria

Das 6 crianças acolhidas, duas são do sexo masculino e quatro do sexo feminino e têm idades compreendidas entre os 3 e os 9 anos, sendo que 3 delas são irmãs. São crianças que mantêm contacto com a família biológica na CA, nomeadamente, com os progenitores, avós e tias(os) e encontram-se em situação de primeiro acolhimento.

Relativamente à escolaridade, as crianças dividem-se entre dois estabelecimentos de ensino público - quatro (4) frequentam o pré-escolar e duas (2) o 1º e 2º ano do 1º ciclo. Trata-se de um grupo de crianças que apresenta problemas de aprendizagem e atrasos significativos em vários domínios do seu desenvolvimento, não tendo ainda adquirido as competências que se esperaria na sua faixa etária.

Importa referir que, embora as duas crianças que frequentam o 1º ciclo estejam inseridas em turmas de ensino regular, foram referenciadas para usufruir de acompanhamento no âmbito do ensino especial, a iniciar no próximo ano letivo.

No que respeita ao projeto de vida, a Equipa Técnica prevê que cinco das crianças em estudo regressem ao meio familiar de origem e uma seja encaminhada para adoção.

Identificadas as crianças que fizeram parte do nosso grupo de intervenção, importa agora caraterizar os seus agregados familiares, bem como o meio sociocultural onde estiveram inseridas até integrarem a CA.

Tabela 2 – Caraterização do grupo de famílias

Criança	Elementos que visitam	Idade	Habilitações literárias	Condição perante o trabalho	Rendimentos
Lara	Mãe	26	6º ano	Desempregada	---
	Avô Paterno	74	4º ano	Reformado	350€
	Tia Materna	23	9º ano	Desempregada	RSI
Tiago	Mãe	33	6º ano	Desempregada	RSI
Noa	Mãe	45	6º ano	Desempregada	RSI
	Irmã	22	12º ano	Desempregada	RSI
	Avó Materna	68	4º ano	Reformada	630€
	Pai	50	4º ano	Reformado por invalidez	250€
Anabela	Avó Paterna	74	4º ano	Reformada	290€
Laura					

Fonte: Elaboração Própria

Segundo informações recolhidas a partir da análise documental, da observação participante e dos relatos dos familiares durante o período de visita, foi possível constatar que se trata de um grupo de famílias com idades compreendidas entre os 22 e os 74 anos e com um nível de escolaridade, manifestamente baixo, contabilizando-se apenas um adulto com o 12º ano e os restantes com qualificações que variam entre o 4º e o 6º ano.

Tratam-se de famílias que se encontram em situação de vulnerabilidade e precariedade económica e habitacional, sendo que maior parte beneficia da prestação pecuniária Rendimento Social de Inserção (RSI). Exercem e/ou exerceram profissões pouco qualificadas, verificando-se cinco situações de desemprego e quatro de aposentação, devido à idade e invalidez.

Parece-nos pertinente evocar os contributos de Gaulejac e Léonetti (1994), autores que consideram a participação no mercado de trabalho um critério fundamental de integração social. Segundo os mesmos, a privação decorrente do afastamento do mundo do trabalho, facilmente, gera situações de exclusão, uma vez que, o exercício de uma atividade profissional além de fornecer os rendimentos que, habitualmente, possibilitam ao indivíduo aceder aos padrões de consumo, gera uma verdadeira identidade pessoal e social cuja capacidade de definição se tornou mais forte do que qualquer outro tipo de pertença. Ora, a partir do momento em que o indivíduo se encontra numa situação de desemprego, afastado das atividades de produção e consumo que lhe conferiam proteção, estatuto e reconhecimento social, deixa de se sentir e de fazer parte integrante da

sociedade. Face ao exposto, podemos concluir que a escassez ou irregularidade de rendimentos implicam consequências graves que vão muito além da debilidade económica - situações de pobreza, precariedade e/ou sobreendividamento - podendo induzir à instabilidade familiar e impedir o acesso da família a bens e serviços socialmente relevantes (habitação, saúde, cultura, lazer, espaços de sociabilidade).

Uma vez que, ao longo do seu crescimento, a criança é influenciada pelas ligações que os familiares mantêm com o mundo do trabalho (relações essas que se refletem nas rotinas diárias da criança), estar impedido de trabalhar pode, mesmo, significar estar impossibilitado de participar em atividades de carácter sociocultural e recreativo. As privações e consequências decorrentes destas situações, comprometem, assim, as oportunidades de participação social da criança, induzindo disposições mais ou menos favoráveis ao prosseguimento de uma futura carreira profissional e à mobilização social das suas capacidades.

Ainda que saibamos que o enquadramento do meio socioeconómico e cultural das famílias sobre as quais incidiu a nossa ação exige um aprofundamento das múltiplas dimensões do seu quotidiano, existem áreas sobre as quais não foi possível recolher dados com o detalhe que seria desejável. No entanto, tivemos acesso a alguns dados que nos parecem relevantes em termos de caracterização das suas condições objetivas de vida que iremos passar a apresentar.

Agregado de Lara

Lara, de 3 anos de idade, encontra-se acolhida desde julho de 2017 e recebe visitas da sua progenitora (Sónia), a tia materna (Carlota) e o avô paterno, com periodicidade bissemanal. O progenitor visita a criança com alguma regularidade, geralmente ao fim de semana, uma vez que exerce atividade profissional fora do distrito do Porto.

De acordo com a informação disponível no processo de promoção e proteção da criança e dos dados recolhidos ao longo das visitas, foi possível constatar que a progenitora da criança é proveniente de um meio familiar disfuncional, tendo sofrido de abuso sexual, por parte do seu progenitor, durante a infância. À semelhança de Lara também ela foi retirada à família biológica e acolhida em instituição até aos 14 anos de idade sendo, posteriormente, integrada no seio familiar da progenitora.

Ambos os progenitores de Lara têm filhos, fruto de relações anteriores, com quem não mantêm contacto - o progenitor por razões que desconhecemos e Sónia pelo facto das crianças terem sido encaminhadas para adoção. Trata-se de um agregado que se encontra, atualmente, numa situação de precariedade económica e habitacional, dependendo, apenas, do vencimento

que o progenitor da criança auferia, enquanto operário de construção civil. Os progenitores beneficiavam do RSI (420€), cancelado a partir do momento em que o progenitor iniciou atividade profissional sem prestar conhecimento à Equipa que acompanha o agregado neste âmbito. Ambos residem numa habitação T1, numa ilha no Porto, com as condições mínimas de habitabilidade, porém sem espaço suficiente para receber Lara, o que constitui uma limitação ao seu regresso ao meio familiar de origem.

Atualmente, o casal tem um bebé, com 4 meses de idade, a residir junto a si, ainda que recebam acompanhamento e supervisão regular das Técnicas do serviço de atendimento e acompanhamento social da sua área de residência. Embora os progenitores dispunham de algum suporte familiar e, aparentemente, demonstrem a pretensão de organizar a sua vida e adquirirem uma habitação com as condições suficientes para receber Lara, a concretização efetiva desses objetivos ainda não foi executada com sucesso. A Equipa Técnica da CA perspetiva a reintegração da criança no seio familiar de origem, logo que as condições sociohabitacionais se encontrem reunidas.

A tia materna de Lara é uma jovem-adulta, aparentemente, sem grandes perspetivas de futuro. Terminou o 9º ano de escolaridade e *“gostava de ser professora de ginástica” (sic)*, contudo, nunca exerceu atividade profissional, beneficiando, atualmente, da prestação pecuniária RSI. De acordo com informações prestadas pela progenitora de Lara, esta tia não mantém residência fixa, pernoitando, alegadamente, em casa de uma amiga e efetuando as refeições principais na habitação de Sónia. Ainda, segundo a mesma, Carlota mantém um relacionamento com um indivíduo maltratante, que se encontra em situação sem-abrigo o que, por vezes, faz com que na relação entre ambas se evidenciem alguns conflitos.

O avô paterno é um senhor de 74 anos, divorciado, que se encontra a residir numa habitação T1 na mesma ilha que o filho e a nora. Vive a sua vida de forma independente com uma pensão no valor aproximado de 350€. Apesar de visitar a neta com alguma frequência é o elemento que menos interage com a criança.

Lara é uma criança que apresenta atraso de desenvolvimento global, mais acentuado no domínio da linguagem e comunicação. Manifesta dificuldade em se exprimir de forma clara e audível, responder a questões, construir frases simples e articular, corretamente, as palavras - beneficiando, por este motivo, de acompanhamento no âmbito da terapia da fala. O seu vocabulário é pobre e restrito, sendo que a criança não identifica a maior parte dos objetos e alimentos nem detém, ainda, conhecimento sobre as cores primárias e os diferentes animais. Ainda que, ao longo das visitas, a qualidade de interação entre a criança e a família seja, visivelmente, positiva no que respeita à responsividade e dedicação, a interação ao nível da

estimulação para o desenvolvimento de competências, fica aquém do desejado. Parece-nos que esta falta de estimulação por parte da família se deve ao desconhecimento relativamente às competências consideradas adequadas à faixa etária da criança, mais ainda, que esta apresenta um atraso de desenvolvimento significativo.

Lara apresenta um comportamento diferenciado, em termos de vinculação, relativamente à progenitora e tia Carlota, demonstrando tristeza e sofrimento no momento da despedida. Parece-nos que a instabilidade emocional que a separação lhe provoca não lhe permite, ainda, sentir a CA como um ambiente confiável, necessitando, por isso de alcançar maior segurança e estabilidade.

Agregado de Noa

Noa, de 4 anos de idade, encontra-se acolhida desde fevereiro de 2017 e recebe visitas, regulares, da sua progenitora e irmã mais velha. A avó materna efetua visitas à neta com alguma regularidade, porém adota uma postura passiva, permanecendo junto desta, por curtos períodos de tempo.

Importa, ainda, referir que a criança mantém contactos regulares com a sua tia materna que a recebe em sua casa todos os domingos. Apesar deste elemento poder vir a constituir uma resposta alternativa ao acolhimento da criança e, aparentemente, oferecer as condições necessárias ao seu desenvolvimento saudável, foi possível constatar que a integração de Noa no agregado familiar da tia não constitui um projeto de vida concretizável a curto prazo.

Com base na informação disponível no processo de promoção e proteção da criança, foi possível constatar que Noa é fruto de uma relação ocasional da sua progenitora e que esta não mantém qualquer contacto com o progenitor. De acordo com Elisabete, este nunca foi *“um homem de futuro e por isso deixei-o(sic).”*

A progenitora foi acompanhada, durante algum tempo, em consultas de psiquiatria por apresentar perturbações do foro mental, tendo estado, inclusivamente, internada durante algum tempo numa unidade hospitalar de psiquiatria.

Da informação recolhida através das conversas informais que mantivemos com a progenitora durante as visitas, foi possível constatar que Elisabete apresenta baixa qualificação escolar e profissional, rendimento incerto e emprego instável *“eu não gostava da escola, terminei a 4ª classe e fui trabalhar para um restaurante” (sic)*. Com 14 anos de idade, iniciou atividade profissional numa fábrica: *“não andava atras dos namoricos, trabalhava de manhã até à noite, mas depois saí, não é vida para uma adolescente” (sic)*. Elisabete refere que

trabalhou enquanto empregada de limpeza, em hotéis e restaurantes. Contudo, atualmente, encontra-se desempregada, a beneficiar do RSI: *“queria encontrar um part-time a lavar uns copitos num restaurante e conseguir pagar ao advogado para resolver a situação da menina”* (sic).

Elisabete reside com a sua mãe, filha mais velha e um neto numa habitação com condições mínimas de habitabilidade, cuja renda ronda o valor de 250 euros. A subsistência do agregado é assegurada pelos rendimentos provenientes da pensão da avó (630 euros), do RSI de Elisabete e sua filha e do abono de família (60 euros) do neto.

Ana, irmã de Noa, é uma jovem com 22 anos, mãe de uma criança de 3 anos. À semelhança de Noa também Ana esteve acolhida numa instituição. Apesar de se encontrar, atualmente, desempregada e a beneficiar do RSI, trabalhou durante algum tempo enquanto empregada de limpeza num shopping e concluiu, recentemente, um curso de manicure. Mantém uma relação com o progenitor do seu filho que se encontra, atualmente, emigrado na Inglaterra, e com quem pretende ir viver. Embora demonstre afeto e carinho pela irmã não perspetiva afigurar-se como alternativa ao acolhimento da criança.

A avó materna, de 68 anos, foi quem assegurou os cuidados de Noa nos primeiros anos de vida - devido ao internamento de Elisabete no Hospital Psiquiátrico – até a progenitora da criança voltar a reunir as competências necessárias ao exercício da parentalidade.

Da observação efetuada ao longo das visitas, foi possível constatar que a qualidade de interação entre a progenitora e a criança é pobre, quer em termos de expressão de afetos, quer no que respeita à estimulação para a aprendizagem e desenvolvimento de competências cognitivas e emocionais. A progenitora refugia-se, frequentemente, em sentimentos de cansaço e ausência de disposição em se envolver nas atividades realizadas pela criança, permanecendo, a maior parte do tempo, apenas a observar o seu comportamento. Parece-nos que esta postura, em muito, se deve às preocupações sentidas por Elisabete relativamente à situação de acolhimento de Noa e à condição socioprofissional atual, que a limita a vários níveis. A descrença na possibilidade em reaver a filha, a falta de esperança num futuro diferente e a instabilidade gerada não lhe permitem agir com estabilidade, preocupação e compreensão.

A progenitora revela sinais de grande introversão, que se intensifica na presença de pessoas desconhecidas ou com quem não mantém uma relação de proximidade. Nestas ocasiões, Elisabete permanece imóvel, contraída e com dificuldade em dirigir o olhar enquanto estabelece um diálogo. Esta situação poderá ser, quanto a nós, uma estratégia que adota face à inferiorização sentida, pela consciência da representação negativa que os profissionais têm sobre si e da descrença na possibilidade de alterar o seu estatuto social.

A postura de falta de proatividade, assim como o pouco investimento afetivo, reflete-se na relação de pouca proximidade entre a criança e a progenitora. São várias as ocasiões em que Noa mostra alguma resistência no contacto físico com Elisabete, afastando-a quando esta tenta aproximar-se e, ainda, pedindo que se vá embora.

Importa, contudo, salientar que na ausência de pessoas externas, a interação entre Elisabete e a criança se revela mais livre e profícua.

Com base em informações disponíveis no processo de promoção e proteção da criança, foi possível constatar que aquando do acolhimento, Noa apresentava grandes dificuldades na socialização com adultos e pares - apresentava sinais de introversão e isolamento, não era capaz de iniciar e manter um diálogo, não dirigia o olhar ao adulto nem interagia com os pares. A linguagem era pobre e as brincadeiras e conversas que mantinha com ela própria cessavam sempre que alguém se aproximava. No entanto, ao longo do tempo, a situação da criança foi sofrendo melhorias significativas: Noa usufrui de acompanhamento na especialidade de terapia da fala e tornou-se mais sociável, embora continue a manifestar sinais de alguma timidez.

A criança demonstra maior satisfação e responsividade nas visitas em que a irmã Ana está presente, mantendo com esta uma relação próxima de carinho e afeto.

Agregado de Tiago

Tiago é uma criança com 4 anos de idade que se encontra acolhida na CA desde o seu nascimento. Mantém as visitas da progenitora, Mónica, que identifica enquanto mãe. No entanto, esta não constitui uma figura de referência, a quem recorre quando necessita de auxílio e afeto. A criança não mantém com a progenitora um padrão seguro de vinculação.

Ao longo das visitas realizadas na CA, foi possível constatar que a progenitora apresenta um baixo nível de responsividade e sensibilidade que se reflete na fraca interação que existe entre esta e a criança. Efetivamente, por várias vezes, verificamos que Mónica centra a sua atenção no telemóvel, descurando a interação com o filho.

Tiago manifesta uma grande dificuldade em permanecer junto da progenitora por longos períodos de tempo, procurando, frequentemente, a atenção e o afeto quer dos colaboradores da CA, quer de familiares de outras crianças. Este comportamento provoca na criança, instabilidade e insegurança e interfere na qualidade das visitas.

A ausência de investimento afetivo e educativo por parte de Mónica, leva a criança a preterir a proximidade de outros elementos, exceto quando a progenitora traz guloseimas para a visita - estratégia que adota para captar a atenção do filho, por alguns momentos.

Apesar dos esforços encetados pelos serviços – CAFAP e CA – Mónica não conseguiu reverter a situação e assumir as funções inerentes a uma parentalidade minimamente adequada, mantendo uma postura de acomodação e resistência, continuando a omitir informações relacionadas com a sua vida pessoal, situação socioeconómica, profissional e habitacional.

Da informação disponível no processo de promoção e proteção da criança, mais concretamente, no último registo de visita domiciliária efetuada pela Equipa Técnica da CA, foi possível averiguar que, em 2016, a progenitora residia numa habitação bastante degradada sem as mínimas condições de habitabilidade e salubridade - jamais apropriadas para o acolhimento e desenvolvimento saudável de uma criança. Atualmente, desconhece-se a sua área de residência, bem como a sua ocupação profissional.

Embora o discurso da progenitora durante as visitas, pretenda demonstrar que se encontra a realizar mudanças no sentido de fomentar a integração de Tiago no seu agregado, a sua postura não é coerente com as suas palavras. Atendendo às estratégias infrutíferas no passado e à postura de Mónica ao longo dos últimos 4 anos, a Equipa Técnica considera que é fundamental encontrar uma alternativa que assegure, efetivamente, a concretização do projeto de vida da criança.

Tiago tem direito a uma família que lhe proporcione um ambiente securizante, promotor de relações seguras e gratificantes que a progenitora não evidencia ter a possibilidade de lhe oferecer. Pelo exposto e tendo em conta que o tempo da progenitora não é, definitivamente, o tempo da criança, considera-se que o encaminhamento para adoção é a resposta que melhor se coaduna com o seu superior interesse.

Agregado de Laura, João, Anabela

Laura, João e Anabela de 3, 9 e 7 anos de idade, encontram-se acolhidos desde maio de 2017. Têm quatro irmãos mais velhos, resultado de uma relação anterior da progenitora, três dos quais os visitam, muito pontualmente, na CA.

À semelhança das três crianças, a sua irmã, Petra, de 17 anos, encontra-se em situação de acolhimento numa CA do distrito do Porto, visitando os irmãos, em média, uma vez por mês. As crianças manifestam uma grande satisfação com a presença desta irmã com quem mantêm uma relação de grande afeto e proximidade. Importa salientar que Petra assumiu o papel de cuidadora dos irmãos mais novos após a separação dos progenitores e até à data do seu acolhimento.

A progenitora, embora mantenha algum contacto com as crianças manifesta pouca assiduidade nas visitas, permanecendo longos períodos de tempo sem se dirigir e/ou contactar a CA. Da informação disponível no processo de promoção e proteção das crianças, foi possível verificar que a progenitora é considerada uma pessoa conflituosa - quer com os seus familiares, quer com o ex-companheiro - que manifesta resistência na articulação e comunicação com as colaboradoras da CA. Apresenta uma situação socioeconómica frágil encontrando-se, atualmente, a residir numa habitação sem condições mínimas de habitabilidade e numa situação de despejo. Relativamente à situação das crianças reconhece que, neste momento, não reúne as condições necessárias para assegurar os cuidados necessários ao seu desenvolvimento. A Equipa Técnica é da opinião de que o agregado familiar da progenitora não constitui alternativa ao acolhimento de Laura, João e Anabela.

Após os acontecimentos que despoletaram o acolhimento das crianças, foi percecionado pela Equipa Técnica que a dinâmica familiar do progenitor sofreu alterações significativas, podendo este vir a constituir uma alternativa ao acolhimento das crianças. No entanto, apesar de existir algum suporte familiar da parte da sua mãe e dois irmãos, este apresenta algumas limitações cognitivas, permanecendo, ainda, algumas dúvidas quanto à sua capacidade para assumir as tarefas inerentes à satisfação das necessidades das crianças.

As visitas do progenitor às crianças ocorrem com uma periodicidade bissemanal sendo este, por vezes, acompanhado pela sua mãe, Amélia, que mantém com os netos uma relação de grande proximidade. A dinâmica das visitas é pautada pela interação do progenitor e avó paterna com as crianças, recorrendo a alguns brinquedos disponíveis na sala. Todavia, o desconhecimento face às competências que se espera que as crianças adquiram na faixa etária em que se encontram, não permite a utilização desses recursos de forma a tornar mais rica e profícua a interação nem estimular o seu desenvolvimento.

José apresenta habilitações literárias reduzidas e sérias dificuldades ao nível da leitura e escrita, o que não lhe permite adotar uma postura mais ativa na interação com as crianças, mais concretamente, quando Anabela e João manifestam vontade em realizar os trabalhos de casa durante o período de visita. Apesar de demonstrar preocupação em atender às necessidades das três crianças, José centra a sua atenção na filha mais nova. Laura, de apenas 3 anos, apresenta uma grande carência afetiva, o que, muitas vezes, provoca momentos de instabilidade emocional, choro, irritabilidade e procura constante do adulto.

Anabela e João apresentam graves problemas ao nível da aprendizagem que se devem, em grande parte, à ausência de acompanhamento e estimulação por parte da família, quando ainda se encontravam em meio natural de vida. As crianças apresentam sérias dificuldades na leitura, na

escrita e na realização de operações matemáticas, tendo João sofrido uma retenção ao longo do seu percurso escolar. Por este motivo, estão referenciadas para usufruir de acompanhamento no âmbito do ensino especial a iniciar no próximo ano letivo.

Importa referir que, na sequência do diagnóstico de perturbação da hiperatividade e défice de atenção, Anabela foi medicada com ritalina, o que contribuiu para a melhoria significativa do seu comportamento, assim como concentração e autonomia na realização de tarefas.

No que respeita às condições sociohabitacionais, foi possível aferir que José reside na habitação da sua progenitora Amélia, juntamente com um irmão. Na sequência de uma visita domiciliária realizada pela Equipa Técnica da CA, foi possível verificar que se trata de uma habitação social de tipologia 2, constituída por cinco divisões: dois quartos, uma sala, uma cozinha e uma casa de banho.

A habitação situa-se num bairro social, apresenta dimensões reduzidas não existindo, no seu interior, um quarto individual destinado José que pernoita numa cama improvisada, no chão do quarto da sua mãe. Amélia demonstra preocupação com esta situação, referindo que o agregado se encontra a reunir esforços para que José se autonomize, adquirindo uma habitação própria com espaço suficiente para receber as crianças. Apesar desta limitação, a habitação encontra-se bem cuidada e arrumada estando os diversos espaços, adequadamente, equipados ao quotidiano de uma família.

O agregado subsiste da pensão de invalidez de José no valor de aproximadamente 250€, parte do ordenado auferido pelo irmão (cerca de 600€ - dos quais 100€ são para ajuda da renda) e da reforma de Amélia (290€) e tem como despesas fixas 109€ de renda e cerca de 90€ água, luz e gás.

José e Amélia manifestam o desejo de ter as crianças junto a si, mesmo tendo consciência de que, neste momento, não têm as condições sociohabitacionais adequadas para as receber.

IV - Projeto de Ação: uma intervenção educativa centrada na relação entre a família e a criança

Em contexto de acolhimento residencial, as visitas dos familiares são momentos de extrema importância para a estruturação da criança, constituindo, igualmente, uma fonte de informação para os Técnicos que procuram investir no seu projeto de vida. Por este motivo, devem ser criadas condições favoráveis para que estas constituam períodos de privacidade e afeto, bem como oportunidades de aprendizagem, responsabilização e capacitação parental. Efetivamente, consideramos que a convivência saudável entre a família e as crianças acolhidas através de uma intervenção orientada para a manutenção e o reforço dos laços familiares é fundamental, sobretudo, nos casos em que se prevê que as crianças regressem ao agregado familiar de origem. Assim, a medida de acolhimento residencial deve ser acompanhada, simultaneamente, por medidas e estratégias que objetivem a promoção de competências sociais, afetivas, educativas e psicológicas da criança e sua família.

Os atrasos evidenciados pelas crianças da CA nos vários domínios do seu desenvolvimento (dificuldades na socialização com adultos e pares; autonomia; noções espaço-temporais; comunicação oral, articulação e construção frásica; leitura e escrita) exigem que sejam criadas oportunidades de estimulação, treino e aquisição de competências. Somos da opinião que quanto mais diversificadas forem as oportunidades de contacto com experiências que estimulem o gosto e o prazer das crianças pela aprendizagem, maior será a capacidade de estas se envolverem, de forma significativa, nesse processo.

De acordo com Brazelton (2002), os progenitores assumem um papel fundamental na educação dos filhos e o envolvimento e dedicação parental nos processos de aprendizagem da criança, a par da compreensão das suas reais necessidades, são essenciais ao sucesso educativo.

Com base no acompanhamento efetuado durante o período de visita dos progenitores às crianças, foi possível constatar que, embora a dinâmica flexível da CA permita a intimidade e proximidade a que as crianças e famílias têm direito, a qualidade da interação - sobretudo em termos pedagógicos e educativos - fica aquém do esperado.

Encontramo-nos, sem dúvida, perante famílias que apresentam poucos recursos culturais, um código linguístico restrito, descrença generalizada e afastamento precoce do sistema de ensino e dos processos de aprendizagem. Se não lhes for dada a oportunidade de se familiarizarem com tarefas que lhes permitam atribuir significado à aprendizagem e desenvolver a perceção de que podem aprender e participar, ativamente, no processo educativo

dos filhos, provavelmente, não conseguirão motivar e desenvolver nestes uma atitude positiva perante a escola e o conhecimento.

Face ao exposto e dada a necessidade de sensibilizar as famílias para a importância do seu envolvimento no processo de aprendizagem das crianças, foi proposta a possibilidade de iniciar o acompanhamento personalizado a cada um dos agregados. O que se pretendeu, com as ações implementadas, foi implicar os familiares no processo de aprendizagem das crianças, fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas. No fundo, procurou-se transformar o período de visita num momento com qualidade, quer em termos educativos, quer no que respeita à manutenção e reforço dos laços. Assim, a realização do projeto de ação teve em conta os objetivos gerais e específicos enunciados na tabela que se segue:

1. Objetivos Gerais e Específicos

Tabela 3 – Objetivos gerais e específicos

OBJETIVOS GERAIS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
1. Implicar os familiares no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas;	1.1. Identificar os animais domésticos e o som que cada um emite. (a atingir pela criança)
	1.2. Identificar as cores primárias e secundárias. (a atingir pela criança)
2. Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares.	2.1. Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. (a atingir pela criança e família)
	2.2. Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. (a atingir pela família)

Fonte: Elaboração Própria

2. Delineação das estratégias de ação e dos critérios de avaliação considerados

Uma vez que o estágio se iniciou mais tarde do que o previsto e na altura do Natal nos encontrávamos na CA há pouco mais de um mês - ainda na fase de adaptação à dinâmica institucional e aproximação das famílias – promovemos uma atividade “quebra gelo”, desenvolvida durante a visita dos familiares às crianças, com o objetivo de proporcionar um momento conjunto agradável e, em simultâneo, perceber a receptividade existente a este tipo de dinâmicas. Na sequência da receptividade demonstrada pela maior parte dos familiares, prosseguimos com a elaboração de um plano de ação, onde constam atividades que vão ao encontro dos objetivos inicialmente definidos.

Importa salientar que, desde o início do estágio, foi nossa preocupação estabelecer uma relação empática com as famílias, de forma a que estas se sentissem confiantes e colaborantes e percebessem as nossas verdadeiras intenções. O saber ouvir, observar e partilhar foi muito importante para identificar necessidades, preocupações, aspirações e carências das famílias. Contudo, numa fase inicial de aproximação, sentimos, por parte destas, alguma desconfiança que se refletia na postura rígida e pouco flexível que assumiam durante o período de visita. Todavia, ao longo do tempo, a relação fortaleceu e a interação tornou-se mais natural e espontânea.

O início da elaboração deste projeto exigiu a disponibilidade e ajuda dos elementos da Equipa Técnica – sobretudo o Educador Social – para identificar as principais necessidades educativas de cada criança e definir as competências a desenvolver. Recorremos a atividades concretas (jogos e material pedagógico) para trabalhar, juntamente com a família, competências educativas.

Apesar das crianças em estudo se encontrarem em diferentes etapas de desenvolvimento, foi possível verificar que a identificação das cores primárias e secundárias e a distinção dos diferentes animais domésticos eram duas competências não adquiridas pela maioria. Neste sentido e após articular com a Equipa Técnica, ficou definido serem essas as duas temáticas a trabalhar durante o período de visita.

Após uma primeira abordagem aos familiares no sentido de os sensibilizar para a importância de se envolverem no processo educativo das crianças, valorizando o seu papel na estimulação para a aquisição de novas aprendizagens, foram-lhes apresentadas as competências que se espera que a criança adquirira na etapa de desenvolvimento em que se encontra. De seguida, foram sugeridas as atividades a realizar nos meses seguintes - janeiro de 2018 a março de 2018 - durante o período de visita. A par disto, foi-lhes transmitido que nos dias de visita,

seriam providenciados materiais lúdicos e educativos aos quais poderiam recorrer para trabalhar competências e estimular a aprendizagem das crianças.

Em cada uma das sessões procurou-se, através de atividades orientadas e estruturadas familiarizar as famílias com tarefas que lhes permitam descobrir o interesse e utilidade das aprendizagens e lhes desenvolvam a percepção de que podem aprender e ajudar os filhos nesse processo.

De referir que, inicialmente, estava prevista neste projeto a participação de cinco agregados familiares. No entanto, a falta de assiduidade de alguns elementos e questões inerentes ao processo de promoção e proteção²⁶ de uma das crianças reduziram o número de agregados a quatro.

No decorrer da nossa prática e considerando os objetivos, os meios e as estratégias definidas no planeamento deste projeto, foram organizadas três atividades tendo em consideração a especificidade de cada criança e respetivo agregado e adequando os meios às diferentes situações, inclusive, aos imprevistos que foram surgindo.

De modo a facilitar a leitura e análise da informação e compreender a forma como decorreu a implementação e o desenvolvimento de cada uma das atividades, procederemos à sua descrição, seguida da respetiva avaliação. Efetivamente, a avaliação constitui uma peça fundamental no processo de planeamento e, de acordo com Guerra (2002), deve estruturar-se em função do plano de ação, permitindo que se conheça, de forma rigorosa, os efeitos da intervenção e se reflita sobre a melhor forma de atuar. Todavia, o processo de avaliação depende da capacidade de encontrar indicadores que permitam mensurar e averiguar em que medida as ações implementadas produziram as mudanças desejadas e quais os resultados não esperados. Estes critérios podem ser de natureza qualitativa ou quantitativa e devem ser definidos de acordo com os objetivos da intervenção.

Tendo em atenção os objetivos enunciados, foram definidos os seguintes critérios de avaliação:

²⁶ Foi decretada a adoção da criança, tendo cessado as visitas da progenitora.

Tabela 4 - Critérios de avaliação

1. A criança identifica as cores primárias e secundárias
2. A criança identifica os animais domésticos e o som que emitem
3. Os familiares tomam iniciativa em promover nas crianças a aprendizagem das cores e animais domésticos.
4. Os familiares manifestam satisfação com as aprendizagens adquiridas pelas crianças
5. Os familiares demonstram dedicação e empenho na realização das atividades com as crianças
6. Os familiares manifestam afeto pelas crianças (abraços, beijos, carícias, colo, elogios)
7. As crianças manifestam afeto pelos familiares (abraços, beijos, carícias, elogios)

Fonte: Elaboração Própria

3. Conceção e execução das atividades: que avaliação?

Atividade 1: Árvore de Natal da Família²⁷: Construção de símbolos alusivos à época Natalícia

A “Árvore de Natal da Família” consistiu numa atividade “quebra gelo” desenvolvida durante o período de visita dos familiares às crianças, com o objetivo de proporcionar um momento conjunto agradável, de interação com a família e, em simultâneo, perceber a receptividade existente por parte dos familiares a este tipo de dinâmicas.

A atividade teve a duração de duas semanas e decorreu nos seguintes moldes:

Numa primeira fase, propusemos a ideia a cada uma das famílias com abertura suficiente para recusarem, caso não se sentissem à vontade. Explicámos que a atividade ocuparia apenas parte do período da visita - de forma a não comprometer a privacidade e intimidade a que as crianças e família têm direito - e consistiria na elaboração de alguns símbolos, alusivos ao natal, para colocar e enfeitar a Árvore de Natal da Família. Foi-lhes dada a possibilidade de apresentar novas ideias e sugerir materiais decorativos diferentes. Após esta primeira abordagem e mediante a receptividade manifestada, foram providenciados os recursos materiais necessários à realização da atividade. A sua elaboração exigiu a utilização de diversos materiais decorativos,

²⁷ Anexo VII - Atividade 1: Árvore de Natal da Família

nomeadamente, moldes de símbolos natalícios (bolas decoradas, anjos, árvores e botas de natal, estrelas cadentes); papel e cartolina colorida; cola; cola glitter, purpurinas, sprays, fita de florista, símbolos diversos, fios multicolores; cartão e tesoura.

Importa referir que esta atividade contou apenas com a participação de três dos quatro agregados que constituem o universo de análise e intervenção deste projeto, pelo facto da progenitora de Tiago não ter comparecido às visitas agendadas. Assim, a avaliação desta atividade será efetuada apenas em relação às famílias de Lara, de Noa e de João, Anabela e Laura.

Lara (3 anos)

Os familiares reagiram com entusiasmo à proposta de atividade apresentada, tendo a progenitora de Lara referido que atividades diversificadas são importantes para o desenvolvimento da criança.

No momento em que colocámos sobre a mesa o material decorativo para a elaboração dos símbolos de natal, os elementos da família olharam com curiosidade e receio em simultâneo, já que se tratava de uma situação nova, com a qual não estavam familiarizados. Ao constatarmos o desconforto inicial manifestado pela família, tentámos tranquilizá-la, referindo que o objetivo da atividade era apenas ajudar a Lara na decoração dos símbolos de natal e, por isso, deveriam fazê-lo de acordo com o seu próprio gosto pois estaria sempre bem.

A atividade fez a progenitora Sónia recordar a sua infância, sobretudo, os momentos que realizava trabalhos manuais com a sua irmã mais nova, Carlota, na CA onde se mantiveram acolhidas durante alguns anos. Sónia mostrou muita satisfação durante a elaboração dos símbolos de natal, solicitando a possibilidade de decorar mais alguns, pois *“não faço isto há tanto tempo que parece que já nem me lembro como se faz” (sic)*.

Ainda que um dos objetivos desta dinâmica fosse criar um momento conjunto agradável, onde família e criança pudessem interagir e partilhar uma experiência diferente, pudemos constatar que, privada de experiências e atividades desta natureza, a progenitora envolveu-se de tal forma na elaboração dos símbolos que descurou, um pouco, a atenção na filha. Por sua vez, a criança, que se encontrava ao colo da tia Carlota, auxiliando-a na colagem das estrelas, manifestou uma grande curiosidade ao ver todo o material, que manuseava de forma entusiasmante e pouco coordenada.

Durante a sessão surgiram conversas informais relacionadas com medos e preocupações sentidas pela família relativamente ao futuro de Lara e a partilha de recordações sobre

momentos passados com a criança no meio familiar de origem, nomeadamente, o dia do seu batizado, que a progenitora lembra com saudade, referindo que a criança *“estava tão linda!”(sic)*.

Da observação realizada foi possível constatar a forte ligação afetiva que existe entre a criança, a mãe e a tia materna, a quem Lara abraça com frequência. A presença destes elementos confere à criança alguma estabilidade, sendo frequentes os momentos em que sorri muito, principalmente, quando a tia lhe faz cócegas e outras brincadeiras, como caretas e penteados diferentes. Todavia, existiram ocasiões em que Lara se refugia no colo da tia ou da progenitora e chora, sem motivo aparente. Num destes momentos, a tia Carlota mima a sobrinha, abraçando-a e acariciando-lhe o cabelo. Posteriormente, dirige-nos o olhar, referindo que a criança *“não gosta de estar aqui” (sic)*.

Tentámos explicar-lhe a dificuldade que é, para uma criança da faixa etária de Lara compreender a situação do acolhimento. Lara encontra-se num período de desenvolvimento que não lhe permite ainda entender e interiorizar, de forma tranquila, as mudanças repentinas de ambiente e de cuidadores. Contudo, procurámos tranquilizá-las, verbalizando que nos momentos em que está com as outras crianças, brinca muito e se encontra, aparentemente, bem.

Noa (4 anos)

Numa primeira abordagem, a progenitora da criança manifestou recetividade à participação na atividade proposta, referindo apenas que necessitaria de ajuda pois *“eu não sei fazer essas coisas” (sic)*. Todavia, na visita em que se previa dar início à atividade, esta demonstrou pouca recetividade, referindo estar cansada por ter tido uma consulta no hospital. Perante esta situação permitimos que interagisse, livremente, com Noa, sugerindo que a atividade fosse realizada numa próxima visita.

Numa visita seguinte, na ausência da progenitora, mas com a presença da irmã Ana, a atividade foi novamente proposta. Noa manifestou entusiasmo com a possibilidade de elaborar o símbolo de Natal, ainda que a irmã tenha demonstrado algum receio *“só quem está habituada a fazer isto é que consegue fazer bem e eu não estou habituada” (sic)*.

Ana age como se estivesse a ser, constantemente, avaliada e as suas palavras foram, por nós, interpretadas como uma necessidade de se precaver de um possível erro, por medo de falhar. Foi-lhe explicado que o objetivo da atividade consistia em ter uma experiência diferente com a irmã, ajudando-a na elaboração dos símbolos para pendurar na árvore de natal da família.

A atividade foi elaborada com sucesso. Noa manifestou vontade de continuar a elaboração dos símbolos, mesmo após a saída da irmã Ana, que ficou satisfeita com o resultado da decoração.

João, Anabela e Laura (9,7, e 3 anos)

A avó Amélia reagiu bem à ideia proposta referindo que elabora, com frequência, alguns trabalhos manuais, no entanto, nunca os realizou com os netos. Acrescentou que esta atividade será uma forma *“deles se entreterem com uma coisa diferente”*(sic). O progenitor, José concordou com a sua mãe, mostrando-se disponível para permanecer mais tempo na CA, a fim de se dedicar à atividade.

Na primeira sessão, Laura foi a primeira a chegar à visita do progenitor, manifestando muita curiosidade e entusiasmo ao ver os diferentes materiais. O progenitor propôs que fosse a criança a escolher um símbolo de Natal, para poderem decorar, em conjunto.

José demonstra alguma dificuldade na imposição de regras e limites, nomeadamente, quando a criança evidencia comportamento de desafio e oposição ou mexe nos materiais de forma descontrolada (deixa cair o material, aperta a cola com força, suja a mesa). Ainda que interceda no sentido de evitar que o comportamento se prolongue, o progenitor cede, frequentemente, às birras de Laura (apanha ou arruma os brinquedos ou o material, porque esta se recusa a fazê-lo; dá-lhe doces, mediante insistência da criança).

Com a chegada dos irmãos João e Anabela, o comportamento de Laura tornou-se, ainda, mais instável. Parece-nos que esta situação se deve ao facto da atenção do progenitor se ter dividido pelas três crianças e os ciúmes se fazerem sentir.

A instabilidade manifestada pela filha mais nova, não permitiu que o progenitor assumisse um papel tão ativo na elaboração da atividade com Anabela, todavia este foi dando algumas sugestões.

O irmão João manifestou vontade em realizar os trabalhos de casa durante o período de visita, mesmo tendo sido incentivado pelo progenitor a participar, com os irmãos, na atividade. Parece-nos que a postura adotada por José relativamente à pretensão manifestada pelo filho deve-se, não à falta de motivação para o ajudar, mas sim à incapacidade que sente em prestar este apoio, motivada pela baixa escolaridade apresentada e as dificuldades na leitura e compreensão dos exercícios.

Atividade 2: Animais da Quinta²⁸

A segunda atividade designada “Animais da Quinta” desenvolveu-se em três sessões – de 15 de janeiro a 15 de fevereiro - e teve como principal objetivo trabalhar a identificação e distinção dos animais domésticos bem como os sons que emitem.

A atividade iniciou-se com a exploração de uma história-jogo²⁹ sobre os diferentes animais, a partir da qual foi possível identificar e distinguir a figura e o som de cada um deles. Posteriormente, foram apresentadas figuras de animais domésticos reais - colocadas em cartões³⁰ com tamanhos idênticos - e associado o respetivo som. No final desta sessão, os cartões foram expostos, em painel, no interior da sala de visitas ficando visíveis para todos os pais, crianças e colaboradores da CA.

Na segunda sessão, foram providenciadas fotocópias³¹ com a representação dos diferentes animais (em desenho a tracejado) e solicitado o seu contorno e preenchimento. Após concluído, as imagens foram recortadas e colocadas por debaixo da imagem correspondente no painel elaborado na primeira sessão.

A terceira sessão teve como principal objetivo estimular a criatividade e imaginação através da proposta da criação de um novo animal - o animal da família! Crianças e familiares recorreram aos recortes das diferentes partes do corpo dos vários animais e construíram um só. Este novo animal foi, posteriormente, colado numa folha tamanho A5 e colocado no painel. No final da atividade, foi-lhe atribuído um nome. Estando exposto na sala de visitas, este painel funcionou como instrumento educativo ao qual a família pôde recorrer durante as visitas para ajudar a criança a identificar e distinguir os diferentes animais, bem como o som que eles emitem.

Uma vez que a sala onde decorrem as visitas carece de elementos decorativos, e embora seja o espaço da família, não existe, no seu interior, elementos com os quais se identifiquem, as atividades tiveram, igualmente, o objetivo de (re)decorar o espaço.

Importa referir que, durante esta atividade, os agregados puderam recorrer a outros materiais lúdicos e didático-pedagógicos (jogos, fichas com exercícios de lógica e observação)³² para estimular as crianças e promover a aquisição e consolidação de competências.

²⁸ Anexo VIII – Atividade2: Animais da Quinta

²⁹ Anexo IX – História Jogo “Já sei Contar!”.

³⁰ Anexo X – Cartões dos Animais

³¹ Anexo XI – Imagens para Colorir

³² Anexo XII - Material lúdico e didático pedagógico

Lara (3 anos)

A atividade “Animais da Quinta” decorreu ao longo de três sessões.

Deu-se início à primeira sessão conversando com a progenitora de Lara sobre a importância de auxiliar a criança na identificação e distinção dos animais da quinta. Assim, encontrava-se sobre a mesa da sala de visitas, uma história - jogo sobre os diferentes animais, outros recursos didáticos (cartões, livros e jogos relacionados com a temática dos animais) e alguns desenhos para colorir.

Inicialmente, a criança não manifestou grande entusiasmo perante o material disponível, uma vez que estava centrada no saco de doces que a tia Carlota lhe trouxera. Face a esta situação e por termos constatado ser algo recorrente durante as visitas, sensibilizámos a família para o cuidado a ter com as guloseimas (sumos, bolicaos, iogurtes de chocolate, gomas), não só pelo facto do excesso ser prejudicial à saúde da criança, mas também por interferir com o apetite na hora das refeições principais.

Sónia e a tia Carlota demonstraram curiosidade em explorar os materiais. Todavia, e embora Lara tenha sido incentivada, pela família, a colorir as figuras dos diferentes animais, manteve a sua atenção centrada nos vídeos do telemóvel da mãe.

Importa salientar que a criança se encontrava aborrecida por não ter dormido o suficiente durante a sesta, razão essa que, quanto a nós, poderá estar na origem de algumas birras que surgiram ao longo da visita. Nesta ocasião, foi possível constatar que a tia Carlota se afigura um elemento estabilizador do comportamento da criança, tranquilizando-a com facilidade nos momentos de maior agitação. Efetivamente, Lara mostra-se feliz e satisfeita com a presença desta tia, que se envolve em brincadeiras e atividades diversas durante a visita.

Tanto a progenitora como o avô paterno adotaram uma postura passiva ao longo desta sessão: Sónia por dedicar a sua atenção à filha Inês e o avô pela idade e pelo cansaço que, habitualmente, apresenta.

Apesar da atividade não ter sido totalmente realizada nesta primeira sessão, a segunda decorreu de forma bastante satisfatória, uma vez que o grau de envolvimento da criança e progenitora foi bastante elevado. Nesta sessão, Sónia trouxe para a visita um jogo com o objetivo de ajudar a criança a aprender as letras do abecedário. Ainda que tenhamos valorizado esta iniciativa, esclarecemos a progenitora, que a aprendizagem das letras é uma competência que Lara, com apenas 3 anos, não tem ainda a capacidade de adquirir. Esta situação mostra o desconhecimento de Sónia relativamente às competências consideradas adequadas à faixa etária

da criança, mais ainda, a consciência de que esta apresenta um atraso de desenvolvimento significativo.

Durante esta sessão, foi elaborado o animal da família. A criança manifestou vontade de elaborar três animais distintos, verbalizando que um era seu, outro de Sónia e o outro da tia Carlota (que não estava presente na visita). Assim, com o auxílio da progenitora e dando asas à imaginação, colou o focinho de uma vaca ao corpo de um coelho a quem denominou de Kira. Sónia demonstrou uma enorme satisfação pela escolha da criança, referindo que “Kira” era o nome da cadela de um dos familiares e se sentia feliz por Lara se recordar dela.

À medida que a atividade foi sendo realizada, a progenitora repetiu o nome dos diferentes animais. Posteriormente, incentivou-a a colorir, com lápis de cor, os três animais elaborados, para colocar no painel educativo presente na sala de visitas.

A envolvimento da progenitora no processo de aprendizagem da criança foi, igualmente, visível no momento em que, espontaneamente, tomou iniciativa de questionar a criança acerca do nome e do som emitido pelos animais, incentivando-a a repetir. Sónia recorreu, ainda, a outros materiais disponíveis para estimular a aprendizagem das cores, associando cada uma delas a objetos com os quais Lara brincava.

A criança participou, com entusiasmo, na atividade realizada com a progenitora, repetindo e identificando, quase na totalidade, os diferentes animais. Este comportamento verificou-se na terceira sessão, no momento em que Lara tomou iniciativa de mostrar à progenitora e tia Carlota os animais presentes no painel, identificando alguns deles.

Sónia demonstrou satisfação pelo facto da criança ter enunciado, corretamente, algumas das cores e animais domésticos, referindo que “*eu tenho puxado por ela*” (*sic*). Transmitimos-lhe a importância de continuar a estimular e incentivar a criança a aprender, para que adquira as competências com maior rapidez.

No âmbito da observação realizada e tendo como objetivo a apreciação da interação, foi possível constatar que, quando se encontra sozinha com a criança, Sónia apresenta-se mais responsiva e dedicada nos cuidados que lhe presta: supervisiona-a na exploração do meio e auxilia-a sempre que necessário. A interação entre ambas é bastante positiva e caracterizada pela presença de afetividade e envolvimento mútuo, ainda que na presença de outros familiares, Sónia assumia uma postura menos ativa no contacto com a criança.

A criança apresenta tristeza e choro no momento em que se despede da mãe e tia Carlota, comportamento que se mantém desde o início do acolhimento. Aquando desta situação, procurámos que Lara se distraísse com outra tarefa de forma a minimizar a dificuldade sentida no momento de separação.

Noa (4 anos)

A progenitora e irmã Ana mostraram receptividade perante a atividade proposta. Assim, demos início à primeira sessão com a exploração de um puzzle sobre os diferentes animais domésticos, que Noa identificou com alguma facilidade.

Ana refere que, por vezes, estimula e incentiva a irmã a redigir as letras do abecedário e alguns números, todavia, sendo Elisabete quem visita a criança com maior regularidade, encontra-se numa posição mais privilegiada para a ajudar. Porém, Ana verbaliza que a progenitora necessita de algum apoio uma vez que *“já tem 40 e tal anos e não tem a mesma vivacidade que eu (sic)”*. Esta irmã permaneceu na visita por um curto período de tempo, que não lhe permitiu ajudar Noa na realização da atividade.

No sentido de envolver a criança na atividade proposta, foram disponibilizadas algumas imagens com os diferentes animais e solicitado o seu preenchimento com o auxílio da progenitora. Embora Elisabete tenha manifestado disponibilidade para participar na atividade, referindo *“eu já ensinei, sozinha, os outros a aprender, também vou ensinar esta” (sic)* foi possível constatar que, ao longo da sessão, manteve uma postura passiva, permanecendo, em silêncio a observar a criança. Face à ausência de dedicação e empenho apresentada, considerámos importante intervir no sentido de promover uma maior interação entre ambas, advertindo Elisabete para a importância de auxiliar Noa e propondo à criança que questionasse a mãe sobre as cores a utilizar nos diferentes desenhos. Apesar desta tentativa, a progenitora manteve a sua postura, centrando o discurso em questões relacionadas com a necessidade de iniciar atividade profissional e com o processo de promoção e proteção da filha, o que comprometeu e limitou o tempo de interação entre ambas.

Mais uma vez advertida sobre a importância de se envolver nas atividades que a criança demonstra satisfação em realizar, Elisabete manteve uma postura passiva ao longo das sessões seguintes. Por este motivo, Noa elaborou o animal da família, sem a ajuda da progenitora.

Elisabete apresenta apatia na interação com a criança, demonstrando pouca motivação e envolvimento nas atividades desenvolvidas. Na terceira sessão pretendia-se que a criança pudesse realizar três fichas de exercício relacionadas com a temática dos animais da quinta. Ainda que a progenitora tenha mostrado, inicialmente, interesse pela atividade, mais uma vez não tomou iniciativa em estimular e ajudar a Noa na sua realização, mantendo-se alheia ao que esta fazia e permanecendo imóvel a olhar para o vazio. Face a esta situação, auxiliámos a criança a concluir os exercícios.

Por vezes, na presença da irmã Ana, Noa rejeita o contacto físico da progenitora, o que foi possível verificar nesta terceira sessão, no momento em que a criança afastou Elisabete, pedindo-lhe que fosse embora: *"a mana fica, a mãe vai embora"* (sic). Efetivamente, as visitas da progenitora à criança pautam-se por uma reduzida interação. Parece-nos que a falta de proatividade por parte desta, assim como o pouco investimento afetivo no momento da visita, provoca na criança instabilidade e insegurança, o que constitui um entrave ao estabelecimento de vínculos afetivos seguros. Ainda que não visite a criança com a mesma frequência de Elisabete, Ana revela maior capacidade em estimular Noa e se envolver em brincadeiras e atividades adaptadas à sua faixa etária, recorrendo, para isso, a jogos mais lúdicos e/ou à realização de desenhos e outros exercícios.

Importa salientar que apesar de manifestar satisfação e prazer com a visita, a criança não apresenta protesto de separação relativamente aos familiares, despedindo-se destes de forma serena e tranquila.

Tiago (4 anos)

A atividade decorreu ao longo de três sessões, e iniciou após a disponibilidade demonstrada pela progenitora (Mónica) em ajudar o filho

Tiago demonstrou entusiasmo e interesse pela história - jogo sobre os animais da quinta, solicitando a nossa ajuda na exploração da mesma. Sendo o objetivo desta atividade aproximar a progenitora da criança através do seu envolvimento no seu processo de aprendizagem, intervimos no sentido de a responsabilizar pela orientação do exercício, sem, contudo, nos ausentarmos por completo.

Ainda que, inicialmente, Mónica tenha adotado uma postura que, aparentemente, evidenciava algum interesse e motivação em auxiliar a criança – questionando-a sobre os diferentes animais do livro - rapidamente verificámos que a sua atenção dispersou, focando-se no telemóvel. Face à postura apresentada pela progenitora, e a dificuldade que a criança apresentou em manter-se junto desta (procurou chamar a nossa atenção, abandonando a sala de visitas) Mónica tentou, novamente, ajudar o filho a desenvolver a atividade, questionando-o sobre os hábitos alimentares de cada um dos animais e promovendo a sua contagem. No entanto, revela alguma pressa e falta de paciência ao não dar tempo suficiente para a criança responder às questões colocadas, dando, ela própria, as respostas.

Durante a realização da atividade, a criança abandona, frequentemente, a sala de visitas evocando argumentos diversos (solicitando água, jogos, referindo ter dores de barriga e/ou

pedindo para o acompanhar ao wc) recusando-se, de seguida, em voltar para junto da progenitora. Nestes momentos, recorre às cuidadoras da CA e a familiares de outras crianças para obter afeto e atenção. De facto, ainda que Tiago denomine Mónica enquanto sua mãe, parece-nos claro que esta não constitui uma figura de referência, sendo que durante a atividade (no momento de colorir os desenhos, realizar as fichas de exercício ou construir o novo animal) recorre, com mais frequência, à nossa ajuda do que à ajuda da progenitora.

Ao longo das três sessões, foi possível constatar as dificuldades manifestadas por Mónica na imposição de limites e a desvalorização face a comportamentos desadequados adotados pela criança. Este facto foi visível em várias ocasiões, mais concretamente, quando Tiago parte, de forma propositada, vários lápis de cor e a progenitora se ri ou, ainda, quando provoca conflitos com outras crianças, como sucedeu numa das sessões em que se dirigiu à visita dos familiares de Lara e lhe tirou o brinquedo.

Apesar de manifestar algum carinho e afeto pelo filho, a postura adotada pela progenitora ao longo das visitas evidencia falta dedicação, empenho e motivação nas atividades promotoras do desenvolvimento da criança, não elogiando o filho quando este realiza uma atividade com sucesso e não incentivando em pintar os desenhos dentro dos contornos.

Da observação realizada, durante as várias sessões, foi possível constatar o distanciamento afetivo existente por parte de Tiago para com Mónica, motivo que o leva a preferir estar próximo das cuidadoras da CA do que na presença da progenitora - exceto quando esta traz guloseimas para a visita - o que nos parece ser uma estratégia que adota para captar a atenção do filho.

Tiago necessita de estabelecer uma relação de vinculação segura ao adulto, visto que, o seu comportamento parece-nos ser um indicador claro da ausência desta relação com a progenitora. Efetivamente, são frequentes as visitas em que a criança abandona a sala sem se despedir da mãe que, por sua vez, permanece com este por curtos períodos tempo, justificando-se com a necessidade de tratar de questões relacionadas com a habitação, saúde e ação social. Pelo exposto, a realização desta atividade exigiu a nossa intervenção quase permanente, uma vez que a progenitora não revelou capacidade de assumir as funções inerentes à satisfação das necessidades educativas, afetivas e instrumentais da criança.

João, Anabela e Laura (9,7 e 3 anos)

Antes de iniciar a avaliação da atividade, convém referir que, o facto de Anabela e João terminarem as atividades letivas após 90 minutos da hora da visita do progenitor, não permitiu

que se envolvessem na atividade da forma que seria desejável. Assim, foi Laura, a filha mais nova, quem beneficiou, maioritariamente, do acompanhamento de José, durante a realização da atividade.

O progenitor demonstrou interesse e entusiasmo pela realização da atividade, mostrando-se totalmente disponível para auxiliar as crianças. Esta disponibilidade refletiu-se na postura que adotou à medida que explorava com a Laura a história - jogo sobre os diferentes animais da quinta. Foi possível constatar que o progenitor questionava a criança sobre os diferentes animais, auxiliando-a na identificação dos números e na contagem das figuras contidas na história. Recorreu, também, aos cartões que lhe disponibilizámos com a imagem dos vários animais, associando cada um deles aos que existiam na sua habitação na altura em que Laura ainda se encontrava no meio familiar de origem. Apesar de desconhecer a maior parte dos animais domésticos (a criança confunde a tartaruga com o coelho e a ovelha com a vaca) Laura manteve-se atenta e colaborante na realização da atividade.

O progenitor adota uma postura ativa e empenhada, demonstrando preocupação em auxiliar a criança a colorir as figuras dos diferentes animais, dentro dos contornos. José revela-se responsivo em atender às necessidades afetivas e instrumentais das crianças, intervindo sempre que estas necessitam de ir à casa de banho ou qualquer outro tipo de cuidado (ex. limpeza do nariz). No entanto, revela pouca autonomia na realização de determinadas tarefas, como no apoio à realização dos trabalhos de casa, quando Anabela ou João manifestam vontade de os efetuar durante o período de visita.

João tem consciência da limitação do progenitor no que respeita à dimensão escolar. Este facto foi visível durante esta visita, no momento em que a criança solicitou a nossa ajuda na realização de um exercício de português, referindo que: *“o pai não sabe como se escreve as palavras, não pode ajudar (sic)”*. Perante esta situação, propusemos auxiliar a criança na elaboração dos TPC, tentando, em simultâneo, promover a participação do progenitor neste processo. Assim e a após uma breve explicação dos exercícios, José conseguiu auxiliar João, mostrando satisfação pelo apoio prestado.

Na segunda sessão, apesar de manter uma postura tranquila na interação com a filha mais nova (Laura), surgiram alguns momentos de choro e birra motivados pelo facto do progenitor não satisfazer as suas exigências (Laura insistia em pintar os desenhos, não com lápis de cor, mas com tintas de aquarela). José acalma e tranquiliza a criança recorrendo à afetividade (beijos e abraços) e desviando a atenção desta para a exploração do jogo “dominó dos animais”. A criança permaneceu calma até à chegada dos irmãos, mostrando vontade e entusiasmo em observar e identificar os diferentes animais, com a ajuda do pai.

A dedicação e motivação demonstrada, habitualmente, pelo progenitor refletiu-se na iniciativa espontânea de auxiliar Laura na aprendizagem das formas geométricas – desenhando círculos diversos numa folha de papel. Este comportamento permitiu-nos constatar que José prestou atenção quando lhe foram apresentadas as competências normativas que se espera que a criança adquira na faixa etária em que se encontra. Todavia, durante a interação, sentimos necessidade de corrigir a designação que José dá aos círculos, substituindo o termo *bolinhas* pelo termo *círculo*.

Na terceira sessão, Laura dirigiu-se a nós, solicitando, espontaneamente, para “*fazer alguma coisa*”(sic). Para além dos jogos referidos, disponibilizámos três fichas de exercício relacionadas com os animais. Tendo em conta a dificuldade que José apresenta na leitura, explicámos o objetivo do exercício e permanecemos, na visita, durante algum tempo.

Ainda que João tenha manifestado vontade em realizar os trabalhos de casa no período de visita, Laura, Anabela e José elaboraram o animal da família, o que contribuiu para que a atividade fosse realizada com sucesso.

De salientar que, embora a avó paterna seja um elemento familiar por quem as crianças demonstram muito carinho, não esteve presente na maior parte das sessões o que impossibilitou a avaliação da sua postura, envolvimento e participação na atividade.

Atividade 3: Arco-íris Originais³³

A terceira atividade designada de “Arco-íris Originais” desenvolveu-se em, aproximadamente, quatro sessões – de 26 de fevereiro a 20 de março - e teve como principal objetivo trabalhar a identificação e distinção das cores primárias e secundárias.

A atividade iniciou com a exploração de três painéis³⁴ com as cores primárias (vermelho, azul e amarelo) seguido do preenchimento de algumas imagens às quais os progenitores puderam recorrer para ajudar a criança a identificar as diferentes cores.

A seleção das imagens foi efetuada de acordo com objetos e alimentos presentes no quotidiano das crianças, de forma a que estas pudessem associar cada imagem à respetiva cor (sol – cor amarela; morango – cor vermelha, céu – cor azul). No desenvolvimento desta tarefa foram utilizados três copos, cada um, com uma quantidade significativa de lápis de cor (amarela, azul e vermelha) aos quais as crianças e famílias puderam recorrer.

³³ Anexo XIII – Registo Fotográfico Atividade 3: Arco-íris Originais

³⁴ Anexo XIV – Painéis e imagens

Na segunda sessão foram, novamente, explorados os painéis iniciais e proposto, a cada agregado, a pintura da massa alimentar com recurso a pincel e tinta guache (amarela, azul e vermelha)³⁵. Uma vez que a massa colorida necessita de um tempo de secagem e de forma a dar continuidade ao desenvolvimento da atividade, foram disponibilizados alguns jogos³⁶ relacionados com as cores primárias.

As crianças que já identificam com facilidade as cores primárias, tiveram a possibilidade de explorar, misturar e conhecer as cores que resultam da fusão entre estas – cores secundárias (magenta, laranja e verde) – com as quais coloriram, também, a massa alimentar.

Na terceira sessão, deu-se início à construção das tiras decorativas³⁷ de massa colorida recorrendo ao fio de pesca e a técnica de enfiamento – procedimento que promove o treino e desenvolvimento da motricidade fina das crianças. Cada tira foi colocada, de forma suspensa, no interior da sala de visitas, ficando visível para todas as crianças, familiares e colaboradores da CA.

Durante a sessão foi, ainda, apresentado o painel com a imagem do arco-íris, a partir do qual crianças e família puderam identificar as cores primárias e secundárias, bem como a ausência (cor branca) e junção de todas as cores (cor preta). De seguida, foram disponibilizadas fotocópias com a figura do arco-íris a colorir pelas crianças e família, com liberdade suficiente para inovar e criarem o “arco-íris original”³⁸. Ao longo das sessões, foram disponibilizadas algumas figuras (animais, objetos e alimentos) associadas às diferentes cores, que as crianças coloriram e colocaram no painel exposto na sala de visitas.

Importa referir que, à semelhança das anteriores, esta atividade se desenvolveu de forma diferenciada respeitando a especificidade e o ritmo de cada agregado familiar. No final das três atividades, todo o trabalho realizado pelas famílias e crianças durante o período de visita, foi organizado em caixas³⁹ e entregue aos respetivos progenitores.

Lara (3 anos)

A primeira sessão contou com a presença da progenitora, a criança e a tia Carlota e teve como objetivo a exploração das cores primárias (representadas em três painéis). Ambas colaboraram na realização da atividade, recorrendo a símbolos diversos (frutos e animais) e aos

³⁵ Anexo XV– Massa alimentar e Tintas Guache

³⁶ Anexo XVI – Jogo “Pio Pio Memo”

³⁷ Anexo XVII - Tiras de Massa Decorativa

³⁸ Anexo XVIII – Arco-íris originais

³⁹ Anexo XIX – Caixas da Família

lápiz de cor (azuis, vermelhos e amarelos) com o intuito de auxiliar Lara a identificar as diferentes cores.

Apesar da criança apresentar dificuldade em identificar as cores primárias (confunde o vermelho com o azul e o amarelo com o vermelho), após a pintura dos símbolos, associou-os, corretamente, às cores dos diferentes painéis.

A tia Carlota envolveu-se na atividade de forma ativa, auxiliando a sobrinha a colorir os símbolos e questionando-a sobre as cores, enquanto esta se mantinha ao seu colo.

Durante a sessão, salientámos a importância da criança identificar, corretamente, as cores primárias, assim como desenvolver a motricidade fina, segurando o pincel e utilizando a técnica do enfiamento. Sónia demonstra preocupação em ajudar Lara a adquirir tais competências, referindo que no infantário que a criança frequentou, antes de integrar a CA, não foi estimulada e, por isso, apresenta algumas lacunas, essencialmente, ao nível da linguagem: *“não puxavam por ela, e à noite eu não tinha muito tempo. Quando veio para aqui quase nem falava”*(sic).

Na segunda sessão, para além da tia Carlota, da progenitora e da bebé Inês, Lara recebeu a visita de Pedro, o seu tio materno. A criança manifesta satisfação com a presença deste elemento, embora Pedro raramente a visite.

No início da visita, Sónia mostrou-se preocupada com o facto de ter que se deslocar a uma localidade do Porto, que desconhecia. Na tentativa de a tranquilizar, demos-lhe orientações sobre a forma mais fácil de lá chegar.

A família manifestou vontade em colorir, com tinta guache, a massa alimentar, sentando-se no chão com a criança que também se mostrou entusiasmada com a atividade. Para além do afeto demonstrado, através das manifestações de carinho (beijos e carícias), Pedro auxilia a sobrinha a controlar os movimentos, essencialmente, quando esta apresenta alguma dificuldade em colorir e segurar a massa alimentar, em simultâneo.

A preocupação da progenitora com questões de natureza familiar e socioprofissional, reflete-se na postura desconcentrada que, por vezes, adota ao longo das visitas. Assim, ainda que no início da terceira sessão tenha incentivado a criança a identificar as diferentes cores do arco-íris exposto em painel, a progenitora dispersou a atenção, centrando o seu discurso em conflitos existentes entre si e a irmã Carlota, pelo facto desta se encontrar a viver na rua com um indivíduo maltratante: *“juntou-se com um rapaz que eu não gosto, não trabalha, já lhe bateu”*(sic) *“ela vai comer às carrinhas”*(sic). Sónia demonstra tristeza com esta situação e alguma preocupação com o facto de Carlota adotar comportamentos desajustados que poderão prejudicar o projeto de vida de Lara: *“às vezes ela é mal educada para as doutoras daqui”*(sic).

Sónia manifesta satisfação com as aprendizagens evidenciadas pela criança, referindo que Lara já identifica a cor amarela e azul, corretamente. Na quarta sessão, a criança demonstra vontade em colorir o desenho do arco-íris com papel crepe - amarelo, azul e verde – contando com a ajuda da progenitora, que revela dedicação e empenho na concretização da atividade. Durante esta sessão, Sónia recorre aos legos coloridos para ajudar a criança a construir um castelo e, em simultâneo, identificar as cores.

Apesar de celebrar o seu 26º aniversário, a progenitora mostra alguma tristeza, verbalizando *“hoje é um dia igual aos outros”(sic)*, dado que duas das pessoas mais significativas (o marido e Lara) estão longe: *“Se ela estivesse em casa era diferente (sic)*. Sónia não conteve as lágrimas, verbalizando estar muito cansada de se deslocar até à CA, dado que reside a uma distância considerável e, por vezes, é muito difícil transportar a bebé Inês, principalmente nos dias de chuva. Todavia, sente necessidade de visitar Lara com a frequência atual (periodicidade bissemanal). Apercebendo-se desta situação, Lara reage com tristeza e preocupação, acariciando a progenitora e pedindo-lhe que não chore. De seguida, deu-lhe um abraço e afastou-se, chorando também. Mais uma vez, foi possível observar o carinho e proximidade afetiva que existe entre Lara e a progenitora.

Importa referir que tentámos reconfortar Sónia, dando-lhe feedback positivo acerca do esforço que o agregado tem realizado no sentido de criar condições para receber a criança.

Ao longo das várias sessões foi possível constatar a relação de proximidade e confiança que entre nós e esta família se construiu. Para além de partilhar, abertamente, problemas e preocupações pessoais, Sónia passou a recorrer à nossa ajuda sempre que necessitava, mesmo que o pudesse fazer junto de outro colaborador da CA. Demonstrava ainda alguma estranheza e preocupação sempre que, por algum motivo, nos encontrávamos ausentes, questionando outros colaboradores sobre a nossa ausência.

Noa (4 anos)

A atividade iniciou após conversámos com a progenitora e a irmã Ana, fornecendo algumas orientações sobre o que se pretende em cada sessão.

Quando Noa chegou do pré-escolar, Ana solicitou a possibilidade de iniciarem a atividade, tendo-lhe sido disponibilizados os painéis com as cores primárias e algumas imagens para colorir. A criança identifica as cores primárias e secundárias sem dificuldade, estando esta competência cognitiva, praticamente, adquirida.

Noa participa, com agrado, nas atividades que realiza com a irmã, elemento a quem recorre quando sente dificuldades e necessita de ajuda. Por sua vez, Ana mantém uma postura bastante adequada, quer no contacto com a criança quer com as Técnicas da CA. Para além de promover a aprendizagem de Noa no domínio da expressão da linguagem – corrigindo as palavras cuja fonética esta, ainda, não pronuncia corretamente – auxilia-a na contagem e identificação dos números, das letras do abecedário e na escrita do seu nome.

Ao contrário de Ana, a postura de Elisabete manteve-se semelhante ao longo da atividade, não prestando esta, de forma espontânea, qualquer apoio à criança. Apercebendo-se desta ausência de empenho, Ana solicita à progenitora que ajude Noa a colorir os desenhos “*anda mãe, ajuda aí a menina*”(sic). Elisabete acedeu ao pedido, todavia, sem sucesso, dado que Noa a afasta repetidamente. Esta atitude de resistência ao contacto da progenitora é frequente, visível nos momentos em que a criança pede para Elisabete ir embora, ou apresenta desconforto e a afasta quando esta a tenta segurar ou fazer cócegas.

Sendo a identificação das cores primárias e secundárias uma competência, praticamente, adquirida pela criança, na segunda sessão foi-lhe disponibilizado o material necessário para colorir a massa alimentar. Durante esta sessão, Noa teve oportunidade de misturar as várias cores e perceber a nova cor que surge (a criança misturou o azul e o amarelo que originou o verde; misturou o branco com o vermelho que originou a cor rosa) e a tonalidade que se altera com a quantidade de tinta que acrescenta.

Apesar de demonstrar satisfação em observar a criança na realização da atividade, Elisabete não demonstrou qualquer iniciativa em ajudá-la. Após ter sido incentivada a colorir a massa alimentar, a progenitora aproximou-se da criança, aparentemente, com o objetivo de a auxiliar. Contudo, no momento em que um dos elementos da Equipa Técnica se aproximou da sala de visitas, Elisabete regressou, de imediato, ao seu lugar, tendo verbalizado estar muito cansada e, por isso, ter que ir embora.

Noa, por sua vez, revela entusiasmo com a realização da atividade, solicitando-nos a possibilidade de lhe dar continuidade após a saída da progenitora: “*pinta comigo que a mãe já foi embora*”(sic). Face a esta situação, auxiliámos a criança a posicionar o pincel de forma correta enquanto coloria a massa alimentar.

Tiago (4 anos)

A atividade iniciou com a exploração dos painéis com as cores primárias, lápis de cor e alguns símbolos para colorir. Tiago identifica, com facilidade, as diferentes cores.

A progenitora colaborou na realização da atividade, questionando a criança sobre as imagens “*de que cor é o sapo?*”(sic) “*e o carro?*”(sic), fornecendo algumas orientações sobre o modo como as deve colorir.

Ainda que a criança tenha permanecido na atividade por algum tempo, rapidamente, dispersou a sua atenção correndo para a sala onde decorria a visita de familiares de outra criança, onde insistiu em permanecer. Mónica realizou algumas tentativas de aproximação, pedindo-lhe que regressasse para junto de si. Embora aceda ao pedido da progenitora, Tiago solicita a nossa companhia durante a visita, mostrando, desta forma, maior entusiasmo em realizar a atividade proposta.

Na segunda sessão, o Tiago demonstra curiosidade pelo material decorativo exposto a sala de visitas, solicitando a possibilidade de colorir a guache a massa alimentar. A progenitora mostrou alguma preocupação em ajudar a criança a segurar o pincel, embora por um curto período de tempo. Ainda que demonstre alguma satisfação, elogiando os progressos realizados pela criança, a falta de empenho e dedicação continuada por parte da progenitora, leva a criança a desistir da atividade e centrar a sua atenção noutros entretenimentos.

Parece-nos que a qualidade da interação entre a Tiago e a progenitora, não permite que a criança percecionasse as visitas enquanto momentos de satisfação e prazer, o que compromete o seu envolvimento na concretização das atividades. Embora Tiago revele alguma falta de empenho na realização das atividades ao longo das sessões com progenitora, na sua ausência solicita-nos, frequentemente, ajuda para as efetuar.

Mónica parece centrada na monopolização do discurso, procurando demonstrar que está a realizar mudanças para fomentar a integração de Tiago no seu agregado. Ao longo das sessões foi possível constatar que a Mónica cria falsas expectativas na criança, quer nos momentos em que conversam sobre a possibilidade de Tiago passar algum tempo em casa da avó “*queres ir para a casa da avó?*”(sic) “*tem lá muitos brinquedos e um camião grande que a madrinha comprou e custou cento e tal euros*”(sic), quer sobre a possibilidade de passearem fora da CA. A não concretização das expectativas cria na criança um sentimento de confusão, incompreensão e alguma tristeza. Embora a ligação entre Tiago e os familiares de origem não se revista de grande proximidade, por vezes, a criança manifesta entusiasmo em contactar com eles, já que no seu imaginário estes se afiguram como elementos que lhe podem oferecer presentes que gostaria de ter.

Ao longo do desenvolvimento da atividade, foi possível constatar que são raros os momentos em que existem manifestações visíveis de afeto. Apesar de se ter verificado um momento de maior proximidade entre Tiago e a progenitora (a criança assiste a um vídeo de

telemóvel ao colo da progenitora, enquanto chucha no dedo) a criança procura o afeto de forma indiscriminada e indiferenciada, quer junto das cuidadoras da CA, quer de adultos menos familiares ou estranhos.

Importa salientar que, embora tenha sido advertida para o cuidado a ter com os alimentos ingeridos pela criança durante o período de visita, Mónica passou a fazer-se a acompanhar de guloseimas com maior frequência, com o objetivo de captar a atenção de Tiago e fazê-lo permanecer junto a si, por mais tempo. Todavia, nos momentos em que não lhe é permitido ingerir mais guloseimas, a criança dispersa o que leva, muitas vezes, a que a progenitora termine a visita mais cedo.

De referir que, Tiago não manifesta resistência na hora da despedida regressando, sem dificuldade, à sua rotina habitual.

João, Anabela e Laura (9, 7 e 3 anos)

À semelhança da atividade anterior, importa referir que Anabela e João não se envolveram na atividade da forma que seria desejável, por se encontrarem a frequentar as aulas. Assim, foi Laura, a filha mais nova, quem beneficiou, maioritariamente, do acompanhamento de José, durante a realização da atividade.

A atividade iniciou com a exploração dos painéis com as cores primárias.

À semelhança do verificado nas atividades anteriores, o progenitor adotou uma postura ativa e empenhada na realização da atividade, recorrendo a lápis de cor e imagens com o objetivo de auxiliar Laura a identificar as diferentes cores.

José respeita o ritmo de trabalho da criança sendo que a sua postura calma facilita a realização da atividade de forma tranquila. Contudo, revela alguma dificuldade em ser proativo, necessitando, por vezes, de alguma orientação, solicitando, nesses momentos, a nossa ajuda.

Numa destas ocasiões, e dada a dificuldade do progenitor em dar resposta ao interesse e entusiasmo manifestado pela criança em explorar o material disponível (essencialmente os lápis de cor) aproveitámos esta oportunidade para propor a realização de outra atividade utilizando o mesmo material. Assim, após misturarmos os lápis azuis com os amarelos e vermelhos, em conjunto com o progenitor, auxiliamos Laura a separá-los, colocando-os por cores em locais diferentes - os azuis num copo, os vermelhos noutro copo e os amarelos noutro copo. Apesar do progenitor manifestar satisfação em auxiliar a criança a identificar as diferentes cores, Laura apenas reconhece a cor azul.

O empenho e dedicação demonstrado por José foi, igualmente, manifestado ao longo das sessões seguintes, durante as quais a criança teve oportunidade de colorir massa alimentar (com tintas guache), elaborar tiras de massa decorativas (recorrendo à técnica de enfiamento) e colorir um arco-íris. Sempre que a criança apresentava alguma dificuldade, nomeadamente, em segurar o pincel e na técnica do enfiamento da massa alimentar, teve o auxílio do progenitor.

Laura e o progenitor demonstraram grande satisfação com o resultado final da atividade, mais ainda, pelo facto da criança ter conseguido identificar, para além do azul, a cor amarela.

As manifestações de carinho e afeto existentes entre José e as crianças são visíveis através da troca de beijos, abraços e do conforto que estas encontram no seu colo. Apesar da proximidade afetiva que as crianças mantêm com o progenitor, as visitas esporádicas da progenitora, causam-lhes alguma instabilidade emocional que se reflete na interação destas com José. Parece-nos que Laura fica confusa sempre que a mãe a visita, não compreendendo a razão desta não se fazer acompanhar do progenitor. Acresce ainda que a progenitora mantém com as crianças conversas pouco adequadas sobre José, o que as deixa inseguras e confusas.

Com alguma frequência, pudemos constatar que José apresenta-se nas visitas evidenciando sinais de tristeza e desmotivação. Segundo o progenitor, estes sentimentos devem-se às situações difíceis e infelizes que passou com a ex-companheira e na impossibilidade de, neste momento, reunir as condições suficientes para receber os filhos em casa.

V – Considerações Finais

O presente trabalho não representa apenas o resultado de longas horas de escrita e reflexão. Este, para além de constituir um instrumento onde se estabelece uma ligação entre os fundamentos teórico-metodológicos apreendidos ao longo da formação académica e a realidade da CA, constitui o culminar de uma etapa pré-profissional.

A complexidade e multidimensionalidade dos fenómenos característicos de um contexto de acolhimento residencial exige, do Assistente Social, uma análise de conjunto, não só dos problemas e situações sociais, mas também dos diferentes atores que contribuem para a sua (re) produção. De facto, a diversidade de problemáticas subjacente a uma situação de risco e perigo exige que as Casas de Acolhimento estejam, cada vez mais, preparadas para lidar com as particularidades e especificidades de cada criança e respetiva família.

Ao longo deste percurso, procurámos colocar em prática os conhecimentos que adquirimos durante a formação académica, tendo em conta as particularidades da instituição que abriu portas à realização do estágio, bem como das crianças e famílias sobre as quais incidiu o nosso trabalho.

O acompanhamento, diário, das crianças, permitiu-nos diagnosticar e refletir sobre algumas fragilidades da CA, nomeadamente, no que diz respeito aos momentos de interação entre as crianças e a família biológica. Assim, e tendo constatado que os momentos de visita dos familiares se pautavam por escassas trocas emocionais e a, quase, ausência de estímulos considerados importantes para o desenvolvimento das crianças, procurámos conceber um plano de ação junto de um grupo de seis crianças e seus familiares, ao longo de cerca de quatro meses. Esta nossa intenção teve como principal objetivo de contribuir para que o período das visitas constituísse um momento de qualidade, quer em termos educativos, quer no que respeita ao aprofundamento dos laços entre família e crianças.

No sentido de averiguar em que medida as ações implementadas produziram as mudanças desejadas, bem como refletir sobre a melhor forma de atuar, procedeu-se à avaliação do plano de ação. Com base nesta avaliação, foi possível equacionar algumas reflexões:

A abertura e confiança que entre nós e o grupo intervencionado se estabeleceu, ao longo do tempo, permitiu-nos conhecer alguns dos seus desejos, necessidades, crenças, dúvidas, receios e preocupações que, entre outras, se prendem com o modo de funcionamento do sistema de promoção e proteção e as práticas e procedimentos inerentes à situação de acolhimento. Esta partilha permitiu-nos constatar que os progenitores apresentam ideias pré-concebidas e generalizadas que, muitas vezes, reforçam a desconfiança e revolta que sentem e influenciam a

postura de resistência face à intervenção dos profissionais. Parece-nos que a maior parte das vezes, a resistência das famílias à intervenção resulta de hábitos instaurados, ideias-preconcebidas e do receio que têm em serem confrontadas com um novo fracasso. Para muitos dos progenitores, torna-se difícil sentir que as pessoas à sua volta esperem algo mais de si e lhes atribuam responsabilidades e expectativas para as quais, estes, não sentem, muitas vezes, capacidade de assumir e corresponder.

Perspetivar um futuro diferente, torna-se difícil para progenitores cujas histórias de vida foram, em determinados momentos, desertas de referências de afeto, cuidado e segurança e/ou quando nem as necessidades básicas se encontram supridas. Invasos por sentimentos de descrença, inferioridade e desvalorização, constroem representações sociais concordantes com a sua situação, o que se reflete na visão que têm sobre si, os outros e o mundo. Afinal, quem passa os dias a sobreviver, dificilmente, acreditará na possibilidade de um futuro melhor.

Ao longo da realização das atividades pudemos constatar que a pouca autonomia evidenciada por alguns dos progenitores na realização de determinadas tarefas, como por exemplo, no apoio à realização dos trabalhos de casa, não se deve à falta de disposição para ajudar, mas sim à incapacidade que sentem em prestar este apoio aos filhos. Esta limitação, muitas vezes, motivada pelas reduzidas habilitações literárias e ausência de orientação, por parte dos profissionais, constitui um entrave à adoção de uma postura mais ativa na interação com as crianças.

Durante a nossa intervenção tivemos o cuidado de evitar qualquer ação que pudesse reforçar a imagem negativa que muitos dos progenitores têm sobre si próprios e o sentimento de tristeza, inferioridade e humilhação que a situação de acolhimento da criança lhes causa. As atividades foram desenvolvidas tendo em conta as capacidades e competências das famílias, sob pena destas se sentirem incapazes de assumir as responsabilidades atribuídas na orientação das sessões. No entanto, apesar deste cuidado, na fase de aproximação, ainda pouco familiarizados com a nossa presença, foi visível o desconforto e receio sentido pelos familiares em realizar a primeira atividade, precavendo-se de possíveis erros com expressões como: *“eu não sei fazer essas coisas”(sic)*; *“só quem está habituada a fazer isto é que consegue fazer bem e eu não estou habituada”(sic)*.

Ainda que vá contra a verdadeira lógica de intervenção, por vezes, as práticas das instituições e dos profissionais de apoio social reforçam a inferioridade e humilhação sentida pelos indivíduos que se encontram em situação de desvantagem (Cuff & Payne, 1989). Efetivamente, o poder e sobreposição que os agentes sociais (públicos e privados), tantas vezes,

evidenciam através da sua ação, reproduz no indivíduo a imagem de desvalorização (Gaulejac & Léonetti, 1994).

Uma intervenção efetiva, exige que os profissionais se assumam enquanto agentes de mudança, capazes de valorizar as capacidades e competências dos progenitores e promover oportunidades que favoreçam a aquisição e consolidação de aprendizagens sem, contudo, se assumirem enquanto “alguém” com mais competências que os irá ensinar a desempenhar funções que, por algum motivo e em algum momento, não foram capazes. Assim, é essencial que o acompanhamento seja realizado numa lógica de colaboração, tendo em conta as opiniões, ideias e sentimentos das famílias, contribuindo para que estas se sintam compreendidas, respeitadas e aceites e percecionem o trabalho realizado, pelos profissionais, como uma resposta útil e positiva. Tal não será possível sem uma verdadeira relação de proximidade, abertura e confiança que, dificilmente, se estabelecerá se não existir estabilidade nas relações entre profissionais e progenitores. O facto de se tratar, quase sempre, de famílias multiassistidas⁴⁰ (acompanhadas no âmbito RSI, CPCJ ou EMAT, IPSS e técnicos locais de acompanhamento social) por serviços e profissionais com modos de proceder e se relacionar distintos, torna difícil a possibilidade de se construir uma relação de verdadeira confiança.

Considerando o princípio da intervenção mínima⁴¹, sem descurar a importância que o CAFAP e outros serviços assumem no apoio ao exercício da parentalidade, seria fundamental que a própria Casa de Acolhimento (entidade privilegiada no contacto com as crianças e famílias) promovesse, junto da família, um trabalho, profundo e contínuo, de competências parentais.

Durante a nossa intervenção, constatámos que o pouco envolvimento das famílias no processo educativo das crianças, em muito, se deve à falta de oportunidades que os progenitores tiveram, ao longo do seu percurso de vida, em tomar consciência da importância de estimular a criança para a aprendizagem. Como pudemos verificar, apenas um adulto concluiu o 12º ano de escolaridade, sendo que os restantes apresentam qualificações que variam entre o 4º e o 6º ano. Durante o seu percurso exerceram profissões pouco qualificadas (área da restauração, limpezas, prestação de cuidados a idosos), verificando-se, atualmente, cinco situações de desemprego e quatro de aposentação, devido à idade e invalidez. Por sua vez, o pouco investimento da CA na dimensão familiar, não lhes deu oportunidade, até então, de serem

⁴⁰ De acordo com Sousa (2005), *famílias multiassistidas* são famílias que mantêm contactos e relações muito frequentes com múltiplos técnicos e serviços.

⁴¹ Princípio da intervenção mínima - a intervenção deve ser exercida, exclusivamente, pelas entidades e instituições cuja ação seja indispensável à efetiva promoção dos direitos e à proteção da criança e do jovem em perigo (art. 4º, lei nº142/2015).

confrontados com a necessidade de responder às necessidades educativas dos filhos, limitando-se a satisfazer aquelas, meramente, instrumentais com as quais, naturalmente, se deparavam durante o período de visita. O desconhecimento, por parte dos progenitores, relativamente às competências que se espera que as crianças adquiram na faixa etária em que se encontram, são a constatação disso mesmo.

É fundamental que os progenitores sejam submetidos a uma nova realidade objetiva, que lhes permita estar mais conscientes das suas práticas educativas e compreender a necessidade de alterar alguns dos seus comportamentos. Assim, a avaliação da situação familiar deve ir muito além de atendimentos, visitas domiciliárias e momentos, pontuais, de recolha de informação. A intervenção junto da família deve promover o seu envolvimento no quotidiano das crianças, criando oportunidades de partilha de novas experiências e aprendizagens. Importa ainda, criar condições que permitam aos progenitores compreender a importância do brincar, do toque e do elogio como meios de reforço positivo no sentido fomentar, na criança, confiança e segurança nas suas capacidades.

A implicação dos progenitores na elaboração de planos de intervenção é, quanto a nós, essencial para que estes tenham sucesso. É nossa convicção que estes planos deverão promover ações diversificadas que permitam aos progenitores assumir maior responsabilidade no processo de desenvolvimento das suas crianças, contribuindo para que as visitas constituam momentos de qualidade, afeto e aprendizagem. Obviamente que para (re)assumirem as suas funções não basta que os progenitores sejam submetidos a novos estímulos na CA. É, igualmente, necessário ativar as redes de apoio formal e informal da comunidade, no sentido de promover mudanças efetivas nas suas condições materiais de vida.

Ainda que o curto período de tempo não nos permita ter uma perceção real sobre o impacto que as ações, por nós, desenvolvidas tiveram nas crianças e suas famílias, temos a consciência da importância que as experiências vivenciadas tiveram para o grupo intervencionado. Certamente que a aprendizagem das cores e dos animais domésticos não foi uma competência adquirida pelas crianças, somente, através das atividades desenvolvidas no momento da visita. Contudo, consideramos que a oportunidade dos progenitores vivenciarem, com os filhos, experiências diversificadas, os alertou para a necessidade e importância de participar no seu processo educativo.

Ainda que algumas das nossas reflexões não possam ser exploradas e aprofundadas neste trabalho, esperamos que a sua realização sirva de alerta para a necessidade das Casas de Acolhimento investirem na intervenção com as famílias. Afinal, o bem-estar da criança passa, também, por manter uma relação saudável com a sua família e dotá-la de competências que lhe

permitam exercer uma parentalidade positiva, aquando do regresso da criança ao meio familiar de origem.

O que se pretende é que as Casas de Acolhimento proporcionem condições para que cada criança construa o seu caminho e crie a sua própria história. Afinal, todas as crianças têm a capacidade de sonhar e, por isso, quando afastadas do meio familiar de origem, têm direito a um acolhimento que lhes permita aumentar essa capacidade e concretizar os seus sonhos.

Referências Bibliográficas

- Amaral, I. & Martins, P. (2014), “Os Problemas de Comportamento das crianças em Centros de Acolhimento Temporário: um contributo para a compreensão da realidade portuguesa”. In Calheiros, M.M. & Garrido M. V. (orgs.), *Crianças em Risco e Perigo: Contextos, Investigação e Intervenção Vol.4*. Lisboa: Edições Sílabo, 49-77.
- Ausloos, G. (2003). *A competência das famílias*. Lisboa: Climepsi Editores
- Bandura, A. (1986). *Social Foundations of Thought & Action – A Social Cognitive Theory*. Englewood Cliffs: Prentice Hall
- Benavente, A., Costa, A., Machado, F. & Neves, M. (1987), *Do outro lado da Escola*. Lisboa: Teorema
- Bourdieu, P. (1993). *La Misère du Monde*. Paris: Seuil
- Bourdieu P. & Passeron J. (1964). *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Tradução Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle . Editora UFSC: Florianópolis, 2014.
- Brazelton, T., & Greenspan, S. (2002), *A criança e o seu mundo: Requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*. Lisboa: Presença
- Bronfenbrenner, U. (1989). Ecological system theory. *Annals of Child Development*, 6, p.187-249.
- Calheiros, M.M. & Garrido M. V. (orgs.), *Crianças em Risco e Perigo: Contextos, Investigação e Intervenção Vol.4*. Lisboa: Edições Sílabo, 49-77
- Canhão, A.M. (2007). *Modelo Ecológico de Avaliação e Intervenção das Situações de Risco e de Perigo para a Infância*, Revista Pretexto nº 28, p.10-12
- Cansado, T. (2008). Institucionalização de crianças e jovens em Portugal Continental: O caso das instituições particulares de solidariedade social. *E-Cadernos ces, n.º 2*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais.
- Carvalho, M. (2013). *Sistema Nacional de Acolhimento de Crianças e Jovens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas – Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina
- Cuff, E. C. & Payne G.C.F. (1989). *Perspectives in Sociology*. London: Unwin Hyman (texto traduzido e adaptado)

- Ferreira, M.C.T. (2001). Organização de equipas técnicas. In Louro, C. *Ação Social na deficiência*. Lisboa: Universidade Aberta. pp.151-162.
- Fischer, G. (1992). *A Dinâmica Social – Violência, Poder, Mudança*, Lisboa: Planeta Editora
- Gaulejac V. & Léonetti I. T. (1994). *La lutte des places*, Paris:Epi. (tradução e adaptação)
- Goffman, E. (1968). *Manicómios, Prisões e Conventos*. S. Paulo: Perspectiva
- Gomes, I. (2010). *Acreditar no Futuro*. Lisboa: Texto Editores
- Gomes, I. (2010). *Acreditar no Futuro*. Lisboa: Leya
- Guerra, I. (2002). *Fundamentos e processos de uma sociologia da acção : o planeamento em Ciências Sociais*. 2.^a ed. Cascais : Principia
- Magalhães, T. (2004). *Maus Tratos em Crianças e Jovens*. Coimbra: Quarteto.
- Martins, P. (2015). Depois do entretanto: o acolhimento institucional como lugar de passagem de trajetórias de vida complexas. In Centro de Estudos Judiciais (orgs.), *Intervenção em sede de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens*. 129-144
- Neves, I. & Morais, A. (1996) Teorias de Instrução na Família e aproveitamento escolar. *Sociologia-Problemas e Práticas*, nº19, pp. 127-164
- Quintães, C. R. (2009). *Era uma vez a Instituição onde eu cresci: Narrativas de adultos sobre experiências de institucionalização*. Tese de Mestrado em Psicologia da Justiça. Minho: Instituto de Educação e Psicologia.
- Quivy, R., Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva
- Nossa Senhora da Misericórdia (2017). *Regulamento Interno da Casa de Acolhimento*. Vila Nova de Gaia
- CASA (2016). *Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento de Crianças e Jovens*. Lisboa: Instituto da Segurança Social
- Santos, A., Santos, M. & Ribeiro, C. (2011), Novas Oportunidades Parentais. A formação parental para pais/cuidadores de crianças e jovens em risco. In Sampaio, D., Cruz, H. & Carvalho, M.J. (orgs), *Crianças e Jovens em Risco: a família no centro da intervenção Fundação Calouste Gulbenkian*. Cascais: Principia Pag.251-280
- Secretaria de Direitos Humanos (2010). *História de Vida: Identidade e Proteção: a história de Martim e seus irmãos*. São Paulo: Associação Fazendo História (coleção abrigos em movimento).
- Sousa, L. (2005). *Famílias multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto.

Strecht, P. (1997). *Crescer Vazio: Repercurssoes Psiquicas do Abandono Negligencia e Maus tratos em rianças e adolescentes*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2ª edição

Teixeira, C.F. (2009). *Tecer e o Crescer – Fios e Desafios - Construção identitária em crianças institucionalizadas*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Serviço Social. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto.

Veiga, F. (2011), “Prefácio”. In Jornadas Transfronteiriças sobre a Institucionalização de Crianças e Jovens, “*Uma Vida, um Tesouro*”. Porto: EAPN – Rede Europeia Anti-Pobreza/Portugal, 7-9.

Veloso, C.J. (2014). *Lares de Infância e Juventude: contributos para a autonomia*. Tese de Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco. Viseu: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu

Legislação

- Lei nº142/2015, de 8 de setembro: Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

ANEXOS

ANEXO I – REGISTO FOTOGRÁFICO DA CELEBRAÇÃO DE ANIVERSÁRIO



ANEXO II – REGISTO FOTOGRÁFICO DE ATIVIDADES RECREATIVAS



ANEXO III – PLANOS INDIVIDUAIS DE INTERVENÇÃO EM CONTEXTO DE VISITA

Identificação da Criança			
Nome:	Lara	Idade atual:	3 Anos
Visita:	Progenitora + Tia Carlota + avô Paterno		

N.º Sessão	Data	Objetivo Geral	Objetivo específico	Ações/Atividades	Recursos	Nível de Satisfação
1	07/12/2017	- Aproximação à família da criança.	- Obter feedback dos elementos da família sobre a possibilidade de realizar a atividade “Árvore de Natal da Família”	- Apresentação da atividade “Árvore de Natal da Família” aos familiares da criança. - Recolha de novas ideias/propostas da família.	Humanos – Estagiária; progenitora, avô paterno, tia Carlota e criança.	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
2	12/12/2017	- Aproximação à família da criança. (Atividade Quebra Gelo)	- Proporcionar um momento conjunto agradável entre a família e criança. - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança.	- Construção da Árvore de Natal da Família. - Construção de imagens/símbolos alusivos ao natal para colocar e enfeitar a árvore da Família.	Humanos – Estagiária; progenitora, tia Carlota, avô paterno e criança. Materiais – Papel colorido; cola; materiais decorativos; fios multicores; cartão; tesoura.	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
3		- Implicar a família no processo de aprendizagem da criança e, em simultâneo,		- Apresentação da atividade “Os animais da Quinta” à progenitora.		

	23/01/2018	fomentar as suas competências educativas.	<ul style="list-style-type: none"> - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de algumas das competências que se espera que a criança adquira na faixa etária em que se encontra. - Sensibilizar para a importância da participação da família no processo de aprendizagem da criança. 	Humanos – Estagiária; progenitora e criança.	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
4	26/01/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar os familiares no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas; - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e distinguir os animais domésticos e o som que cada um emite. - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. 	<ul style="list-style-type: none"> - Exploração da história-jogo sobre os diferentes animais da quinta. - Associar o som dos diferentes animais à figura correspondente. - Contornar e colorir as figuras dos animais da quinta - Elaboração do painel educativo com as figuras dos diferentes animais. 	<p>Humanos – Estagiária; Mãe, Tia, avô e criança.</p> <p>Materiais – História jogo “Já sei contar!”, desenhos para colorir e lápis de cor</p>	<input type="checkbox"/> 😊 <input checked="" type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
5	30/01/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar os familiares no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e distinguir os animais domésticos e o som que cada um emite. - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que 	<ul style="list-style-type: none"> - Corte, colagens e pintura a lápis e/ou marcador. - Criar o animal da família, a partir das diferentes partes do corpo dos vários animais. - Atribuir um nome ao(s) animal (is) da família. 	<p>Humanos – Estagiária; Progenitora, bebé Inês e criança.</p> <p>Materiais – lápis de cor, marcadores, cola, fotocópias com várias partes do corpo dos diferentes animais.</p>	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️

			<p>são capazes de ajudar a criança a aprender.</p> <p>- Fomentar a criatividade e inovação.</p>			
6	13/02/2018	<p>- Implicar os familiares no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas</p> <p>- Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares.</p>	<p>- Identificar e distinguir os animais domésticos e o som que cada um emite.</p> <p>- Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança.</p> <p>- Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender.</p>	- Associar o som dos diferentes animais à figura correspondente.	Humanos – Estagiária; Progenitora, bebé Inês e criança.	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
7	06/03/2018	<p>- Implicar os familiares no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas;</p> <p>- Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares.</p>	<p>- Identificar as cores primárias</p> <p>- Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança.</p> <p>- Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender.</p>	<p>- Exploração dos painéis com as cores primárias;</p> <p>- Colorir símbolos diversos, associando a respetiva cor.</p>	<p>Humanos – Estagiária, Progenitora, bebé Inês, tia Carlota, e criança.</p> <p>Materiais – Painéis com as diferentes cores primárias; símbolos diversos; estojo de lápis e marcadores para colorir</p>	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
		- Implicar os familiares no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em	- Identificar as cores primárias			

8	13/03/2018	<p>simultâneo, as suas competências educativas;</p> <p>- Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares.</p>	<p>-Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança.</p> <p>- Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender.</p>	<p>- Mistura de tintas guache com as diferentes cores primárias;</p> <p>- Identificação das cores primárias;</p> <p>- Colorir massa alimentar com tinta guache e recorrendo a pincel</p>	<p>Humanos – Estagiária, Progenitora, bebé Inês, tia Carlota, tio Pedro e criança.</p> <p>Materiais – Tintas guache, massa alimentar, pinceis.</p>	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
9	16/03/2018	<p>- Implicar os familiares no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas;</p> <p>- Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares.</p>	<p>- Identificar as cores primárias.</p> <p>- Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança.</p> <p>- Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender.</p>	<p>- Construção de tiras com massa alimentar colorida, recorrendo à técnica de enfiamento.</p>	<p>Humanos – Estagiária, progenitora, bebé Inês e criança.</p> <p>Materiais – massa alimentar e fio de pesca.</p>	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
10	20/03/2018	<p>- Implicar os familiares no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas;</p> <p>- Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares.</p>	<p>- Identificar as cores primárias.</p> <p>-Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança.</p> <p>- Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender.</p> <p>- Fomentar a criatividade e inovação</p>	<p>- Decoração da figura do “arco-íris”</p>	<p>Humanos – Estagiária, progenitora, bebé Inês, criança.</p> <p>Materiais – Desenho do “arco-íris” para colorir, lápis de cor e marcadores, papel crepe.</p>	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️

Monitorização das sessões					
<p>A ideia foi proposta aos elementos da família com abertura suficiente para recusarem, caso não se sentissem à vontade - dando algum tempo para ouvir novas ideias.</p> <p>Conversámos sobre o facto da atividade ocupar apenas uma parte da visita para que pudessem ficar com algum tempo de interação livre</p> <p>Sugerimos, ainda, a possibilidade de ser elaborado mais do que um símbolo de Natal, para que pudessem colocar um deles na árvore de natal de sua casa.</p> <p>A progenitora reagiu bem à ideia proposta, referindo que as atividades diferentes são importantes para o desenvolvimento da criança.</p> <p>A tia e o avô não opinaram sobre a ideia, no entanto quando questionados diretamente, manifestaram aceitação pela mesma.</p> <p>Quando questionada, a criança acenou, porém, dada a sua faixa etária não tem, ainda, a percepção nítida da atividade.</p>	<p>Abordámos os elementos da família no sentido de perceber a possibilidade de realizarem a atividade durante a visita, com a indicação de que poderiam concluí-la na próxima visita.</p> <p>A progenitora e tia Carlota mostraram-se recetivas, ainda que o avô tenha preferido não participar, uma vez que <i>“desenhou durante toda a vida e está cansado de desenho (sic)”</i>.</p> <p>Colocámos o material sobre a mesa, mostrando os moldes das imagens de natal. Os elementos da família olharam com curiosidade e receio em simultâneo, tendo sido, por nós, tranquilizados.</p> <p>Referimos que o objetivo da atividade consiste em promover um momento de interação diferente do habitual e ajudar a criança a elaborar os símbolos de natal, sem ter medo de errar.</p> <p>Acrescentámos que ficaríamos por ali, caso necessitassem.</p> <p>Sónia escolheu o símbolo da estrela para decorar, no entanto tinham liberdade para elaborar e decorar outro símbolo a gosto.</p>	<p>Abordámos a progenitora no sentido de a sensibilizar para a importância da Lara adquirir as competências normativas para a sua faixa etária, desenvolver o gosto pela aprendizagem e conhecimento sobre o mundo.</p> <p>Após darmos a conhecer à progenitora algumas das competências que se pretende que Lara adquira nesta etapa de desenvolvimento, salientamos a importância da família participar no processo de aprendizagem da criança auxiliando-a na aquisição e consolidação de conhecimentos.</p> <p>Sónia concordou, referindo que sexta feira é o melhor dia para desenvolver atividades, uma vez que a visita tem duração maior.</p> <p>Foi-lhe, assim, apresentada a atividade “Animais da Quinta” cujo objetivo consiste em ajudar a criança a identificar e distinguir os animais domésticos, bem como o som que eles emitem.</p> <p>Mostrámo-nos disponíveis para prestar o apoio que fosse necessário.</p>	<p>Colocámos sobre a mesa uma história - jogo sobre os diferentes animais da quinta, duas histórias e uns desenhos para colorir.</p> <p>Esperámos um pouco, no sentido de perceber se a progenitora e a tia tinham percebido o objetivo do jogo.</p> <p>Referimos que seria importante ajudarem-na a identificar os diferentes animais e incentiva-la a procurar a figura de cada um deles na história-jogo.</p> <p>Passado algum tempo, escolheram as figuras de 3 animais para colorir. Sónia e Carlota também quiseram pintar.</p> <p>Lara estava a comer muitos doces. Alertámos a família para o cuidado a ter com a ingestão de guloseimas em excesso durante as visitas.</p> <p>Passado algum tempo de interação livre entre a criança e família, questionamos a progenitora no sentido de perceber se estava tudo a correr bem.</p> <p>Sónia referiu que Lara não quis fazer o jogo, pois tinha acordado aborrecida e preferiu pintar o desenho.</p>	<p>A progenitora visitou Luana na companhia da sua filha Inês.</p> <p>Fizeram alguns jogos, incluindo o que a progenitora trouxe com as letras do abecedário.</p> <p>Valorizamos esta iniciativa, no entanto esclarecemos Sónia que a aprendizagem das letras é uma competência que a criança, com 3 anos, apresenta alguma dificuldade em adquirir.</p> <p>No seguimento da atividade que têm vindo a desenvolver, propusemos a elaboração do novo animal - o animal da família. Neste sentido, disponibilizamos o material necessário e as várias partes do corpo dos diferentes animais, aos quais a criança e sua mãe poderiam recorrer.</p> <p>Lara manifestou vontade de elaborar 3 animais, referindo que um era seu, outro da sua mãe e outro da tia Carlota (que não estava na visita).</p> <p>Num primeiro momento uniu a cara de uma vaca ao corpo de um coelho a quem atribuiu o nome de Kira (um cão de alguém que conhece no meio familiar de origem).</p>	<p>Sónia pegou na criança ao colo, olhou para o painel educativo e questionou-a sobre o desenho que esta coloriu na visita anterior.</p> <p>Lara refere ter sido o pato, enumerando o nome dos outros animais.</p> <p>Nesta altura, observando do gabinete técnico, intervimos, questionando e repetindo o som do cão, do pato, da galinha, do gato, da vaca e do peixe.</p> <p>Na interação com a família, sentimos que a nossa presença é vista como algo positivo.</p> <p>Quando necessita de alguma coisa, Sónia recorre com maior brevidade a nós do que a qualquer outro elemento da Equipa técnica.</p> <p>No momento em que nos solicitou a possibilidade de acompanharmos a criança ao quarto, demonstra satisfação por Lara pronunciar tão bem o nosso nome – elogia-a por estar a falar tão bem.</p> <p>Tiago, outra criança acolhida, embora esteja na visita da sua progenitora, dirige-se, várias vezes, à visita de Lara.</p>

	<p>Lara permaneceu no colo da tia Carlota, a ajudar na colagem das estrelas - por vezes mexia e deixava cair algum material.</p> <p>A certa altura Sónia perguntou se podia elaborar mais símbolos, referindo que quando era mais nova realizava trabalhos manuais com a irmã, na instituição onde esteve acolhida. Todavia, <i>“não faço isto há tanto tempo que parece que já nem me lembro como se faz”</i>.</p> <p>Sónia propôs à criança a decoração de um símbolo para entregar ao progenitor. Durante a atividade surgiram conversas informais relacionadas com medos acerca do futuro da criança, sobre as fotografias do seu batizado em que, segundo Sónia, Lara <i>“estava tão linda!”</i>(sic)</p> <p>Passado algum tempo a criança abraçou a tia Carlota aparentando chorar. Neste momento, a família dirigiu-nos o olhar, e a tia acariciava o cabelo da criança, referindo que <i>“ela não gosta de estar aqui”</i>(sic).</p>		<p>Lara fez algumas birras durante esta visita, pois queria ver vídeos no telemóvel da mãe. Estava um pouco aborrecida porque dorme até as 15h e acordou para a visita.</p> <p>A tia Carlota, acalma a sobrinha com facilidade, sobretudo nos momentos em que esta está mais chorosa ou agitada.</p> <p>O avô apenas observa e por vezes conversa connosco sobre si e a sua história de vida.</p> <p>O material estava todo desorganizado.</p>	<p>Depois, juntou a cara de um gato ao corpo de um cão, que denominou de MiMi e, finalmente, colou a cara de uma ovelha ao corpo de uma vaca a quem a progenitora chamou de Pocahontas. Sónia auxiliou a filha durante todo o processo, repetindo o nome dos diferentes animais e incentivando Lara a colorir os animais da família.</p> <p>A progenitora refere gostar muito de pintar e que na próxima visita pintará mais desenhos.</p> <p>Passado algum tempo Lara olhou para o painel educativo, já afixado no vidro da sala de visitas, identificando os animais mais comuns (coelho, cão, gato, pato, galinha, vaca) quase na totalidade.</p> <p>A progenitora repetiu várias vezes este exercício, questionando a criança sobre o nome, a idade e som dos diferentes animais. Lara, por sua vez, mostrou entusiasmo em identifica-los.</p> <p>É notória a proximidade afetiva que existe entre Lara, a mãe e Inês por quem a</p>	<p>A certa altura a troca de brinquedos (carros) entre ambos gera confusão, e Lara quer, de volta, o carro que emprestou ao amigo.</p> <p>Esta situação exigiu a nossa intervenção.</p>
--	--	--	--	--	---

	<p>Tentamos explicar a dificuldade que é, para uma criança da faixa etária de Luana compreender a situação de acolhimento. Contudo, referimos que quando esta com as restantes crianças, brinca muito e está, aparentemente, bem.</p> <p>Mencionámos que se tivessem mais ideias para a decoração da árvore de natal, poderíamos trazer outro material para elaborar outros símbolos. A tia Carlota referiu que gostava de fazer árvores de Natal com revistas.</p> <p>A visita terminou, Lara despediu-se da família a chorar.</p>			<p>criança demonstra muito carinho.</p> <p>Sónia recorre ao jogo das formas coloridas para distinguir as diferentes cores. Á medida que a criança pega nas peças, a mãe diz o nome da cor e Lara repete.</p> <p>No final, arrumaram tudo.</p> <p>Quando a criança se apercebe que a mãe vai embora começou a chorar.</p>	
Data: 07/12/2017	Data: 12/12/2017	Data: 23/01/2018	Data: 26/01/2018	Data: 30/01/2018	Data:13/02/2018

Monitorização das sessões					
A progenitora sentiu-se mal disposta, pelo que não foi possível iniciar a atividade neste dia.	Os familiares não compareceram à visita. A progenitora foi hospitalizada e encontra-se internada.	<p>Antes dar início à visita conversámos com a progenitora e a tia Carlota sobre a atividade.</p> <p>Após disponibilizarmos os três painéis com as cores primárias, Sónia pediu a Lara para as identificar.</p>	<p>Hoje, Pedro - tio materno de Lara - também está na visita. Sónia permaneceu com a filha Inês ao colo, pois a bebé está um pouco irrequieta.</p> <p>Perguntámos se está tudo bem. Sónia mostra-se preocupada, pois tem que ir</p>	<p>No momento em que chegamos a visita abordámos a progenitora no sentido de perceber se estava tudo bem.</p> <p>Sónia encontra-se com a bebé Inês no colo, a olhar para o painel com o arco-íris exposto e a questionar Lara sobre algumas cores.</p>	<p>Sónia celebra, hoje, o seu aniversário, demos-lhe os parabéns.</p> <p>Manifestaram vontade de colorir o desenho do arco-íris com bolinhas de papel crepe - amarelas, azuis e verdes.</p> <p>Lara confunde, novamente, as cores - chama vermelho</p>

		<p>A criança não sabe, inda, identificar as cores corretamente - confunde-as. Foram entregues à família algumas imagens (alimentos, animais, estados de tempo) para que pudessem ajudar Lara a associar à respetiva cor primária. Estas foram coloridas a lápis de cor.</p> <p>A tia Carlota começou desde logo a pintar e solicitou mais cores para além do azul, vermelho e amarelo.</p> <p>Na sala de visitas encontravam-se expostas algumas tiras decorativas de massa alimentar.</p> <p>Lara coloca os 3 painéis atrás da cor da tira correspondente.</p> <p>O amigo Tiago, como por vezes acontece, volta a dirigir-se à visita e destabiliza.</p> <p>Durante a realização da atividade, a tia Carlota refere que irá iniciar um curso promovido pelo Instituto de emprego e formação profissional (IEFP) para não perder a prestação pecuniária do RSI. Mostra desagrado com esta situação, referindo que passa os dias sem fazer</p>	<p>uma localidade no Porto que não sabe onde fica.</p> <p>Tentámos ajudar, mostrando-lhe no GPS do nosso telemóvel onde se situava e qual o número do autocarro que deveria apanhar.</p> <p>A família manifestou vontade de colorir a massa alimentar com as cores primárias. Lara mostrou entusiasmo e vontade em mexer nas cores.</p> <p>A criança ajudou-nos a trazer o material para a sala de visitas e todos se sentaram no chão, inclusive Sónia com a bebé Inês.</p> <p>Foi possível observar que embora a criança pegue no pincel, com facilidade, não consegue colorir as massas na totalidade, pela dificuldade em pintar e segurar, em simultâneo.</p> <p>O tio Pedro auxilia-a.</p> <p>Lara faz tudo ao seu ritmo, e dificilmente elabora algo, quando alguém tenta impor.</p> <p>O amigo Tiago, embora esteja numa outra sala a receber visita da progenitora, dirige-se algumas vezes à visita da Lara e destabiliza.</p>	<p>Partilhou connosco o aborrecimento com a sua irmã Carlota, porque <i>“juntou-se com um rapaz que eu não gosto, não trabalha, já lhe bateu”</i>(sic)</p> <p>Questionámos onde Carlota estava a viver agora, disse-nos que na rua com o namorado <i>“ela vai comer às carrinhas”</i>(sic)</p> <p>Sónia refere ficar triste ao ver a irmã nesta situação, mas está chateada e não quer que prejudique Lara, referindo que <i>“às vezes ela é mal educada para as doutoras daqui”</i>(sic).</p> <p>Conversámos um pouco com a progenitora sobre esta situação e propusemos a continuação da atividade.</p> <p>Sónia achou boa ideia e ajudou Lara a fazer os enfiamentos da massa que pintara numa das visitas anteriores – utilizando fio de pesca.</p> <p>A criança elaborou apenas uma tira, mostrando vontade de brincar com os legos de várias cores.</p>	<p>ao amarelo, e azul ao verde, mas Sónia corrige.</p> <p>Lara explora muito o material, brinca com as bolinhas do papel crepe e a cola. Realizam a atividade em conjunto.</p> <p>Inês permanece, tranquila. na cadeira de bebé.</p> <p>A certa altura Sónia dirige-se a nós, referindo que <i>“hoje é um dia igual aos outros”</i>(sic). Acrescentando que tendo o marido e a filha longe é muito difícil: <i>“Se ela estivesse em casa era diferente”</i>(sic).</p> <p>A progenitora não conteve as lágrimas e começou a chorar.</p> <p>Tentámos reconforta-la, referindo que Lara estava na CA até o agregado se reorganizar. Sabemos que tem feito um esforço grande, a Equipa Técnica tem essa noção.</p> <p>Sónia verbaliza estar muito cansada de vir para a CA, pois faz um longo caminho com a bebé, por vezes, à chuva, mas não consegue deixar de vir ver a filha.</p> <p>Acrescenta que, como o marido não está no distrito do Porto durante a semana e</p>
--	--	---	--	---	---

		<p>nada mas não quer ir para o curso.</p> <p>Quando questionámos esta tia sobre as sua área e atividades de maior interesse, referiu que adorava desporto e gostava de ser professora de ginástica.</p> <p>Dirigimo-nos a esta tia, referindo que era uma jovem de 22 anos e que existem formações na área do desporto que pode frequentar e exercer uma atividade profissional relacionada com a área.</p> <p>Carlota mostra-se descrente face a esta possibilidade, continuando a colorir os desenhos com a sobrinha.</p> <p>Por sua vez, Sónia refere <i>“eu estou farta de estar em casa” (sic)</i> <i>“o tempo passa muito devagar” (sic)</i> e gostava de ter uma ocupação. Segundo a mesma, a área das limpezas e do cuidado a idosos foram sempre funções que gostou de desempenhar.</p> <p>Sandra elogia a Diretora Técnica da CA, referindo que, inicialmente, pensou ser <i>“como as outras doutoras” (sic)</i> mas sabe que <i>“ela não tem culpa da Lara estar</i> </p>	<p>A criança dispersa e faz alguns disparates com Tiago. A tia Carlota, Sónia e tio Pedro continuaram a colorir as massas, ajudando-nos, no final a arrumar todo o material.</p>		<p><i>“para não estar tanto tempo sozinha (sic), Sónia fica muitas vezes em casa de uma outra irmã.</i></p> <p>Lara reage com alguma tristeza e preocupação ao ver a mãe chorar, acariciando-a e pedindo-lhe que não chore. Logo a seguir deu-lhe um abraço, afastou-se e chorou também.</p> <p>Quando terminaram de colorir o arco-íris, Lara mostrou vontade de fazer mais.</p> <p>Brincaram um pouco com os legos. Reforçámos o facto de com diferentes cores, os legos são um bom instrumento educativo.</p> <p>Passado algum tempo Lara, após termos abandonado a sala de visitas, a criança chamar-nos.</p> <p>Sónia questiona-nos sobre a possibilidade de lavar o biberão de Inês.</p> <p>Ao longo do tempo, pudemos verificar que quer a criança, quer a progenitora tendem a recorrer a nós quando necessita de alguma coisa.</p>
--	--	--	--	--	---

		<p><i>aqui, também tem que fazer o trabalho dela”(sic).</i></p> <p>Informa-nos que está a chegar o seu aniversário e do marido, que também faz no mesmo dia, <i>“faz meio século, sempre gostei de homens mais velhos, já têm outra cabeça” (sic)</i></p> <p>Repetiu, várias vezes, com satisfação que o pai de Lara já iniciou atividade profissional e a fazer descontos e por isso, será mais fácil alugarem outra casa. Acrescentou que a profissão do marido era padeiro mas o facto de <i>“exploram muito, então ele foi para a construção”(sic)</i></p> <p>A progenitora questionou acerca do material de que eram feitas as tiras decorativas expostas na sala. Referimos que eram feitas de massa alimentar e que iríamos fazer também.</p> <p>Reforçamos a importância da criança a aprender as cores, assim como conseguir pegar no pincel e fazer enfiamentos – muito importante para, mais tarde, iniciar a escrita.</p> <p>Sónia refere que no infantário frequentado pela</p>			
--	--	--	--	--	--

		criança antes de integrar a CA : “ <i>não puxavam por ela, e à noite eu não tinha muito tempo. Quando veio para aqui quase nem falava</i> ”(sic). Passado algum tempo e de forma espontânea Lara pegou nos painéis com as 3 cores primárias e identificou a cor certas. Quis pintar mais dois símbolos e distraiu-se com os iogurtes de chocolate que a mãe trouxera.			
Data: 27/02/2018	Data: 02/03/2018	Data: 06/03/2018	Data: 13/03/2018	Data: 16/03/2018	Data:20/03/2018

Identificação da criança			
Nome:	Noa	Idade atual:	4 Anos
Visita:	Progenitora Elisabete + Irmã Ana + Avó materna		

N.º Sessão	Data	Objetivo Geral	Objetivo específico	Ações/Atividades	Recursos	Nível de Satisfação
1	07/12/2017	Aproximação à progenitora da criança.	- Obter feedback da progenitora sobre a possibilidade de realizar a atividade “Árvore de Natal da Família”.	- Apresentação da atividade “Árvore de Natal da Família” à progenitora da criança. - Recolha de novas ideias/propostas da família.	Humanos – Estagiária; Progenitora e criança.	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
2	12/12/2017	Aproximação à progenitora da criança. (Atividade Quebra Gelo)	- Proporcionar um momento conjunto agradável entre a progenitora e criança. - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança.	- Construção da Árvore de Natal da Família. - Construção de imagens/símbolos alusivos ao natal para colocar e enfeitar a árvore da Família.	Humanos – Estagiária; Progenitora e criança. Materiais – Papel colorido; cola; materiais decorativos; fios multicolores; cartão; tesoura.	<input type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input checked="" type="checkbox"/> ☹️
3	14/12/2017	Aproximação da estagiária à irmã da criança. (Atividade Quebra Gelo)	- Obter feedback da irmã sobre a possibilidade de realizar uma atividade relacionada com o Natal durante parte do período de visita à criança. - Proporcionar um momento conjunto agradável entre a família e criança.	- Exposição da ideia “construir a árvore da Família” à irmã Ana. - Recolha de novas ideias/propostas da irmã. - Construção da Árvore de Natal da Família.	Humanos – Estagiária; Irmã Ana e criança. Materiais – Papel colorido; cola; materiais decorativos; fios multicolores; cartão; tesoura.	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️

			- Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança.	- Construção de imagens/símbolos alusivos ao natal para colocar e enfeitar a árvore da Família.		
4	23/01/2018	- Implicar a família no processo de aprendizagem da criança e, em simultâneo, fomentar as suas competências educativas.	<ul style="list-style-type: none"> - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da atividade “Os animais da Quinta” à progenitora. - Apresentação de algumas das competências que se espera que a criança adquira na faixa etária em que se encontra. - Sensibilizar para a importância da participação da família no processo de aprendizagem da criança. 	Humanos – Estagiária; Progenitora, irmã Ana e criança.	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
5	26/01/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar a progenitora no processo de aprendizagem da criança e, em simultâneo, fomentar as suas competências educativas. - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e distinguir os animais domésticos e o som que cada um emite. - Aumentar o número de interações positivas entre a progenitora e a criança. - Promover na progenitora o sentimento de utilidade, de que é capaz de ajudar a criança a aprender. 	<ul style="list-style-type: none"> - Construção de um puzzle sobre os diferentes animais. - Identificar as figuras reais dos animais domésticos e distinguir o som que cada um emite. - Contornar e colorir os desenhos dos diferentes animais. - Elaboração do painel educativo com as figuras dos diferentes animais. 	Humanos – Estagiária; Progenitora e criança. Materiais – Puzzle dos animais da quinta, desenho para colorir e lápis de cor.	<input type="checkbox"/> 😊 <input checked="" type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️

6	30/01/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar a progenitora no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e distinguir os animais domésticos e o som que cada um emite. - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na progenitora o sentimento de utilidade, de que são capazes. - Fomentar a criatividade e inovação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Corte, colagens e pintura a lápis e/ou marcador. - Criar o animal da família, a partir das diferentes partes do corpo dos vários animais - Atribuir um nome ao(s) animal (is) da família 	<p>Humanos – Estagiária; Progenitora e criança.</p> <p>Materiais – lápis de cor, marcadores, cola, fotocópias com várias partes do corpo dos diferentes animais.</p>	<div> <input type="checkbox"/> 😊 <input checked="" type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️ </div>
7	06/02/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar a progenitora no processo de aprendizagem da criança fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. 	<p>Realização de 3 fichas de exercícios, concretamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> – exercício de observação: associar as diferentes partes do corpo ao respetivo animal. - exercício de lógica: estabelecer relação de grandeza entre as figuras dos animais: tamanho (grande/pequeno) - exercício de lógica: estabelecer relação de grandeza entre as figuras dos animais: quantidade (muito/pouco). 	<p>Humanos – Estagiária; Progenitora e criança.</p> <p>Materiais – Fichas de exercício e lápis de cor</p>	<div> <input type="checkbox"/> 😊 <input checked="" type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️ </div>

8	01/03/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar a progenitora no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas; - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as cores primárias e secundárias - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. 	<ul style="list-style-type: none"> - Exploração dos painéis com as cores primárias. - Colorir símbolos diversos, associando a respetiva cor. 	<p>Humanos – Estagiária, Progenitora, irmã Ana e criança.</p> <p>Materiais – Painéis com as diferentes cores primárias; símbolos diversos; estojo de lápis e marcadores para colorir</p>	<div><input checked="" type="checkbox"/></div> 😊 <div><input type="checkbox"/></div> 😐 <div><input type="checkbox"/></div> ☹️
9	13/03/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar os familiares no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas; - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as cores primárias e secundárias. - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mistura de tintas guache com as diferentes cores primárias - Identificação das cores secundárias; - Colorir massa alimentar com tinta guache e recorrendo a pincel; 	<p>Humanos – Estagiária, Progenitora e criança</p> <p>Materiais – Tintas guache, massa alimentar, pinceis.</p>	<div><input type="checkbox"/></div> 😊 <div><input checked="" type="checkbox"/></div> 😐 <div><input type="checkbox"/></div> ☹️
10	20/03/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar os familiares no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas; - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as cores primárias e secundárias. - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Fomentar a criatividade e inovação 	<ul style="list-style-type: none"> - Decoração da figura do “arco-íris” 	<p>Humanos – Estagiária, Progenitora e criança</p> <p>Materiais – Desenho do arco-íris para colorir, lápis de cor e marcadores, papel crepe.</p>	<div><input type="checkbox"/></div> 😊 <div><input checked="" type="checkbox"/></div> 😐 <div><input type="checkbox"/></div> ☹️

Monitorização das sessões					
<p>Propusemos a ideia à progenitora com abertura suficiente para recusar, caso não se sentisse à vontade, dando algum tempo para ouvir novas ideias - que não surgiram.</p> <p>Conversámos sobre o facto da atividade ocupar apenas uma parte da visita para que pudessem ficar com algum tempo de interação livre. Sugerimos, ainda, a possibilidade de ser elaborado mais do que um símbolo de Natal, para que a progenitora pudesse colocar um deles na árvore de natal de sua casa.</p> <p>A progenitora reagiu bem à ideia proposta referindo apenas que não sabia fazer e, por isso, necessitava de ajuda na elaboração do símbolo.</p> <p>A criança achou boa ideia, manifestando aceitação pela mesma, pese embora não tenha, ainda, percepção nítida da atividade.</p> <p>A avó e a irmã da criança não a visitaram neste dia, pelo que ainda não foram abordadas acerca do assunto.</p>	<p>A progenitora chegou à vista com 1h de atraso, porém, decidimos abordá-la no sentido de perceber a possibilidade de realizarem a atividade neste dia.</p> <p>A progenitora demonstrou pouca recetividade, referindo estar cansada pelo facto de ter vindo de uma consulta do Hospital. Respeitámos esta decisão, sugerindo que a atividade fosse realizada na próxima visita.</p> <p>Disponibilizamos alguns exemplos de possíveis moldes dos símbolos de natal e permitimos que criança e progenitora interagissem livremente.</p>	<p>Propusemos a ideia de realizar a atividade à irmã da criança com abertura suficiente para recusar caso não se sentisse à vontade. Face à recetividade manifestada, colocámos o material sobre a mesa explicando o seu modo de utilização.</p> <p>A criança manifestou entusiasmo com a atividade, ainda que a irmã tenha demonstrado algum receio. Refere que <i>“só quem está habituada a fazer isto é que consegue fazer bem e eu não estou habituada”</i>(sic)</p> <p>Age como se estivesse a ser avaliada. Explicámos que o objetivo era fazerem a atividade em conjunto, sem pensar se está mais ou menos perfeito.</p> <p>A irmã desenhou a mão de Noa numa folha de papel colorido e no verso escreveu o seu nome.</p> <p>A atividade foi elaborada com sucesso, Noa mostrou vontade de continuar e Ana ficou satisfeita com o resultado da decoração dos símbolos.</p>	<p>Abordamos a progenitora e irmã da criança no sentido de sensibilizar para a importância da Noa adquirir as competências normativas para a sua faixa etária, desenvolver o gosto pela aprendizagem e conhecimento sobre o mundo.</p> <p>Após dar a conhecer as competências que se pretende que esta adquira nesta etapa de desenvolvimento, referimos que seria importante que ambas participassem nesse processo de aprendizagem e que, durante o período de visita, ajudassem a criança trabalhar algumas dessas áreas.</p> <p>A irmã concordou, referindo que por vezes estimula-a e incentiva-a a escrever as letras e números, mas que a mãe é quem a visita mais vezes, só que necessita de apoio porque <i>“já tem 40 e tal anos e não tem a mesma vivacidade que eu”</i>(sic).</p> <p>Foi-lhe então proposta e explicada a atividade “Animais da Quinta” com o objetivo da criança</p>	<p>Colocámos sobre a mesa um puzzle com os diferentes animais da quinta.</p> <p>Noa identificou quase todos os animais domésticos nos cartões. Disponibilizamos vários desenhos para que a criança e sua mãe pudessem escolher qual pintar. Noa escolheu o peixe e o cão.</p> <p>Explicámos à mãe que era importante ajuda-la a pintar dentro dos contornos. Elisabete referiu: <i>“eu já ensinei, sozinha, os outros a aprender, também vou ensinar esta”</i>(sic).</p> <p>Demos-lhe tempo para interagirem livremente.</p> <p>Passado algum tempo voltamos à visita e Noa estava a pintar o peixe, enquanto a mãe permanecia imóvel, sentada no seu lugar.</p> <p>Ajudámos a criança a escolher as cores e tentámos promover a interação, solicitando-lhe que questionasse a mãe sobre qual mais gostava.</p> <p>A progenitora dispersou, referindo que necessitava de iniciar atividade profissional para pagar a um advogado.</p>	<p>A progenitora trouxe o lanche para a criança.</p> <p>Aguardamos que Noa terminasse de lanche e que nos pedisse para pintar. Mostrámos-lhe o painel dos diferentes animais e propusemos a elaboração de um novo animal - o animal da família. Neste sentido, colocamos o material de colorir (lápis de cor e marcadores) no chão da sala de visitas, a cola, e as partes do corpo dos diferentes animais.</p> <p>A mãe permaneceu sentada, mesmo quando solicitámos à criança que pedisse ajuda à mãe.</p> <p>Noa optou por unir o corpo de gato à cabeça de um cão. Escolheu várias cores e coloriu o desenho a marcador.</p> <p>A progenitora começou a falar sobre questões relacionadas com o processo de promoção e proteção da criança, referindo que gostava que Noa passasse o dia de sábado na sua companhia.</p> <p>Refere, ainda, ter solicitado a ajuda do advogado, mas se</p>

			identificar e distinguir os animais domésticos.	<p>Partilhou algumas informações sobre a sua história de vida, terminou a 4ª classe e foi trabalhar para um restaurante. Com 14 anos foi para uma fábrica “<i>não andava atrás dos namoricos, trabalhava de manhã até à noite, mas depois saí, não é vida para uma adolescente</i>”(sic).</p> <p>Já trabalhou enquanto empregada de limpeza em hotéis e restaurantes, porem refere que, neste momento “<i>queria encontrar um part-time a lavar uns copitos num restaurante e conseguir pagar ao advogado para resolver a situação da menina</i>”(sic).</p> <p>Passado alguns instantes, a mãe terminou a visita e foi embora.</p>	<p>encontrar à espera de conseguir juntar dinheiro para lhe poder pagar. Depois de lhe ter sido dado tempo e liberdade para colorir o desenho, Noa dirigiu-se a nós e entregou-nos o desenho.</p> <p>Neste momento, dirigimo-nos à sala de visitas e pedimos à criança e progenitora que pensassem num nome para o novo animal.</p> <p>A criança referiu que a tia tinha um gato chamado Teco e, por isso, o nome do novo animal seria Teco.</p> <p>Questionamos a mãe relativamente à concordância com este nome, que afirmou concordar.</p> <p>A mãe não participou nem ajudou a filha no preenchimento do desenho.</p>
Data: 07/12/2017	Data: 12/12/2017	Data: 14/12/2017	Data: 23/01/2018	Data: 26/01/2018	Data:30/01/2018

Monitorização das sessões					
<p>Antes da visita iniciar, mostrámos à progenitora da Noa 3 fichas com exercícios de logica e observação. Explicámos à mãe o objetivo de cada uma delas e perguntámos se estava tudo bem. Disse-nos que sim e conversou sobre o progenitor da criança, referindo que este se encontra a trabalhar, mas nunca foi <i>“um homem de futuro e por isso deixei-o(sic).”</i></p> <p>A progenitora trouxe uma barbie para a criança, disse-lhe que podia brincar à vontade que depois iria ajudá-las.</p> <p>Noa chegou do pré-escolar, brincou com a barbie durante bastante tempo. Saiu algumas vezes da visita, para nos mostrar o vestuário da boneca.</p> <p>Passado algum tempo, fomos questionamos a criança acerca dos animais e das fichas de exercício. Disse-nos que não tinha visto, mas mostrou vontade de as realizar.</p> <p>A progenitora não demonstrou iniciativa para</p>	<p>Antes de iniciar a visita conversámos com a progenitora e a irmã Ana sobre a atividade. Após darem o lanche à criança, Ana pediu-nos os painéis das cores primárias para poder realizar a atividade. Disponibilizámos algumas imagens para estas poderem associar às diferentes cores. Noa identifica as cores primárias e secundárias sem dificuldade. Esta é já uma competência praticamente adquirida pela criança. Escolheu vários desenhos para colorir com a irmã. A progenitora manteve uma postura passiva durante a realização da atividade, não prestando qualquer tipo de apoio à filha. A certa altura Ana dirige-se à progenitora, referindo <i>“anda mãe, ajuda aí a menina”(sic)</i>. Todavia quando o tentou fazer, Noa recusa. Ana ajuda a Noa a escrever o próprio nome e estimula-a para a aprendizagem das letras do abecedário.</p>	<p>Progenitora e avó visitaram a Noa. A visita foi de curta duração, não fizeram a atividade pois era dia da celebração do aniversário de uma das crianças da casa. A criança tenta soltar-se sempre que a mãe a segura. A avó interagiu mais com Noa, do que Elisabete. Noa mandou a mãe embora, várias vezes.</p>	<p>A mãe da criança informou-nos que esteve doente no fim de semana. Solicitou o lanche para a Noa, pois: <i>“me esqueci do saco do lanche na camioneta”(sic)</i></p> <p>Noa pediu-nos para colorir um desenho. Foram-lhes disponibilizados alguns desenhos e conversada, com a progenitora, a possibilidade de continuar a atividade das cores e colorir a massa alimentar para fazer tiras e decorar a sala de visitas.</p> <p>Permitimos que ambas interagissem, livremente, durante a hora do lanche. De seguida disponibilizámos as tintas guache com as diferentes cores. Embora a criança identifique sem dificuldade as cores primárias e secundárias, não tem ainda a perceção como se forma cada cor. Nesta atividade, Noa teve oportunidade de misturar o azul e o amarelo e perceber que originou o verde e quando juntou mais cor amarela, obteve um verde mais claro.</p>	<p>Elisabete compareceu na visita abalada pela morte da sua mãe. Falou um pouco sobre como tudo aconteceu. Deixámos o desenho do arco-íris para Noa poder colorir, mas terminou de pintar após a visita porque o ambiente estava triste.</p>	

<p>ajudar a filha, por este motivo, ajudámos a criança na realização dos exercícios, solicitando várias vezes a ajuda da progenitora – que se mantinha imóvel a olhar para o vidro que separa a sala do gabinete técnico e corredor. Quando percebia que lhe dirigíamos o olhar, conversava sobre assuntos aleatórios, nomeadamente, sobre o progenitor da criança e o seu filho mais velho. Terminámos o exercício, todavia, Noa mostrou vontade de continuar. Foi possível constatar que Noa não consegue, ainda, dizer, corretamente, a sequência verbal dos números – a partir do número 2 troca e tem dificuldade em fazer o símbolo da cruz (+ e X). Passados alguns instantes, a progenitora referiu ter que ir embora, mas Ana chegou para visitar a irmã e Elisabete ficou mais um pouco. Pouco tempo depois, Noa dirigiu-se à mãe, verbalizando: <i>"a mana fica, a mãe vai embora"</i> (sic).</p>	<p>Em determinado momento, a progenitora, sentada, tenta fazer coegas à criança que demonstra desconforto e afasta-se. Ana e Noa encontravam-se, agora, no chão a montar um castelo de legos. Noa demonstra satisfação com o casaco que a irmã Ana lhe trouxe. É visível a proximidade afetiva que existe entre ambas.</p>		<p>Em seguida, misturou a cor vermelha com a cor branca e obteve a cor rosa (a sua cor preferida). Pintou a massa alimentar com ambas as cores. A mãe apenas observou, referindo que era engraçado e que a Noa é muito esperta. Antes de iniciar a pintura das massas, a progenitora referiu que tinha que ir embora mais cedo. Questionamos a progenitora acerca do seu gosto pela pintura. Disse-nos que gostava de pintar com tinta e que podia ficar mais um pouco. Elisabete aproximou-se da filha, aparentemente, com o objetivo de colorir as massas, mas quando uma Técnica passou pela sala de visitas voltou, de imediato, para o seu lugar. Passado algum tempo dirigimo-nos a visita e questionámos se necessitavam de mais alguma cor. A progenitora disse-nos que já não lhe apetecia pintar, pintava outro dia. Noa mostra entusiasmo com a realização da atividade, pedindo-nos para continuar</p>		
--	--	--	--	--	--

Brincaram mais um pouco até Ana e a progenitora irem embora.			<p>após a mãe ir embora: <i>“pinta comigo que a mãe já foi embora”</i>(sic)</p> <p>Realizámos a atividade com a criança, auxiliando-a a segurar e posicionar o pincel, a massa alimentar e a limpar o excesso de tinta que, por vezes, existia.</p> <p>Realizamos a atividade até uma das cuidadoras chamar a criança para ir tomar banho. Todavia, procedemos, em conjunto, à lavagem dos pinceis e arrumámos o resto do material.</p>		
Data: 06/02/2018	Data: 01/03/2018	Data: 06/03/2018	Data: 13/03/2018	Data: 20/03/2018	

Identificação da criança			
Nome:	Tiago	Idade atual:	4 Anos
Visita:	Progenitora + irmã Francisca		

N.º Sessão	Data	Objetivo Geral	Objetivo específico	Ações/Atividades	Recursos	Nível de Satisfação
1	22/01/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Aproximação à progenitora da criança. - Implicar a família no processo de aprendizagem da criança e, em simultâneo, fomentar as suas competências educativas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Obter feedback da progenitora sobre a possibilidade de realizar a atividade “Animais da Quinta”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da atividade “Os animais da quinta” à progenitora da criança. - Apresentação de algumas das competências que se espera que a criança adquira na faixa etária em que se encontra. - Sensibilizar para a importância da participação da família no processo de aprendizagem da criança. 	Humanos – Estagiária, Progenitora e criança.	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
2	23/01/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar os familiares no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas; - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e distinguir os animais domésticos e o som que cada um emite. - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de 	<ul style="list-style-type: none"> - Exploração da história-jogo sobre os diferentes animais da quinta - Associar o som dos diferentes animais à figura correspondente. - Contornar e colorir as figuras dos animais da quinta - Elaboração do painel educativo com as figuras dos diferentes animais. 	Humanos – Estagiária, bebé Francisca, Progenitora e criança. Materiais – História jogo “Já sei contar!”, desenhos para colorir e lápis de cor	<input type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input checked="" type="checkbox"/> ☹️

			ajudar a criança a aprender.			
3	31/01/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar a progenitora no processo de aprendizagem da criança e, em simultâneo, fomentar as suas competências educativas. - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e distinguir os animais domésticos e o som que cada um emite. - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. - Fomentar a criatividade e inovação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Corte, colagens e pintura a lápis e/ou marcador. - Criar o animal da família, a partir das diferentes partes do corpo dos vários animais. - Atribuir um nome ao(s) animal (is) da família 	<p>Humanos – Estagiária; Progenitora, bebé Francisca e criança.</p> <p>Materiais – lápis de cor, marcadores, cola, fotocópias com várias partes do corpo dos diferentes animais, alguns jogos.</p>	<input type="checkbox"/> 😊 <input checked="" type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
4	06/02/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar a progenitora no processo de aprendizagem da criança e, em simultâneo, fomentar as suas competências educativas. - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. 	<p>Realização de 3 fichas de exercícios, concretamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> – exercício de observação: associar as diferentes partes do corpo ao respetivo animal. - exercício de lógica: estabelecer relação de grandeza entre as figuras dos animais: tamanho (grande/pequeno) - exercício de lógica: estabelecer relação de grandeza entre as figuras 	<p>Humanos – Estagiária; Progenitora, bebé Francisca e criança</p> <p>Materiais – Fichas de exercício e lápis de cor</p>	<input type="checkbox"/> 😊 <input checked="" type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️

				dos animais: quantidade (muito/pouco).		
5	27/02/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar os familiares no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas; - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as cores primárias e secundárias - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. 	<ul style="list-style-type: none"> - Exploração dos painéis com as cores primárias. - Colorir símbolos diversos, associando a respetiva cor. 	<p>Humanos – Estagiária, Progenitora, irmã Francisca e criança.</p> <p>Materiais – Painéis com as diferentes cores primárias; símbolos diversos; estojo de lápis e marcadores para colorir</p>	<input type="checkbox"/> 😊 <input checked="" type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
6	01/03/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar os familiares no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas; - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as cores primárias e secundárias. - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mistura de tintas guache com as diferentes cores primárias - Identificação das cores secundárias; - Colorir massa alimentar com tinta guache e recorrendo a pincel; 	<p>Humanos – Estagiária; Progenitora, bebé Francisca e criança.</p> <p>Materiais – Tintas guache, massa alimentar, pinceis.</p>	<input type="checkbox"/> 😊 <input checked="" type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
7	08/03/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar os familiares no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas; - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as cores primárias e secundárias. - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mistura de tintas guache com as diferentes cores primárias - Identificação das cores secundárias; 	<p>Humanos – Estagiária, Progenitora, bebé Francisca e criança</p> <p>Materiais – Tintas guache, massa alimentar, pinceis.</p>	<input type="checkbox"/> 😊 <input checked="" type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️

		respeita à manutenção e reforço dos laços familiares.	- Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender.	- Colorir massa alimentar com tinta guache e recorrendo a pincel;		
8	13/03/2018	<p>Implicar os familiares no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas;</p> <p>Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares.</p>	<p>- Identificar as cores primárias e secundárias.</p> <p>- Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança.</p> <p>- Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender.</p>	<p>- Mistura de tintas guache com as diferentes cores primárias</p> <p>- Identificação das cores secundárias;</p> <p>- Colorir massa alimentar com tinta guache e recorrendo a pincel;</p>	<p>Humanos – Estagiária, Progenitora, bebé Francisca e criança</p> <p>Materiais – Tintas guache, massa alimentar, pinceis.</p>	<input type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input checked="" type="checkbox"/> ☹️
9	20/03/2018	<p>Implicar os familiares no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas;</p> <p>Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares.</p>	<p>Identificar as cores primárias e secundárias.</p> <p>Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança.</p> <p>Fomentar a criatividade e inovação</p>	- Decoração da figura do “arco-íris”	<p>Humanos – Estagiária, Progenitora, bebé Francisca e criança</p> <p>Materiais – Desenho do arco-íris para colorir, lápis de cor e marcadores, papel crepe.</p>	<input type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input checked="" type="checkbox"/> ☹️

Monitorização das sessões					
A progenitora não compareceu à visita.	A progenitora não compareceu à visita.	<p>Abordámos a progenitora no sentido de sensibilizar para a importância de Tiago adquirir as competências normativas para a sua faixa etária, desenvolver o gosto pela aprendizagem e conhecimento sobre o mundo.</p> <p>Após dar a conhecer à progenitora as competências que se pretende que a criança adquira nesta etapa de desenvolvimento, salientamos a importância da progenitora participar no processo de aprendizagem da criança, auxiliando-a na aquisição e consolidação de conhecimentos</p> <p>Mónica concordou, referindo que também considerava importante participar na aprendizagem do filho e o iria ajudar.</p> <p>Foi-lhe, assim, apresentada a atividade “Animais da Quinta” cujo o objetivo consiste em ajudar a criança a identificar e distinguir os animais domésticos, bem como o som que eles emitem.</p>	<p>Colocámos sobre a mesa uma história - jogo sobre os diferentes animais da quinta. Disponibilizamos uma cadeira de bebé para a progenitora colocar a bebé Francisca e poder ajudar o Tiago. Mónica preferiu ficar com a criança ao colo.</p> <p>A progenitora ia questionando a criança sobre os diferentes animais. Porém, na exploração do jogo, a criança solicitou, várias vezes, a nossa ajuda – dado que a mãe centrou a atenção no telemóvel.</p> <p>Tiago apresenta alguma dificuldade em permanecer na atividade por longos períodos de tempo e abandona a visita.</p> <p>Mónica chama-o, e questiona-o sobre o número de animais que existiam nas imagens e hábitos alimentares de cada um.</p> <p>Contudo, tende a dar a resposta, antes da criança falar.</p> <p>Tiago engana-se na sequência verbal dos números, a partir do número 6.</p>	<p>Tiago elaborou o animal da família, juntando a cabeça do cavalo à carapaça de uma tartaruga. Expusemos o material para colorir no chão da sala de visitas e Tiago escolheu o preto, enquanto cor para o colorir.</p> <p>A mãe permaneceu sentada, referindo que as tartarugas são verdes e os cavalos castanhos.</p> <p>Tiago começou a pintar mas, rapidamente, desistiu distraído com as bolachas que a mãe lhe trouxe.</p> <p>A progenitora atribuiu ao filho a responsabilidade de escolher o nome para o animal da família, referindo não ter jeito para escolher nomes. Todavia questiona a criança sobre o nome da cadela que tem em casa, verbalizando o nome de “fofinha”.</p> <p>A criança diz não saber, mas propõe que o novo animal se chame fofinha.</p> <p>Quando Francisca chega à visita, Mónica dá-lhe o biberão.</p>	<p>A progenitora chegou, pegou na bebé Francisca e chamou Tiago que saiu várias vezes da visita com pretextos como ter que ir buscar o carro e lavar a cara.</p> <p>Durante esta visita foram disponibilizadas 3 fichas com exercícios de lógica e observação (relacionadas com animais) para a criança realizar com a ajuda da mãe.</p> <p>Ficámos algum tempo na visita para ler e explicar o objetivo.</p> <p>Tiago sentou-se ao colo e pediu que o ajudássemos na realização das fichas.</p> <p>Uma vez que Mónica estava a terminar de dar o biberão à Francisca, demos um apoio maior durante a visita.</p> <p>Na ficha em que era necessário efetuar um círculo a volta do animal maior e mais pequeno, a criança refere não conseguir fazer círculos. Contudo, quando incentivada faz - ainda que com alguma dificuldade.</p> <p>Em seguida, solicitámos que indicasse com uma cruz o animal maior.</p>

		<p>Mostrámo-nos disponíveis para prestar o apoio que fosse necessário.</p> <p>A progenitora referiu que visita Tiago, diariamente, concordando com a importância a atividade a realizar nas semanas seguintes.</p>	<p>Após identificar as figuras dos cartões que continham os animais reais, a criança manifestou vontade de colorir o desenho do coelho. Começou a riscar o desenho de forma descontrolada – Mónia não reage. Pedimos que pintasse com mais calma, mostrando-lhe os limites dos contornos. Reforçamos, perante a progenitora, que é muito importante que Tiago tenha noção dos limites e a pinte dentro dos contornos. É igualmente, importante que comece a distinguir os números e saiba contar. Tiago demonstrou vontade de cortar. Dissemos-lhe que após terminar de pintar o desenho, poderia cortar com a ajuda da mãe. A mãe pegou no telemóvel. Tiago dirigiu-se várias vezes à visita dos familiares de Lara, o que fez com que saísse, muitas vezes, da beira da sua mãe. Durante esta visita, a criança fez muitas birras, procurou-nos muito e às auxiliares – pede água, diz ter dores de barriga.</p>	<p>Brincaram com alguns jogos de identificar palavras, animais e objetos. Passado algum tempo, a criança manifesta vontade de continuar a colorir o desenho da tartaruga-cavalo. Tiago saiu da sala de visitas inúmeras vezes, solicitando água, jogos, carros, referindo dores de barriga e manifestando vontade de ficar no gabinete e o acompanharmos ao wc. A criança apresenta muita dificuldade em permanecer na visita por longos períodos de tempo. Passado algum tempo a progenitora vai embora. Deita a bebé e Tiago corre para a sala sem se despedir da mãe.</p>	<p>A criança refere que não sabe fazer a cruz. No sentido de promover a participação da progenitora utilizamos expressões como <i>“a mãe ajuda ..”(sic) ou “vamos ver se a mãe sabe ..”(sic)</i>. Neste exercício, Mónica desenhou a cruz numa folha ao lado e Tiago imitou-a. Quando terminou a atividade manifestou vontade de colorir um desenho - escolheu a galinha e a mãe ajudou-o. Chamou-a de “galinha corococo”. De seguida e em conjunto fomos colá-la no painel educativo. Passado algum tempo voltou a solicitar a possibilidade de pintar o desenho de um peixe, mas rapidamente se fez ouvir: <i>“sofia, não consigo pintar”(sic)</i>. Dissemos-lhe que a mãe o ajudaria, tendo a mesma se prontificando para tal. No entanto, Tiago perdeu o interesse e só fez uns rabiscos. A criança abandonou a visita e pediu-nos outro desenho. Referimos que ainda não tinha terminado o</p>
--	--	--	--	--	---

			Há um distanciamento afetivo grande entre a mãe e o Tiago.		peixe e solicitamos-lhe que fosse para junto da sua mãe, mas a criança não quis. Passado pouco tempo e praticamente na hora de ir embora, a mãe chamou-o e ele foi.
Data: 06/12/2017	Data: 13/12/2017	Data: 22-01-2018	Data: 23-01-2018	Data: 31-01-2018	Data: 06-02-2018

Monitorização das sessões					
<p>Tiago fez uma birra grande no início da visita. Insistia em permanecer na visita de Lara, a decorrer ao mesmo tempo na CA.</p> <p>Solicitámos à criança que fosse para junto da sua mãe. Tiago fugiu para a cozinha a chorar, referindo não querer ir para a visita.</p> <p>Dissemos-lhe para vir connosco buscar umas coisas bonitas ao gabinete para fazermos com a mãe na visita. A criança acompanhou-nos.</p> <p>Explicámos à progenitora o objetivo da atividade e a importância da criança identificar as cores primárias e perceber que é a partir das primárias que surgem as outras cores - secundárias.</p>	<p>Antes de iniciar a visita, Tiago viu o painel do arco-íris e a massa alimentar que se encontrava na sala de visitas, mostrando curiosidade.</p> <p>Mónica chegou à CA com um saco de bolos, leite achocolatado e iogurte para Tiago. Permaneceu com Francisca ao colo.</p> <p>A criança solicitou-nos a possibilidade de colorir a massa alimentar com tinta guache. Foi-lhe disponibilizado o material necessário (o pote com a massa, as tintas, pinceis e jornais) para realizarem a atividade.</p> <p>Tiago comeu um bolo e bebeu o leite achocolatado. A criança queria um iogurte, mas disse-lhe para não</p>	<p>Mónica visitou a criança apenas por meia hora, alegando ter que ir tratar de uns documentos à segurança social.</p> <p>Tiago estava aborrecido, por isso, não realizou a atividade.</p>	<p>Mónica deu o biberão a Francisca e voltou a trazer bolos e leite achocolatado para Tiago.</p> <p>A criança correu para a mãe tentando perceber o que estava dentro do saco. Comeu os dois bolos e bebeu o leite achocolatado.</p> <p>Passado breves instantes, abandonou a sala de visitas e dirigiu-se para junto de nós.</p> <p>Perguntámos se Tiago queria continuar a pintar a massa com o pincel, disse-nos que não, mas quis fazer as tiras decorativas - fez alguns enfiamentos, mas, rapidamente, saiu da visita e se distraiu com o carro da sua amiga Lara. Foi brincar, sozinho, para outra sala até Mónica o chamar.</p>	<p>Mónica chegou, novamente, com um saco.</p> <p>Tiago correu mostrando curiosidade com o saco de lambarices que esta trazia. Comeu algumas bolachas e conversou com a uma suposta tia e avó ao telemóvel.</p> <p>Ouvimos a criança a pedir muitos brinquedos e a questionar sobre aqueles que Mónica lhe disse ter no seu quarto.</p> <p>Tiago idealiza esta tia como um alguém que compra muitos brinquedos, pois é essa ideia que a mãe lhe transmite.</p> <p>Hoje, a criança passou a visita centrada nos doces que a mãe trouxe e irrequieto, dirigindo-se</p>	<p>Tiago corre para trás e para a frente. Come as gomas que a mãe trouxe e vai à visita da Lara que está a decorar o arco-íris com a família.</p> <p>A criança mostrou vontade em fazer a atividade e colorir o arco-íris.</p> <p>Dirigimo-nos para junto de Mónica que se encontrava na sala de visitas com Francisca.</p> <p>Tiago procurou o nosso colo e pediu-nos para colorirmos, com ele, o desenho do arco-íris. Cedemos a vontade da criança, incentivando-a a interagir com a progenitora.</p> <p>Contudo Tiago não quis pintar com a mãe.</p> <p>Questionamos a progenitora sobre a possibilidade de trazermos uma cadeira para</p>

<p>Colocámos os painéis com as cores primárias, os lápis de cor e os símbolos para associar às respetivas cores. A criança fez, de imediato, a associação dos símbolos às cores corretas, exceto em relação ao animal Joaninha que segundo Tiago é castanha e ao sol, vermelho. Trouxemos uma cadeira de bebé para Mónica poder colocar a bebé Francisca e interagiram livremente. A progenitora ajudou a criança a identificar as cores das diferentes imagens, partindo de questões diretas sobre elas “<i>de que cor é o sapo?</i>”(sic) “<i>e o carro?</i>”(sic). Embora Tiago tenha permanecido na atividade durante algum tempo ouviu barulho na sala de visitas ao lado, para onde se dirigiu. Tiago revela muita dificuldade em permanecer na visita com a mãe. Mónica chama-o, ele resiste e quando regressa, pede-nos que fiquemos com ele na visita. Acedemos ao pedido da criança, e jogamos um pouco de dominó.</p>	<p>comer mais, que guardaríamos para a tarde. Foi dada à mãe a possibilidade de colocar Francisca na cadeira de bebé para poder ajudar Tiago na atividade. Tiago iniciou a pintura e, por vezes, Mónica auxiliava-o a segurar no pincel. A certa altura a criança questiona a progenitora sobre o porquê de não terem ido passear juntos como esta terá dito numa das visitas anteriores. Mónica referiu que “<i>está a chover, não dá para passear</i>”(sic). Mónica cria falsas expetativas na criança, quer nos momentos em que conversam sobre a possibilidade da ir a casa e ver o quarto cheio de brinquedos “<i>tem muitos brinquedos e um camião grande que a madrinha comprou e custou cento e tal euros</i>”(sic), quer sobre a possibilidade de passearem juntos fora da CA. Em conversa com a progenitora e relativamente à atividade das cores, referimos que na próxima semana, seria engraçado ver</p>		<p>A criança dirigiu-se a nós, pediu uma folha para fazer um desenho. Providenciamos-lhe a folha e o material para colorir, e Tiago pediu à progenitora para desenhar um bolo. Quis comer mais bolo, também. Interagiram livremente. Porém, Tiago abandonou, algumas vezes, a sala de visitas. Passado algum tempo, Mónica foi embora. Durante a visita conversaram um pouco sobre a avó da criança. Mónica pergunta “<i>queres ir para a casa da avó?</i>”(sic), ao que a criança responde que sim, mas de forma muito desvinculada, como se tratasse de uma “avó imaginária” – a imagem que a mãe alimenta.</p>	<p>muitas vezes à visita de Lara. A Francisca também está irrequieta e a mãe tenta tranquiliza-la. Ao fim de meia hora a progenitora vai embora.</p> <p>No final do dia, já muito depois da visita terminar, Tiago manifesta vontade em pintar, a guache, mais massa alimentar e o desenho de um sapo. A criança pega no pincel com facilidade, mistura o amarelo com o azul e mostra entusiasmo com a cor verde que surge - pinta o sapo e as massas de verde. Após concluirmos a atividade, disse-lhe que faríamos mais quando a progenitora voltasse à CA.</p>	<p>Francisca e poder ajudar Tiago a colorir o arco-íris. Mónica referiu que não valia a pena porque tinha que ir embora. Deixei-os interagir livremente. Tiago foi beber o leite achocolatado e não terminou de colorir o desenho</p>
--	---	--	---	---	---

<p>Durante a realização do jogo, a progenitora conversou sobre o seu percurso profissional, referindo ter trabalhado muito tempo (cerca de 10 anos) em publicidade e neste momento fazer limpeza em empresas, com máquinas especializadas. Passado algum tempo, foi embora.</p>	<p>o Tiago a misturar as cores primárias e perceber a cor que a fusão origina. Mónica não participa na pintura da massa de forma direta, dando apenas indicações à criança sobre como pintar. Depois da atividade, Tiago ajudou-nos a arrumar o material. A criança fica, algum tempo, no colo da mãe a chuchar no dedo e a ver vídeos no telemóvel. Passado algum tempo, Mónica despede-se dos filhos e vai embora.</p>				
Data: 27/02/2018	Data: 01/03/2018	Data: 06/03/2018	Data: 08/03/2018	Data: 13/03/2018	Data:20/03/2018

Identificação da criança			
Nome:	Laura, Anabela e João	Idade atual:	3, 7 e 9 Anos
Visita:	Progenitor + Avó Paterna		

N.º Sessão	Data	Objetivo Geral	Objetivo específico	Ações/Atividades	Recursos	Nível de Satisfação
1	06/12/2017	Aproximação à família da criança.	- Obter feedback da progenitora sobre a possibilidade de realizar a atividade “Árvore de Natal da Família”.	- Apresentação da atividade “Árvore de Natal da Família” à progenitora da criança. - Recolha de novas ideias/propostas da família.	Humanos – Estagiária; Progenitor, avó paterna e crianças.	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
2	13/12/2017	Aproximação à família da criança. (Atividade Quebra Gelo)	- Proporcionar um momento conjunto agradável entre a progenitora e criança. - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança.	- Construção da Árvore de Natal da Família. - Construção de imagens/símbolos alusivos ao natal para colocar e enfeitar a árvore da Família.	Humanos – Estagiária; progenitor e crianças. Materiais – Papel colorido; cola; materiais decorativos; fios multicolores; cartão; tesoura.	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️

3	18/01/2018	- Implicar a família no processo de aprendizagem da criança e, em simultâneo, fomentar as suas competências educativas.	<ul style="list-style-type: none"> - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da atividade “Os animais da Quinta” à progenitora. - Apresentação de algumas das competências que se espera que a criança adquira na faixa etária em que se encontra. - Sensibilizar para a importância da participação da família no processo de aprendizagem da criança. 	Humanos – Estagiária; Progenitor e crianças.	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
4	24/01/2018	- Implicar a família no processo de aprendizagem da criança e, em simultâneo, fomentar as suas competências educativas.	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e distinguir os animais domésticos e o som que cada um emite. - Aumentar o número de interações positivas entre a progenitora e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. 	<ul style="list-style-type: none"> - Exploração da história-jogo sobre os diferentes animais da quinta - Associar o som dos diferentes animais à figura correspondente. - Contornar e colorir as figuras dos animais da quinta - Elaboração do painel educativo com as figuras dos diferentes animais. 	Humanos – Estagiária; Progenitor e crianças. Materiais – História jogo “Já sei contar!”, desenhos para colorir e lápis de cor	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️

5	25/01/2017	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar a família no processo de aprendizagem da criança e, em simultâneo, fomentar as suas competências educativas. - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e distinguir os animais domésticos e o som que cada um emite. - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. 	<ul style="list-style-type: none"> - Associar o som dos diferentes animais à figura correspondente. - Contornar e colorir as figuras dos animais da quinta 	<p>Humanos – Estagiária; Progenitor e crianças.</p> <p>Materiais – Jogos diversos sobre os animais, lápis de cor e desenhos para colorir.</p>	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
6	01/02/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar a família no processo de aprendizagem da criança e, em simultâneo, fomentar as suas competências educativas. - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e distinguir os animais domésticos e o som que cada um emite. - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. - Fomentar a criatividade e inovação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Corte, colagens e pintura a lápis e/ou marcador. - Criar o animal da família, a partir das diferentes partes do corpo dos vários animais. - Atribuir um nome ao(s) animal (is) da família. 	<p>Humanos – Estagiária, Progenitor e criança.</p> <p>Materiais – fichas de exercício, lápis de cor, marcadores, cola, fotocópias com várias partes do corpo dos diferentes animais</p>	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️

7	07/02/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar a família no processo de aprendizagem da criança e, em simultâneo, fomentar as suas competências educativas. - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e distinguir os animais domésticos e o som que cada um emite. - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. - Fomentar a criatividade e inovação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização de jogos e atividades relacionadas com os animais. - Corte, colagens e pintura a lápis e/ou marcador. - Criar o animal da família, a partir das diferentes partes do corpo dos vários animais. - Atribuir um nome ao(s) animal (is) da família. 	<p>Humanos – Estagiária, Progenitor, avó paterna e crianças.</p> <p>Materiais – livros de contos infantis, lápis de cor, marcadores, cola, fotocópias com várias partes do corpo dos diferentes animais</p>	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
8	28/02/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar a família no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas; - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as cores primárias e secundárias - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. 	<ul style="list-style-type: none"> - Exploração dos painéis com as cores primárias. - Colorir símbolos diversos, associando a respetiva cor. 	<p>Humanos – Estagiária, Progenitor e crianças.</p> <p>Materiais – Painéis com as diferentes cores primárias; símbolos diversos; estojo de lápis e marcadores para colorir</p>	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️

9	01/03/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar a família no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas; - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as cores primárias e secundárias. - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mistura de tintas guache com as diferentes cores primárias - Identificação das cores primárias; - Colorir massa alimentar com tinta guache e recorrendo a pincel; 	<p>Humanos – Estagiária, Progenitor e crianças.</p> <p>Materiais – Tintas guache, massa alimentar, pinceis.</p>	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
10	07/03/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar a família no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas; - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as cores primárias. - Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Fomentar a criatividade e inovação 	<ul style="list-style-type: none"> - Construção de tiras com massa alimentar colorida, recorrendo à técnica de enfiamento. 	<p>Humanos – Estagiária, Progenitor e Laura.</p> <p>Materiais – massa alimentar e fio de pesca.</p>	<input type="checkbox"/> 😊 <input checked="" type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️
11	14/03/2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implicar a família no processo de aprendizagem das crianças fomentando, em simultâneo, as suas competências educativas; - Transformar o momento de visita num momento de qualidade no que respeita à manutenção e reforço dos laços familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as cores primárias. -Aumentar o número de interações positivas entre a família e a criança. - Promover na família o sentimento de utilidade, de que são capazes de ajudar a criança a aprender. 	<ul style="list-style-type: none"> - Decoração da figura do “arco-íris” 	<p>Humanos – Estagiária, Progenitor e Laura.</p> <p>Materiais - Desenho do arco-íris para colorir, lápis de cor e marcadores, papel crepe.</p>	<input checked="" type="checkbox"/> 😊 <input type="checkbox"/> 😐 <input type="checkbox"/> ☹️

Monitorização das sessões					
<p>A ideia foi proposta aos elementos da família com abertura suficiente para recusarem, caso não se sentissem à vontade - dando algum tempo para ouvir novas ideias. Conversámos sobre o facto da atividade ocupar apenas uma parte da visita para que pudessem ficar com algum tempo de interação livre. Sugerimos, ainda, a possibilidade de ser elaborado mais do que um símbolo de Natal, para que pudessem colocar um deles na árvore de natal de sua casa.</p> <p>A avó reagiu bem à ideia proposta, referindo que elabora com alguma frequência alguns trabalhos manuais, no entanto, nunca os realizou com os netos. Acrescentou que esta atividade será uma forma <i>“deles se entreterem com uma coisa diferente”</i>(sic).</p> <p>O progenitor concordou com a avó mostrando</p>	<p>Abordámos os elementos da família no sentido de perceber a possibilidade de realizarem a atividade durante a visita, José mostrou-se recetivo e partilhou algumas das preocupações pessoais. Colocámos o material sobre a mesa, mostrando os moldes das imagens de natal e explicando para que servia cada um. Laura mostrou muita curiosidade e entusiasmo pelos diferentes materiais.</p> <p>O progenitor solicitou à criança a escolha de um símbolo para decorarem em conjunto, ajudando-a durante o todo o processo.</p> <p>Por vezes, Laura insiste em mexer na cola, suja a mesa e desarruma o material. José impõe alguns limites, no entanto, com pouca firmeza. A criança fez algumas birras durante a visita que o pai tenta cessar dando-lhe bolachas de água e sal e um pai natal de chocolate.</p> <p>Com a chegada de Anabela e João, a birra de Laura intensificou-se, pela atenção se ter dividido e os ciúmes se fazerem sentir.</p>	<p>Abordámos o progenitor no sentido de a sensibilizar para a importância das crianças adquirem as competências normativas para a sua faixa etária, desenvolver o gosto pela aprendizagem e conhecimento sobre o mundo.</p> <p>Após darmos a conhecer à progenitora algumas das competências que se pretende que adquiram na etapa de desenvolvimento em que se encontram, salientamos a importância da família participar no processo de aprendizagem das crianças auxiliando-as na aquisição e consolidação de conhecimentos.</p> <p>Foi-lhe apresentada a atividade “Animais da Quinta” cujo objetivo consiste em ajudar a criança a identificar e distinguir os animais domésticos, bem como som que emitem.</p>	<p>Colocámos sobre a mesa uma história - jogo sobre os diferentes animais da quinta, explicando o modo de utilização.</p> <p>José questionou Laura sobre o nome dos diferentes animais e ajudou-a na contagem daqueles que existem nas imagens.</p> <p>A criança desconhece muitos dos animais domésticos.</p> <p>A certa altura percebemos que seria melhor deixá-los interagir livremente.</p> <p>Pudemos escutar do gabinete, a voz de José a repetir o nome dos diferentes animais, solicitando que Laura colocasse as peças do jogo na posição certa. A par disto, tentava que esta identificasse os números.</p> <p>Apesar de não identificar a maior parte dos números, Laura contar até 6, com facilidade.</p> <p>José recorre aos cartões com as imagens dos diferentes animais para ajudar a criança a identificar os animais. Todavia, à medida que o pai troca de cartão, a criança confunde o nome dos vários</p>	<p>Antes de iniciar a visita foram disponibilizados alguns jogos relacionados com os animais da quinta para o pai fazer com a Laura.</p> <p>A criança solicitou-nos a possibilidade de colorir um desenho e escolheu a figura do porco.</p> <p>Laura insistiu em colorir o desenho com tintas aquarela, fazendo birra por ter sido contrariada.</p> <p>Por vezes, a criança tem momentos de descontrolo emocional.</p> <p>O pai tenta tranquilizá-la, acariciando-a e incentivando à realização de jogos.</p> <p>Questiona-a sobre os animais da quinta e o som que emitem.</p> <p>A criança vem várias vezes ao gabinete e solicita para <i>“fazer mais coisas”</i>(sic).</p> <p>Disponibilizamos outro jogo e uma folha de papel para desenho livre.</p> <p>Passado algum tempo, pudemos constatar que a</p>	<p>José e Laura interagem livremente.</p> <p>A certa altura Laura solicitou-nos para <i>“fazer alguma coisa”</i>(sic).</p> <p>Disponibilizamos 3 fichas com exercícios de lógica e observação (relacionadas com animais) para a criança realizar com a ajuda do progenitor.</p> <p>Fizemos uma leitura dos exercícios e uma breve explicação do objetivo.</p> <p>Todas permitiam trabalhar a noção de maior e mais pequeno.</p> <p>O progenitor não manifestou dificuldade em auxiliar a criança na realização das fichas.</p> <p>Após ter terminado a atividade foi-lhe providenciado o material necessário à elaboração do animal da família - recorrendo aos recortes das diferentes partes do corpo de vários animais.</p> <p>Interagiram livremente. O pai coloriu os desenhos com a ajuda da criança e procederam à colagem em conjunto.</p>

<p>disponibilidade para vir mais cedo para a CA e poder dedicar mais tempo à atividade.</p> <p>Quando questionada, Laura acenou, porém, não tem uma percepção nítida da atividade.</p> <p>Anabela e João manifestaram, igualmente, aceitação pela mesma.</p>	<p>Anabela mostrou vontade em decorar um símbolo de natal. José não assumiu um papel tão ativo na elaboração da atividade com a criança, pela instabilidade manifestada por Laura, no entanto foi dando algumas sugestões.</p> <p>Por sua vez, João observou, com curiosidade, os símbolos realizados pelo pai e irmã mais nova. Porém, manifestou vontade em realizar os trabalhos de casa.</p> <p>José solicitou ao filho que guardasse os livros, contudo este insistiu em não guardar.</p> <p>O progenitor sente-se pouco à vontade para auxiliar João na realização dos trabalhos de casa, pelo facto de ter dificuldade em compreender os exercícios.</p> <p>Auxiliámos a criança, todavia, durante o processo tentámos promover a participação do progenitor.</p> <p>Embora pouco à vontade, José ajudou-o.</p> <p>A avó paterna não compareceu à visita pelo facto de ter um espetáculo do grupo de folclore que frequenta no seu local de residência.</p>		<p>animais (troca a tartaruga com o coelho e a ovelha com a vaca)</p> <p>José associa as imagens aos animais que existiam na sua habitação, quando as crianças ainda se encontravam no meio familiar de origem.</p> <p>Após esta primeira fase, coloriram algumas imagens de animais.</p> <p>José chama a atenção de Laura para ter cuidado e colorir dentro dos contornos. Há uma grande proximidade afetiva entre o pai e a filha mais nova, por quem José revela muito carinho.</p> <p>Quando chegaram da escola, Anabela e João mostraram vontade e insistiram em realizar os trabalhos de casa na visita.</p> <p>João solicitou a nossa ajuda, referindo : <i>“o pai não sabe como se escreve as palavras, não pode ajudar (sic)”</i>.</p> <p>Perante esta situação, propusemos auxiliar a criança na elaboração dos TPC, tentando, em simultâneo, promover a participação do progenitor neste processo. Assim e a após uma breve explicação</p>	<p>criança estava a desenhar círculos com o progenitor.</p> <p>Este comportamento permitiu-nos constatar que José prestou atenção quando lhe foram apresentadas as competências normativas que se espera que a criança adquira na faixa etária em que se encontra, mais concretamente o desenho das formas geométricas.</p> <p>Questionámos Laura sobre que estava a desenhar, dissemos que <i>“bolinhas”(sic)</i>. O progenitor repetiu o termo <i>“bolinhas”</i>.</p> <p>sentimos necessidade de corrigir a designação que José dá aos círculos, verbalizando: <i>“círculos, muito bem, são círculos(sic)”</i>.</p> <p>Quando os irmãos chegaram da escola, João voltou a pedir ajuda para fazer os trabalhos de casa.</p> <p>Anabela, ao ver os diferentes animais, mostrou vontade de colorir o gato e pediu outro desenho para oferecer à professora.</p>	<p>Anabela e João chegaram da escola.</p> <p>João demonstrou vontade de estudar para o teste.</p> <p>Anabela coloriu um desenho e ajudou a irmã a elaborar o animal da família. Uniram a cabeça de um cão ao corpo de um pinto que Laura denominou de <i>“Bruxo”</i>. De seguida José juntou o corpo de coelho à cabeça de galinha a quem chamou de <i>“Fofinho”</i>.</p> <p>O progenitor permaneceu com Laura ao colo, indo embora passado algum tempo.</p>
--	--	--	---	--	--

			dos exercícios, José conseguiu auxiliar João, mostrando satisfação pelo apoio prestado.	O pai deu algumas dicas e ajudou-a a colorir.	
Data: 06/12/2017	Data: 13/12/2017	Data: 18/01/2018	Data: 24/01/2018	Data: 25/01/2018	Data:01/02/2018

Monitorização das sessões					
<p>Laura solicitou alguns jogos para brincar durante a visita. Providenciamos-lhe alguns livros de contos infantis compostos, sobretudo, por imagens e frases simples. José recorreu aos livros de histórias para questionar a criança sobre as diferentes imagens - os animais e outros objetos, corrigindo-a quando erra a resposta. A certa altura solicitou-nos a possibilidade de fazer um desenho. Entretanto a avó Amélia chegou para visitar os netos. Laura demonstra muito carinho por esta avó. Quando chegaram os irmãos, Anabela manifestou vontade de elaborar o novo animal. Disponibilizamos o material necessário e a criança coloriu e colou as imagens. Anabela estava aborrecida, não cumprimentou a avó e</p>	<p>Conversámos com o progenitor sobre a atividade. A mesma iniciou com a exploração dos painéis das cores primárias. A criança mostrou muito entusiasmo com a quantidade de lápis de cor amarelo, azuis e vermelhos que se encontravam em cima da mesa. José questiona a filha sobre as diferentes cores primárias, repetindo-as posteriormente. Laura identifica o azul. Disponibilizámos algumas imagens para colorir (mar, sol, morango, banana) às quais o progenitor recorreu para associar às cores primárias. Questionou, ainda, a criança sobre a cor do chupa e do pião amarelo que a tinha perto de si. Posteriormente, espalhámos sobre a mesa</p>	<p>Após algum tempo de interação livre, Laura pediu-nos para fazer tiras de massa alimentar. Conversamos com o progenitor acerca da possibilidade pintar, a tinta guache, a massa alimentar. Disponibilizamos o material necessário (as tintas guache, pincéis e a massa alimentar). A criança identificou, corretamente, a cor amarela e a cor azul. Permanecemos na visita por algum tempo, colorindo as massas e conversando com a criança e progenitor. José ajuda Laura a segurar no pincel. Interagiram livremente. Pudemos ouvir do gabinete o pai a questionar Laura sobre as diferentes cores, reforçando e associando-as a imagens e símbolos que a criança conhece.</p>	<p>Hoje é o aniversário de Laura, José trouxe-lhe um bolo e cantou os parabéns. Ontem a criança teve visita da progenitora e resiste um pouco em permanecer na visita do progenitor. Fomos buscar as prendas que recebeu da CA para mostrar a José – que acabou por ser uma estratégia para que a criança ficasse na sala. Laura manifestou vontade de elaborar as tiras coloridas de massa alimentar. José, de forma espontânea, iniciou a atividade e questionou a criança sobre as cores primárias. Laura identifica o azul e amarelo, de forma correta. O progenitor associa o amarelo ao bolo de aniversário e o vermelho ao fruto morango. Laura iniciou os enfiamentos da massa, ainda que trema</p>	<p>Laura solicita-nos um desenho para colorir - o desenho do arco-íris. Hoje o progenitor parece-nos um pouco triste e desmotivado. Tentámos perceber se está tudo bem, ao que nos respondeu “<i>tem que estar</i>”(sic). José sente-se desmotivado e triste pelas dívidas que a ex-companheira lhe deixou para pagar e por não reunir as condições suficientes para receber os filhos em casa. O progenitor questiona a criança de que cor está a pintar. Laura respondeu “<i>de amarelo</i>”(sic) – que correspondia à cor do lápis que segurava. Disponibilizámos o jogo “Pio Pio Demo” – ao qual o pai recorreu para a criança identificar e distinguir as cores.</p>	

<p>não quis dizer o que se tinha passado na escola.</p> <p>Após alguma insistência por parte da família, João acabou por contar que a irmã tinha sido acusada, na escola, de ter posto pão para o lixo.</p>	<p>uma quantidade significativa de lápis de cor amarela.</p> <p>À medida que foram pintando, José repetiu as diferentes cores, associando-as a alimentos e objetos.</p> <p>Após colorir os círculos e símbolos disponibilizados, Laura chamou-nos.</p> <p>Misturámos os lápis azuis, com os amarelos e vermelhos e solicitámos à criança que os colocasse no local certo - os azuis no copo dos azuis, os vermelhos no copo dos vermelhos e os amarelos no copo dos amarelos.</p> <p>O progenitor ajudou Laura neste processo, repetindo as três cores diferentes - a criança ainda as confunde.</p> <p>José dirige-se a nós referindo que Anabela também teve dificuldade em aprender as cores.</p> <p>Laura solicitou-nos um jogo - um jogo dos animais.</p> <p>Os irmãos chegaram tarde à visita, deixei que interagissem livremente com o progenitor.</p>	<p>A certa altura, Laura dirige-se ao gabinete e mostrar-nos a massa á colorida (por si e pelo pai).</p> <p>Acompanhámos a criança até à sala de visitas e sentamo-nos com ela a pintar. De seguida, colocámos algumas questões sobre as diferentes cores e referimos que a massa irá secar e numa próxima visita faremos as tiras para decorar a sala de visitas.</p> <p>Durante a atividade, Laura coloca, várias vezes, o pincel na boca quando necessita de pegar na massa e utilizar as duas mãos. O progenitor quis tirar uma fotografia para mostrar à avó.</p> <p>Referimos que quando quisessem parar a atividade, arrumaríamos o material.</p> <p>Os irmãos João e Anabela chegaram perto das 18h, ambos quiseram pintar algumas massas.</p> <p>Mostraram entusiasmo e vontade de continuar após terminar a visita.</p>	<p>um pouco. José ajuda-a, reforça as cores e questiona a criança se consegue ver bem.</p> <p>Passado algum tempo de interação livre, a criança veio mostrou-nos, com entusiasmo e satisfação, uma tira completa.</p> <p>Nos momentos em que recorre a nós e solicita alguma ajuda, intervimos no sentido de estimular a interação entre ambos.</p>		
Data: 07/02/2018	Data: 28/02/2018	Data: 01/03/2018	Data: 07/03/2018	Data: 14/03/2018	Data:

ANEXO IV – GUIÃO DE OBSERVAÇÃO

PARTE I

CARATERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA DA FAMÍLIA DAS CRIANÇAS

1. Inserção socioprofissional das famílias

Condição dos progenitores perante o trabalho;

Trajectoria escolar e profissional;

Rendimentos provenientes do trabalho;

Habilitações Literárias;

Grau de satisfação com o emprego;

Perspetivas de concretização de projetos futuros.

2. Condições habitacionais

Tipo de habitação;

Adequabilidade e estado de conservação da habitação;

Número de elementos que compõem o agregado familiar;

Despesas fixas (renda, água, luz e gás);

Caraterização do meio envolvente;

Recursos e apoios sociais existentes.

PARTE II

DINÂMICA DAS VISITAS EM CONTEXTO RESIDENCIAL

1. Comportamento manifestado pelos adultos

Solicita informações sobre a criança (bem-estar, desenvolvimento, comportamento)

Elogia os progressos da criança

Estabelece regras/limites face a comportamentos desadequados da criança

Expressa desejo de prolongamento do tempo de visita

Atende a necessidades expressas pela criança

Procura confortar a criança

Despede-se da criança

Demonstra irritação persistente

Concentra-se na criança

Provoca ou mantém discussões ou conflitos com os adultos (cuidadores da CA ou outros presentes)

Sobrecarrega a criança com preocupações pessoais

Interrompe bruscamente a interação, terminando a visita

Assume atitudes de sedução/abuso em relação à criança

2. Na presença de irmãos (várias crianças presentes na visita)

Demonstra tratamento preferencial por uma das crianças

Gere a atenção pelas crianças

Gere situações de conflito entre as crianças

3. Comportamentos manifestado pelas crianças

A criança rejeita a atenção da família procurando a atenção do técnico

Dá início às interações (conversas/brincadeiras)

Mostra preferência por um elemento do agregado

Silêncios prolongados

Isolamento/afastamento do adulto

Choro e/ou zanga

Rejeição de contacto físico

4. Intervenção da Casa de Acolhimento junto das famílias

Que intervenção (não) é feita com a família?

Os progenitores podem efetuar visita a qualquer hora, ou têm que obedecer a horários definidos?

Os progenitores podem apropriar-se dos espaços dos seus filhos ou existem espaços próprios para as visitas?

Quem está presente durante a visita?

Os progenitores são orientados em termos de interação com as crianças?

Como e quem desenvolve esse trabalho?

Os progenitores participam nas rotinas da CA?

Estão presentes nos momentos relevantes na vida das crianças (épocas festivas, reuniões de escola, atividades lúdicas)?

ANEXO V – MODELO DE GRELHA DE REGISTO DE EVIDÊNCIAS

Identificação da criança																															
Nome:																Idade:															

Janeiro																																
Competências a desenvolver	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	
- Contar uma história com e sem ajuda de ilustrações.																																
- Identificar as condições climáticas.																																
- Distinguir alimentos benéficos de prejudiciais.																																
- Contar até 10.																																
- Nomear 4 formas.																																
Conhecer os opostos.																																
Memorizar 3 objetos.																																
Desenhar linhas e formas geométricas																																
Rasgar, Colar, Moldar, Folhear.																																

ANEXO VI – SÍNTESES E FICHAS DE EXERCÍCIO

GRAMÁTICA – 4º Ano

	<u>Pronomes Pessoais</u>	
	Singular	Plural
1ª Pessoa	Eu	Nós
2ª Pessoa	Tu	Vós
3ª Pessoa	Ele/Ela	Eles/Elas

Artigos definidos	Artigos indefinidos
o, a, os, as	Um, uma, uns, umas

<u>Adjetivos</u>	<u>Grau normal</u>
A Flor é amarela .	A minha amiga Ana é bonita
O Peixe é vermelho .	O vestido é preto.
A Casa é bonita .	Eles são dorminhocos.

<u>Grau comparativo</u>	
<u>Grau comparativo de inferioridade</u>	<u>Grau comparativo de superioridade</u>
A Alice é menos preguiçosa que o João.	A Joanhinha é mais atenta do que o André.
A flor é menos pesada do que o livro.	O ananás é maior do que a ervilha.
O lápis é mais comprido do que a borracha	O caracol é mais lento do que a águia.

<u>Grau Superlativo Relativo</u>	
<u>Grau superlativo relativo de inferioridade = o menos</u>	<u>Grau Superlativo relativo de superioridade = o mais</u>
O Pedro é o menos inteligente da turma	A Rosa é a pessoa mais educada deste mundo!
A Sofia é a menos faladora do grupo de amigas.	A Diana é a mais rápida das corredoras.

<u>Grau Superlativo Absoluto</u>	
<u>Grau superlativo absoluto Analítico</u> (muito; extremamente, imensamente, excessivamente).	<u>Grau superlativo absoluto Sintético</u> (sufixo – íssimo, - imo, ílimo)
A sobremesa é muito doce	A sobremesa é dulcíssima.
O teste foi extremamente fácil.	O teste foi fácilimo.
O professor é muito inteligente.	O professor é inteligentíssimo.

<u>Sílabas Tónicas – pronuncia com mais intensidade</u>		
<u>Agudas</u> silaba tónica é a <u>última</u> .	<u>Graves</u> silaba tónica é a <u>penúltima</u>	<u>Esdrúxulas</u> silaba tónica é a <u>antepenúltima</u>
<u>Ex.</u> além, anel, amor, peru, belém, Nicolau.	<u>Ex.</u> amável, bondoso, cadeira, girafa, lápis.	<u>Ex.</u> água, história, última, música, lâmpada. (todas as palavras esdrúxulas têm acento)

Acento agudo: código **Acento grave:** àquele **Acento circunflexo:** Inês **Til:** Cão

Retrato Físico e Psicológico	
Caraterísticas Físicas	Caraterísticas Psicológicas
- olhos castanhos/azuis	- divertida
- pele escura/clara	- alegre/triste
- rosto oval/redondo	- preguiçoso
- estatura média/alta/baixa	- inteligente
- boca grande/pequena	- amiga
- nariz achatado/bicudo	- empenhada
- cabelo curto, preto e ondulado/liso	- estudiosa
- roupa desportiva	- brincalhona
- brincos /colares/anéis	- teimosa
- saia cor de rosa/ camisola verde	- dorminhoca

FICHA nº1

1. Completa com os pronomes pessoais

_____ não tínhamos o guarda-chuva.

_____ vais jogar à bola?

_____ não tinhas o guarda-chuva.

_____ trabalham muito.

_____ não tinham o guarda-chuva.

_____ comprou uma saia.

_____ não tinha o guarda-chuva.

_____ acordais cedo!

_____ não tínheis o guarda-chuva.

_____ fui ao cinema.

Eu e os outros animais estamos muito assustados. _____

O rato e a baleia encontraram-se no mar. _____

2. Completa utilizando os artigos indefinidos

_____ padrinhos

_____ braços

_____ vez

_____ mesas

_____ estômago

_____ água

3. Completa utilizando os artigos definidos.

_____ flor.

_____ homens.

_____ pássaro.

_____ ave.

_____ leões.

_____ professora.

_____ bolachas.

_____ amigo.

4. Identifica o grau dos adjetivos.

4.1. A minha irmã é mais baixa do que eu.

4.2. Comer feijão é mais saudável do que comer arroz.

4.3. O perfume da Maria é tão cheiroso quanto o da Ana.

4.4. A Carolina é mais rápida do que a Soraia.

4.5. A Vanessa pesa menos do que o João.

4.6. A Sara é tão estudiosa quanto a Joana.

4.7. O Joel é mais brincalhão do que o Tiago.

5. Identifica, novamente, o **grau dos adjetivos**.

5.1. O Luís é o mais alto de todos.

5.2. O Rui é o menos inteligente da turma.

5.3. A Joaquina tem o cabelo lindíssimo.

5.4. O Francisco é muito alto.

6. Lê as seguintes frases: **A coruja é um animal muito inteligente.**

A vela foi construída com um lençol velho e rasgado.

a) Identifica os adjetivos _____.

b) Identifica os graus _____.

c) Com o mesmo adjetivo, escreve uma frase onde eles estejam no grau superlativo absoluto sintético.

7. Rodeia **a sílaba tónica**.

Casa Escola Pedro Índio Lágrima Sofá Vitória Café
Também História Lápis Camelo Cola Japonês Sabão Código

Palavras agudas	Palavras graves	Palavras Esdrúxulas

8. Recorda o que são **famílias de palavras**.

Mar –

Terra -

9. Faz o teu retrato físico e psicológico.

FICHA nº2

1. Completa com os pronomes pessoais

_____ não sabíamos ler.	_____ vou jogar à bola?
_____ comia muito chocolate.	_____ trabalham muito.
_____ fiz um buraco na areia.	_____ comprou uma camisa.
_____ saímos de casa cedo.	_____ acordais cedo!
_____ não tínheis guarda-chuva.	_____ foram ao circo.

O João e a Maria estavam muito assustados. _____

A borboleta Joaninha voou sobre o mar. _____

Eu e os meus amigos somos muito unidos _____

2. Completa utilizando os artigos definidos.

_____ pássaro caiu do ninho e _____ sua mãe apanhou-o com carinho.
_____ Sofia comeu _____ amoras com gulodice, chamou _____ seus amigos, _____ cão Filipe e brincaram toda _____ manhã.
_____ amigos Duarte e Ricardo foram à praia com _____ suas amigas favoritas.

3. Completa utilizando os artigos indefinidos.

No campo havia _____ flor que era tratada por _____ agricultor com muito amor.
A Maria tinha um saco rosa e _____ bolachas amarelas. Na escola _____ professora disse-lhe que na selva havia _____ ave muito grande, leões e _____ hipopótamos .

4. Identifica o grau dos adjetivos.

4.1. A minha amiga Susana é mais baixa do que eu.

4.2. O padrinho João é mais gordo do que avô Jorge.

4.3. O perfume da Maria é tão cheiroso quanto o da Ana.

4.4. A Carolina é a mais rápida da turma.

4.5. A Vanessa pesa menos do que o João.

4.6. A Sara é tão estudiosa quanto a Joana.

4.7. O Joel é o mais brincalhão dos amigos.

4.8. O Luís é altíssimo.

4.9. O Rui é o muito inteligente.

4.10. A Maria tem o cabelo curtíssimo.

4.11. O Francisco é excessivamente magro.

5. Lê as seguintes frases: **A Professora Amália é muito bonita.**

O vestido é preto.

A caixa de sapatos está velhíssima.

a) Identifica os adjetivos _____.

b) Identifica os graus _____.

c) Com o mesmo adjetivo, escreve uma frase onde eles estejam no grau superlativo relativo de inferioridade.

8. Recorda o que são **famílias de palavras**.

Ar –

Flor -

9. Faz o retrato físico e psicológico da tua melhor amiga.

FICHA nº3
GRAMÁTICA – 4º Ano

	<u>Pronomes Pessoais</u>	
	Singular	Plural
1ª Pessoa	Eu	Nós
2ª Pessoa	Tu	Vós
3ª Pessoa	Ele/Ela	Eles/Elas

Conjugações dos Verbos	
1ª conjugação	verbos terminados em -ar
2ª conjugação	verbos terminados em -er/-or
3ª conjugação	Verbos terminados em -ir

<u>Verbo Cantar</u>			
Presente	Futuro	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito
Eu canto	Eu cantarei	Eu cantei	Eu cantava
Tu cantas	Tu cantarás	Tu cantaste	Tu cantavas
Ele canta	Ele cantará	Ele cantou	Ele cantava
Nós cantamos	Nos cantaremos	Nós cantamos	Nós cantávamos
Vós cantais	Vós cantareis	Vós cantaste	Vós cantáveis
Eles cantam	Eles cantarão	Eles cantavam	Eles cantavam
<u>Verbo Comer</u>			
Presente	Futuro	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito
Eu como	Eu comerei	Eu comi	Eu comia
Tu comes	Tu comerás	Tu comeste	Tu comias
Ele come	Ele comerá	Ele comeu	Ele comia
Nós comemos	Nos comeremos	Nós comemos	Nós comíamos
Vós comeis	Vós comereis	Vós comeis	Vós comíeis
Eles comem	Eles comerão	Eles comeram	Eles comiam

<u>Verbo Dormir</u>			
Presente	Futuro	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito
Eu durmo	Eu dormirei	Eu dormi	Eu dormia
Tu dormes	Tu dormirás	Tu dormiste	Tu dormias
Ele dorme	Ele dormirá	Ele dormiu	Ele dormia
Nós dormimos	Nos dormiremos	Nós dormimos	Nós dormíamos
Vós dormis	Vós dormireis	Vós dormistes	Vós dormíeis
Eles dormem	Eles dormirão	Eles dormiram	Eles dormiam

Modos	
<u>Indicativo</u> (Ações reais)	<u>Imperativo</u> (Ordens/pedidos)
Ex. Nós fomos ao cinema Eles terminaram os TPC.	Ex. Joanelha, vai dormir! Estudem muito.

Tipos de Discurso	
Discurso Direto	Discurso indireto
- Ontem fiz os trabalhos de casa e a professora ficou contente comigo.	A Joanelha disse que ontem fez os trabalhos de casa e que a professora ficou contente com ela.
- João, tens que fazer sempre os trabalhos de casa !	A Sofia disse ao João que este tem que fazer sempre os trabalhos de casa.
- Artur, posso comer uma maçã?	A Ana perguntou ao Artur se podia comer uma maçã.

<u>Determinantes/Pronomes Demonstrativos</u>		Distinção entre Determinante e Pronome
Demonstrativos	Possessivos	Determinante acompanha sempre o nome. Ex. <u>Aquela</u> <u>saia</u> é tão bonita. O <u>meu lápis</u> é verde claro. A <u>tua camisa</u> é brilhante. Pronome substitui o nome. Ex. <u>Esse</u> é muito alto. <u>Este</u> é mais engraçado. <u>Esse</u> estojo é <u>meu</u> .
Este/Esta	Meu/Minha	
Esse/Essa	Teu/Tua	
Aquele /Aquela	Seu/Sua	
Estes/Estas	Nosso/Nossa	
Esses/Essas	Vosso/Vossa	
Aqueles/Aquelas	Seus/Suas	

1. Completa com os determinantes/pronomes demonstrativos.

_____ galo é bom cantor.	_____ sim.
_____ saia é tão bonita.	_____ trabalham muito.
_____ gato é um safado!	_____ fica-te bem.
_____ argolas são novas?	_____ acordaram cedo.
_____ guarda-chuva partiu.	_____ foi ao cinema.

2. Sublinha os determinantes e pronomes pessoais.

A minha afia é boa.	Os teus olhos são castanhos.
A tua é tão bonita.	As nossas galinhas voam.
Os seus são muito grandes.	O meu amigo chamou-te.
A tua avó é querida.	As vossas vizinhas falam baixo.
As minhas são mais altas.	Os seus estão sujos.

3. Transcreve para o discurso indireto as frases escritas no discurso direto.

Estou muito assustada com o barulho da trovoad.

Joel, a Rosa está na sala?

4. Completa utilizando os artigos indefinidos

_____ pássaros	_____ argolas	_____ copo
_____ mesa	_____ botões	_____ árvore

5. Completa utilizando os artigos definidos.

_____ Matilde.	_____ homem.	_____ balde.	_____ raposa.
_____ rapazes.	_____ professoras.	_____ amigas.	_____ bife.

6. Lê as seguintes frases: As tuas calças são mais escuras do que as minhas.

A torre foi construída com legos pequeníssimos.

a) Identifica os adjetivos _____.

b) Identifica os graus _____.

c) Com o mesmo adjetivo, escreve uma frase onde eles estejam no grau comparativo de inferioridade .

_____.

7. Refere em que conjugação se encontram os seguintes verbos.

Amar

Sorrir

Dormir

Cantar

Comer

Ver

7.1. Coloca os verbos no Presente, Futuro, P. Perfeito e imperfeito do indicativo.

ANEXO VII

ATIVIDADE 1: ÁRVORE DE NATAL DA FAMÍLIA



ANEXO VIII – ATIVIDADE 2: ANIMAIS DA QUINTA



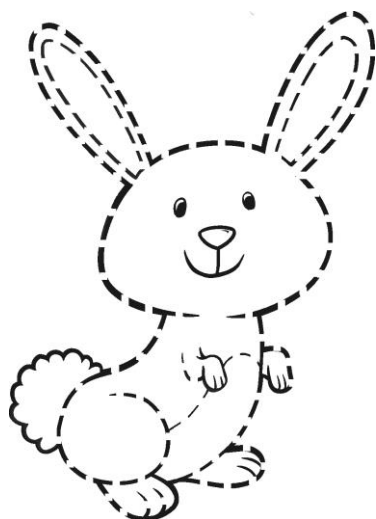
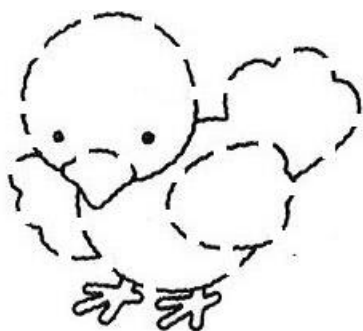
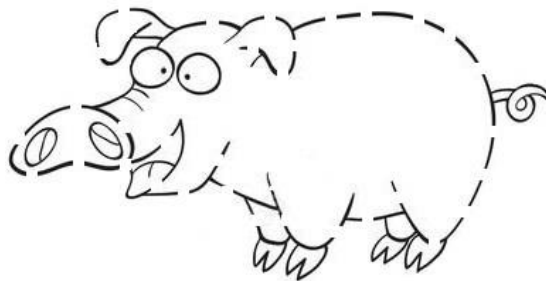
ANEXO IX – HISTÓRIA JOGO “JÁ SEI CONTAR!”

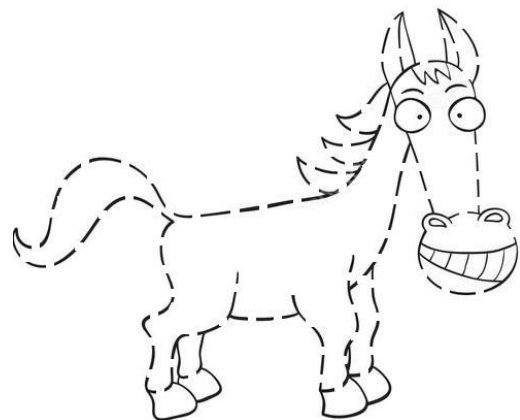
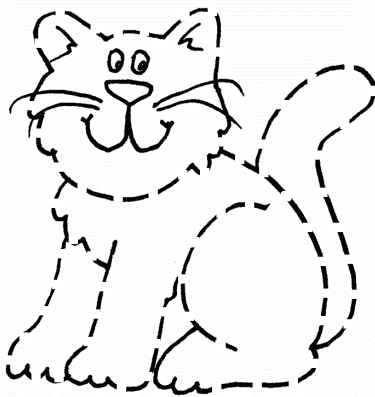
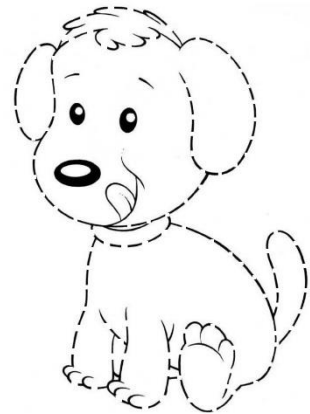
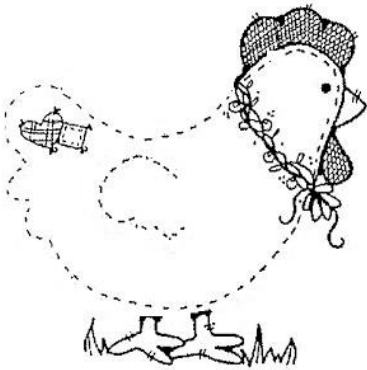
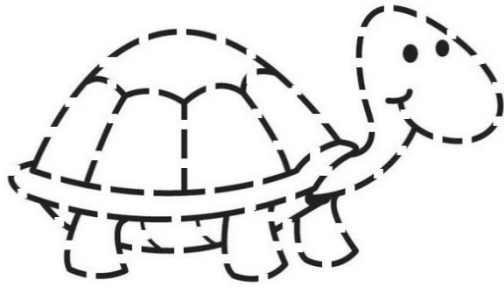


ANEXO X – CARTÕES DOS ANIMAIS



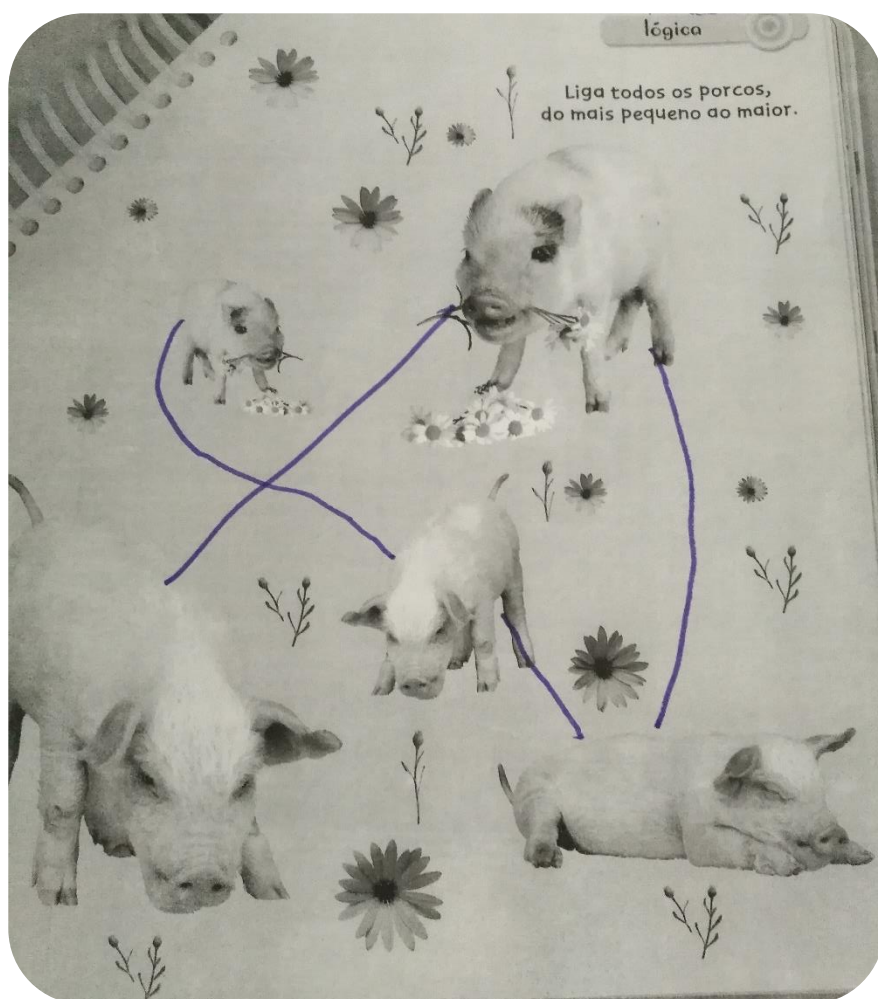
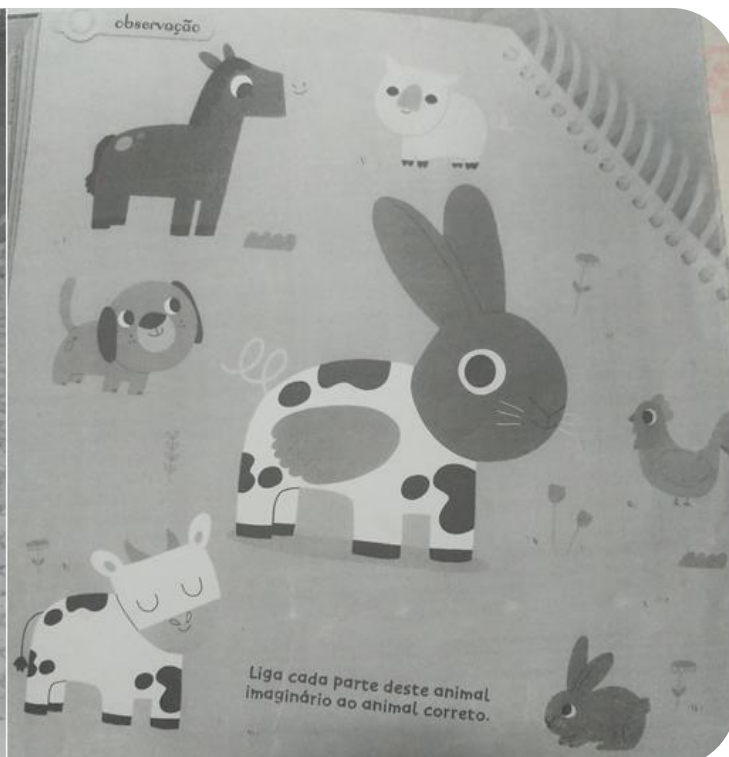
ANEXO XI - IMAGENS PARA COLORIR





ANEXO XII – MATERIAIS LÚDICO E DIDÁTICO PEDAGÓGICO





ANEXO XIII – REGISTO FOTOGRÁFICO ATIVIDADE 3: ARCO ÍRIS ORIGINAIS



ANEXO XIV - PAINÉIS E IMAGENS



ANEXO XV – MASSA ALIMENTAR E TINTAS GUACHE





ANEXO XVII - TIRAS DE MASSA DECORATIVA



ANEXO XVIII - ARCO-ÍRIS ORIGINAIS



ANEXO XIX – CAIXAS DA FAMÍLIA

